

Cláudio DeNipoti

Páginas de prazer

A sexualidade através da leitura no início do século

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Curso de Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,

Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi.

Curitiba

1994

Cláudio DeNipoti

Páginas de prazer

A sexualidade através da leitura no início do século

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Curso de Pós Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,

Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi

Curitiba

1994

Cláudio DeNipoti

Páginas de prazer
A sexualidade através da leitura no início do século.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi
Departamento de História, UFPR

Profª. Dra. Etelvina de Castro Trindade
Departamento de História, UFPR

Prof. Dr. Elias Tomé Saliba
Departamento de História, USP

Curitiba, 1994

À Bete.

Agradecimentos:

Euclides Marchi, Ana Maria de Oliveira Burmester,
Sérgio Odilon Nadalin, Francisco Moraes Paz,
Anamaria Fillizola, Ronald Raminelli, *Elvira Mari Kubo*,
Ana Paula Vosne Martins, *Etelvina Trindade*,
Elizabele Berberi, Roseli Boschilia, Soraya Regina de
Oliveira, *Marcelo Saldanha Sutil*, Rafael Augustus
Sega, ERIVAN CASSIANO KARVAL, *Pedro do Rosário Neto*,
Marcos Henrique Camargo, *Funcionários da Seção de
Documentação Paranaense da Biblioteca Pública do
Paraná*, Funcionários da Biblioteca Pública de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
VENTURAS E DESVENTURAS DE UM BIBLIOTECÁRIO	04
"CARO LEITOR..."	36
A produção do conhecimento "científico" do século XIX sobre a sexualidade	37
A geração universal	45
A utopia social de Paolo Mantegazza	52
O universo ficcional da sexualidade	67
SOBRE O QUE ESCREVERAM OS LEITORES	84
Oscar Martins Gomes	96
Manoel Lacerda Pinto	99
Ildfonso Correia	103
Raul Gomes	105
Dr. Santiago e Genoveva Zebroska.	113
LEITURAS E LEITORES	123
NOVAMENTE O BIBLIOTECÁRIO	135
GRÁFICOS	144
FONTES	145
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148

INTRODUÇÃO

[...] O historiador procura situar e interpretar temporalmente o artefato [cultural], num campo onde se cruzam duas linhas. Uma é vertical, ou diacrônica, com a qual ele estabelece a relação de um texto ou sistema de pensamento com expressões anteriores no mesmo ramo de atividade cultural (pintura, política, etc.). A outra é horizontal, ou sincrônica; com ela o historiador avalia a relação do conteúdo do objeto intelectual com as outras coisas que vêm surgindo, simultaneamente, em outros ramos ou aspectos de uma cultura. O fio diacrônico é a urdidura, e o sincrônico é a trama do tecido da história cultural. O historiador é o tecelão, mas a qualidade do tecido depende da firmeza e cor dos fios. Ele tem que aprender um pouco de fiação com as disciplinas especializadas, cujos estudiosos, na verdade, perderam o interesse de utilizar a história como uma de suas modalidades básicas de entendimento - mas ainda sabem melhor do que o historiador o que constitui, em seu ofício, um fio resistente de cor firme. O rústico tecido caseiro do historiador será menos fino que o deles, mas, se imitar o método de confecção, ele fiará fios bastante prestáveis para a talagarça que é chamado a fazer.¹

Tecer a trama da história. Fiar o passado a partir de pequenos fragmentos de fio abandonados no passado, para, reconstituídos, comporem o tecido que é o objetivo do trabalho do historiador. Esta é a tarefa que o historiador tem, face aos escombros e ruínas do passado. Histórias esquecidas ou forçadas ao esquecimento por visões vencedoras, histórias mitificadas para servirem a fins os mais diversos no presente e para projetar o paraíso futuro.

Diante das perspectivas que um tal trabalho oferece, o próprio tempo do historiador parece insuficiente e seus esforços são recompensados de forma lenta, porém cumulativa. Os pedaços unem-se formando os fios, os fios são colocados no tear e o tecido é feito.

¹ SCHORSKE, Carl E. *Viena Fin-de-Siècle*; política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras; Campinas: Editora da Unicamp, 1988, p.17.

Este trabalho tentará tecer um algodão rústico sobre a leitura e, através dela, a sexualidade no passado. A aventura de um aprendiz de tecelão começará com um achado singular, o primeiro grupo de pedaços de fio envelhecidos. Ao ser apresentado aos livros de registros de consultas e retiradas da Biblioteca Pública do Paraná, o aprendiz pode ver ali esses trapos dos quais se utilizaria na confecção dos fios. Juntaram-se imediatamente outros fiapos, relacionados com a exuberante produção literária simbolista do início do século, e o rico mercado editorial de uma Curitiba do passado bastante lembrada recentemente, mas que ainda tem muito a mostrar.

Nessa trama, quatro tons temáticos se confundem naquela produção literária, unida à produção dos livros consultados pelos leitores na Biblioteca Pública do Paraná. Amor, casamento, sexo e sexualidade intercalam-se nos escritos de médicos, antropólogos, romancistas e poetas. As combinações fazem o tecido adquirir matizes diferenciados à medida que apresentam-se o casamento com amor, o sexo na sexualidade, o sexo dentro e fora do casamento, o sexo sem amor, etc... Mais que buscar cada um desses conceitos, procurar-se-á ver opiniões e representações onde esses temas aparecem conjugados. Se para a maior parte dos médicos interessa o sexo no casamento - e suas conseqüentes perversões - para os literatos, a matéria prima principal é o amor e, através dele, o casamento. Nessas conjugações, o tecido passa a tomar corpo e forma.

O início desse trabalho, portanto, dá-se com os registros de retirada e consulta de livros entre 1911-18.² Segue-se com a procura por informações que os

² Os registros dos livros de retirada da Biblioteca Pública do Paraná foram seletivamente levantados para esta pesquisa. No total foram anotadas 3.320 retiradas entre 1911 e 1918, sendo 429 para 1911 (todos os registros disponíveis), 1.516 entre 1912 e 1914 (somente para obras de literatura e do *corpus* de "educação sexual") e 1.345 entre 1915-1918 (especificamente para as obras de Aluísio Azevedo, José de Alencar, Manoel de Macedo, Eça de Queiroz, Boccaccio, Paolo Mantegazza, Pierre Garnier e Assenio de Chatenay), com 31 registros sem data definida sendo anotados entre 1911 e 1912.

leitores curitibanos do período poderiam obter quanto à sexualidade (amor, casamento, sexo...), buscada principalmente na produção médica européia sobre o tema, durante o século XIX e na produção literária brasileira do mesmo período. O passo seguinte da tecelagem, são os escritos legados por aqueles leitores encontrados nos livros de registro, escritos esses produzidos simultanea e posteriormente ao período 1911-18, chegando até a década de 20 deste século. Finalmente, o arremate do tecido é dado por uma série de conclusões sobre como a leitura possa ter influenciado esses leitores em sua própria produção literária e/ou profissional, atingindo o principal objetivo do trabalho, o de buscar indícios sobre a leitura no passado.

Como instrumento de trabalho, o artesão criou, de sua própria fantasia, um personagem que iniciará a tecitura e fará o acabamento do tecido, além de tingi-lo com suas cores bastante particulares. E a trama se comporá através de um percurso que sai da cidade, passa à biblioteca, busca seu acervo, os autores de parte desse acervo, os leitores, e novamente as obras, agora produzidas pelos leitores, tentando cruzar os fios nos locais mais corretos o maior número de vezes.

Nesse percurso, o tecido assumirá cores as mais diversas, da poesia à violência, na tentativa de compreender parte de um universo de pensamento no passado.

VENTURAS E DESVENTURAS DE UM BIBLIOTECÁRIO

Manhã do dia 2 de maio de 1911. Imaginemos um jovem funcionário do governo, um bibliotecário, que se aprontava para sair de sua residência de celibatário e ir ao trabalho. Imaginemos, juntamente com o cronista, que: "[...] na quietação deliciosa do quarto aonde caíha uma meia sombra doce [...], já quasi todo vestido, dava o laço na gravata, impaciente, soltando uma praga de quando em vez. Eram 9 horas da manhã e ouvia-se na rua a sineta do carro do lixo."¹ Esse funcionário, em 1859, chamar-se-ia Joaquim Dias da Rocha ou Ermelino de Leão.² Em 1918, o diretor da biblioteca referia-se a ele, em lacônicos bilhetinhos, simplesmente como "Senhor Reginaldo". Em 1911 porém, ele pode ter qualquer nome. Não é sua identidade que nos importa mas sua figura, sua função e os desdobramentos de seu trabalho. Nesse ano, nosso personagem trabalha com um outro seu igual, ambos jovens, ambos com salários de aproximadamente 20\$000 réis mensais, e, queremos crer, solteiros.³ Trabalhava na Biblioteca Pública do Paraná (BPPR), que então funcionava em uma das salas do *Gymnasio Paranaense*, depois de migrar por uma série de outros endereços que não eram exclusivamente seus, durante os mais de cinquenta anos passados desde de sua instalação efetiva, em 1859.

Saindo, ele tomaria um bonde para ir até a parte central da cidade onde se localizava o *Gymnasio*, já que seu salário provavelmente não lhe possibilitaria alugar uma casa central.⁴ Uma vez no centro, ele começaria a caminhar pela cidade.

¹ FERRÃOZINHO, "Venturas". *O Olho da Rua*, Curitiba, a.11, n. 24, s./p., 21/mar./1908. /Optou-se por manter a ortografia original em todas as citações de época/.

² Esses foram os dois primeiros bibliotecários na Biblioteca Pública do Paraná. Ver: *O Dezenove* Curitiba, n. 96, s./p., 05/ mar./1859.

³ "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a.VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911.

⁴ DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo. p. 50.

Imaginemos que houvesse sol, ainda que o mau tempo curitibano fosse já na época objeto de inúmeros comentários, com a lama da rua sendo constantemente incluída em descrições da cidade e em versos que a amaldiçoavam.⁵ Mas para todos os efeitos, imaginemos então um dia ensolarado, com a temperatura tipicamente outonal de maio. Nesse dia as ruas estariam poeirentas, já que apenas as ruas centrais eram pavimentadas e devido ao nosso sol imposto sobre o passado. Ao caminhar por elas, nosso bibliotecário certamente lembrar-se-ia da conferência realizada pelo engenheiro francês Mr. Bouvard, no dia 27 de abril, onde esse pregava a absoluta necessidade do calçamento para a cidade como um dos passos mais importantes para a "modernização". A questão do calçamento das ruas da cidade permeia toda a segunda metade do século XIX. Em 1857, o engenheiro Pedro Taulois, ao mesmo tempo em que estimava a população de Curitiba em aproximadamente 3.000 habitantes, fornecia um detalhado orçamento para a pavimentação das ruas da cidade.⁶ A conferência de Bouvard gerou artigos inflamados nos jornais locais nos dias seguintes, inclusive nessa mesma terça-feira em que encontramos nosso "moço" aprontando-se, onde se criticava a resistência que os proprietários impunham ao calçamento e a falta de atitudes por parte da administração pública.⁷

Essas ruas já comportavam muitos dos "sonhos utilitários" de vários habitantes da cidade. Com o impulso econômico advindo da erva mate, a cidade passara por processos de "modernização" resultantes dos confrontos entre habitantes e administradores durante o século XIX. Esses moradores, ainda que insistissem na "manutenção da geometria barroquizante do traçado das ruas [...] queriam obras que

⁵ ZUAVE. "Ironia". *O Olho da Rua*, Curitiba, a. IV, n. 04, s./p., 08/jul./1911.

⁶ VICTOR, Nestor. *A terra do futuro*; impressões do Paraná. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

⁷ *Diário do Commercio*, Curitiba, a.XIV, n.3795, p.1, 28/abr./1911; *A República*, Curitiba, a. XXVI, n.101, s./p., 02/mai./1911.

mudassem radicalmente as feições das mesmas".⁸ A partir dos anos de 1880, as transformações urbanas que os curitibanos invejavam à Paris e à Capital Federal, começam a ser implantadas. Surgem os bondes de tração animal, a eletricidade, água encanada, o Passeio Público, os teatros, as estradas de ferro ligando a cidade com o litoral e com o interior, enfim, todo o necessário para que a cidade fosse efetivamente o "lugar do divertimento" que "flanadores em potencial" reivindicavam desde meados do século XIX para os núcleos urbanos paranaenses.⁹ No ufanismo de um Rocha Pombo ausente, "[...] o movimento da cidade é [em 1900] extraordinário, e a vida de Curitiba é já a vida afanosa de um grande centro".¹⁰

Outro comentário da cidade no início do século é fornecido por Nestor Victor, em seu relato sobre o Paraná publicado em 1913, onde a cidade choca o observador ausente: "[...] Curitiba ganhava um outro ar, outro porte, lembrando uma camponesa, nossa antiga conhecida, que encontramos no fim de um certo tempo, já com os donaires e a louçania de uma cidadã [...]"¹¹. Em seu relato, a cidade fervilha de ar urbano, com as ruas cheias de desconhecidos em constante movimento:

Com o correr do dia, entre os abraços e carinhos de tantos amigos e velhos conhecidos [...] é que pude ir fazendo uma idéia mais exacta do movimento actual da cidade, mórmente do daquela artéria principal cuja frequência se impõe á maior parte da população curitibana.
- Não observas, perguntava-me um amigo, como a rua Quinze está diferente do que era no seu tempo? Olha que movimento ella tem hoje! Vê como passa uma verdadeira multidão de gente que não sabemos quem seja, quando ha quinze annos atrás eram poucos os transeuntes aqui que ao menos não conhecêssemos de vista.
Eu concordava, convencido da verdade de tais observações [...]"¹²

⁸ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense. (1829-1889)*. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. p. 171.

⁹ *Ibid.*, p. 168-74.

¹⁰ POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 141, apud PEREIRA... p. 173.

¹¹ VICTOR... p. 114

¹² *Ibid.*, p. 123.

As ruas de Curitiba estão sujeitas ao olhar do *flâneur* - e porque não vemos nosso bibliotecário como um deles - já que era isso que se buscava para atribuir à cidade seu caráter urbano propriamente dito. Ao caminhar pelas ruas, o homem que agora já pode se perder na "multidão" crescente da cidade - a população cresce aproximadamente "60 famílias por mês", com cerca de 40 a 50 mil habitantes em 1911¹³ - observa, escrutina e mapeia a própria cidade através de seus habitantes. Vê nos prédios recém construídos, os signos de um tempo desejado, que aponta para futuras novidades igualmente almeçadas - entre as quais o calçamento urbano que permitirá ao *flâneur* não sujar suas roupas de lama ou de poeira. Ele é "o primeiro crítico que, gerado existencialmente pela multidão, envolvido por ela, a goza com prazer e se angustia profundamente por ela".¹⁴ O *flâneur* é o detetive inconsciente das ruas e da multidão que por elas passa, buscando ver em ambas os signos das rápidas mudanças que caracterizaram todo o mundo ocidental a partir do século XIX.¹⁵

Porém, há um corolário para esse processo de modernidade. Esse período é essencialmente marcado pelo início da aceitação e difusão de uma nova concepção arquitetônica. Passa-se de uma matriz centrada na estética das fachadas dos prédios para uma outra onde a "prioridade do enfoque espacial, que antes estava voltada para a rua, passou a recair sobre os objetos arquitetônicos" criando conflitos sociais que são apontados por Magnus Pereira:

Por detrás das fachadas ecléticas que começavam a tomar conta das ruas centrais de Curitiba, como a XV de Novembro, proliferavam os cômodos onde se empilhavam os caixeiros e as costureirinhas. Pelos boulevards da cidade perambulavam imigrantes andrajosos. A cidade fora tocada definitivamente por esse processo de modernidade

¹³ Ibid., p. 115.

¹⁴ SEVCENKO, Nicolau. "Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 69-83, set./1985-abr./1986, p. 75. Ver também: POE, Edgar Allan. "The man of the crowd". In: *The complete tales and poems of Edgar Allan Poe*. New York: Modern Library, 1965, p.475-81.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 38.

universal capaz de arrancar camponeses de lugares inimagináveis como a Galícia, a Cracóvia, o Vêneto, o Tirol ou até mesmo a Islândia, para atirá-los junto com guarapuavanos ou parnanguaras numa localidade ainda mais inimaginável da América do Sul.¹⁶

Para além dos aspectos estéticos, a cidade está sendo submetida a uma higienização, constantemente confundida com processos modernizantes e urbanizadores, que visa livrá-la dos miasmas transmissores de doenças. O poder público alia-se, como de resto em várias outras cidades do país e do mundo¹⁷, ao saber médico para transformar as ruas pejudadas de lixo e sujeira, em locais onde a urbanidade burguesa de seus habitantes pudesse ser mostrada. Para isso, passa-se a normatizar aspectos tão corriqueiros da existência quanto a venda de leite e carne.¹⁸ Os resultados são múltiplos e imbricados entre si: especulação imobiliária e conseqüente deslocamento da população pobre para fora do centro; conflitos entre governo e população resultante das soluções dadas pelo primeiro aos "problemas" que se lhe apresentavam naquele momento, etc...¹⁹ Nas palavras de Emiliano Pernetta, na Curitiba de 1911 "os pobres e os sapos vão indo cada vez mais para longe [...]"²⁰

O bibliotecário, ao ler os jornais do dia, deparar-se-ia, além da questão do calçamento (já citada), com reclamações quanto ao serviço dos bondes e com o empolgado comentário sobre a ação da polícia contra vários mendigos, separando

¹⁶ PEREIRA... p. 174 - 95.

¹⁷ Ver: BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 35-68, set./1985-abr./1986; e PECHMAN, Sérgio & FRITSCH, Lilian. "A reforma urbana e seu avesso; algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 139-196, set./1985-abr./1986.

¹⁸ GANZ, Ana Maria & GANZ, Ângela Lúcia. "A 'questão do leite' em Curitiba; o saber preventivo e a resistência cotidiana". *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 27-46, mar./1988. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.

¹⁹ DE BONI,... p. 29-62.

²⁰ VICTOR,... p. 127.

"joio do trigo, isto é, os falsos pobres dos verdadeiros",²¹ dois exemplos dentre os inúmeros conflitos estabelecidos em uma cidade com pretensões cosmopolitas.

Ainda é Nestor Victor que nos diz sobre como poderia ser uma manhã curitibana como aquela do dia 2 de maio de 1911, quando nosso personagem lia seus jornais:

Ainda havia pouco movimento na cidade. Ali não se madruga propriamente: o clima permite-nos gozar com prazer o concheço dos lençóis[...]

Enquanto conversávamos, ia-se animando aos poucos o trânsito público, e o que eu via nas dammas via analogamente nos homens: estes estavam ganhando outro andar, outra atitude, muito mais cidadã que a de outr'ora. Sensível melhora no vestir masculino, e todos de barba feita, como no domingo antigamente. Dos que passavam, vários detinham-se para escovar as botinas no engraxate (indústria que não havia ali no meu tempo), si não as traziam luzindo de casa. E eu notava que os cumprimentos agora já eram mais comedidos e sobretudo menos familiares, sem a incommoda facécia equalitária de aldeia a que todos tinham de submeter-se ainda há vinte annos atrás.²²

Ao caminhar então pelas poeirentas, insalubres, ecléticas e sonoras ruas da cidade, cujos novos ruídos e imagens (os engraxates, por exemplo) poderiam estar levemente amortecidos pelos efeitos do fim-de-semana prolongado pelo Primeiro de Maio, nosso bibliotecário, inserido na *flanerie* informal da multidão que distanciava a cidade de seu tempo de aldeia, poderia recordar-se do que pudesse ter feito nesses três dias. Talvez no sábado, em caso de bom tempo, ele tivesse dedicado o dia a um dos arrabaldes da cidade, passeando, flertando ou fazendo um convescote com amigos. À noite, o nosso rapaz tão acostumado a viver entre o saber acumulado da humanidade, poderia ter ido buscar alento na coqueluche da cidade nas primeiras décadas do século - o cinema. Entre os vários "Salões Cinematográficos" existentes

²¹ *Diário do Commercio*, Curitiba, a.XIV, n. 3796, p.1, 02/mai./1911.

²² VICTOR, ... p. 118-122.

então (na verdade clubes com salões de dança, bares, shows de variedades e exibições cinematográficas), ele poderia ter ido em qualquer um deles. Se tivesse ido ao *Eden Salão*, teria visto "ótimos programmas de 'films' inteiramente novos e de alto valor" - *O mocinho*; *A cultura das dalias* e *O impostor* - e teria ouvido uma orquestra que "não deixou nada a desejar". No salão cinematográfico *Smart Cinema* as "fitas" que ele veria também teriam sido "magníficas", porém vistas ao som da pianola ao invés de uma orquestra. No *Theatro Polytheama*, antigo *Coliseo*, ele assistiria também a shows de variedades "exibindo-se todos os artistas". A orquestra, contudo, para o jornalista do *Diário do Commercio*, achava-se "horripelmente desenchavada". No *Mignon Theatre* houve, além dos programas "cheios de novidades cinematographicas" algumas comédias com os artistas "já conhecidos". Além desses, ele poderia também ter ido ao Alto da Glória (bairro habitado pelos comerciantes e "engenheiros" de erva-mate) ao *Parque Iwersen*, que além de todas as diversões, ainda causava "boa impressão [pelo] serviço de bebidas".²³ Vendo os filmes ou não, sempre lhe restava a possibilidade de sentar-se à mesa com alguns amigos, bebendo cerveja e ouvir histórias como aquela que o cronista coloca na boca de "Artasio", durante uma função no *Mignon Theatre*: "[...] Artasio, aos primeiros sorvos, recordou-se da história dos seus amores há cinco annos atraz, com uma menina loura e bella, que caxeirava num [bazar] no Rio. E nol-a contou todinha, desde o primeiro olhar cupido que trocaram até o fôra, para nunca mais, como o corvo de Poe [...]"²⁴

Porém, caso ele tenha decidido não ir ao cinema e tenha preferido ir ao teatro, sábado foi noite de estréia, no *Theatro Hauer*, de uma companhia alemã de *vaudevilles* e operetas, com um programa em três partes: "*Cocteau Pampolet*, de Gümbeau e Schmidt, vaudeville em 1 ato"; uma miscelânea de trechos musicais, monólogos, canções, etc, e a opereta *Der Junge Papa* na parte final. Caso ele,

²³ *Diário do Commercio*, Curitiba, a.XIV, n. 3796, p.1, 02/mai./1911. *A Republica*, Curitiba, a. XXVI, n. 101, s./p., 02/mai./1911.

²⁴ NELSON. "Quasi assassinato" *O Olho da Rua*, Curitiba, a. IV, n. 01, s./p., 27/mai./1911.

como a maioria das pessoas, tivesse deixado para ir no dia seguinte, seja por ignorar a estréia, ou por achar o domingo mais conveniente, teria se defrontado com um teatro lotado e um programa de *vaudevilles* em um ato (*Er mass staub*, de Moireau e *Singvögelchen*, de Hamptner).²⁵

E o domingo, como teria sido? Além da possibilidade de nosso bibliotecário ter aderido ao movimento geral de comparecer ao segundo dia de apresentação da companhia alemã, o que mais poderia ele ter feito e lembrar-se enquanto caminhava em direção à Biblioteca Pública? Imaginemos que, após as atividades matutinas, geralmente parcas num domingo qualquer, vissemos nosso jovem almoçando juntamente com o escritor Raul Gomes:

Éramos no vasto salão de uma hospedaria de primeira ordem. Almoçávamos junto a uma mesinha, entre folhagens viridentes, ao pé de ampla janela rasgada para o jardim florido. De fora vinham os perfumes subtis das rosas triumphaes, das anemonas graciosas [...] De dentro saiam os retintins da prataria, dos copos movimentados, e o vozeiar ciciante de cem boccas humanas.²⁶

Se, após o almoço, ele saísse a passear pela cidade, teria encontrado o Passeio Público movimentado, "com a presença de grande número de passeiantes." Contudo, ao contrário do feriado no dia seguinte, aqueles que, naquele domingo, circularam pelo parque no centro de Curitiba, sentiram a falta de uma banda de música.²⁷ À noite, ele novamente poderia circular pelo universo dos cinemas, bares e teatros - que de resto repetiram praticamente as mesmas performances da noite anterior - ou feito visitas a amigos, à casa de uma pretendente, ou de uma amante.

Porém, a segunda-feira traria novas emoções para além das presentes nos filmes *Pathé*, *Lubin*, *Biograph*, *Vitagraph*, entre outros, dos *vaudevilles* alemães e

²⁵ *Diario do Commercio*, Curitiba, a.XIV, n. 3796, p.1, 02/mai./1911.

²⁶ GOMES, Raul. "Os paradoxos de um celibatário". *Revista do Povo*, Curitiba, v.3, n. 18, 17/ago./1916.

²⁷ *A Republica*, Curitiba, a. XXVI, n.101, s./p., 02/mai./1911.

das amantes cariocas de seus possíveis amigos. As comemorações do Primeiro de Maio de 1911 tomariam conta da cidade durante todo o dia e a noite. Já pela manhã, houve uma grande sessão solene da Sociedade dos Condutores de Veículos, convocada na imprensa nos dias da semana anterior, com a participação de sociedades operárias da capital conclamadas a comparecer para iniciarem as comemorações da data. O Dr. Pamphilo D'Assumpção foi o orador convidado que, sintomaticamente, fez um discurso apologético do trabalho, desde suas origens - neandertais.

À tarde organizou-se uma passeata pelas ruas centrais da cidade, à frente, a banda de música do Regimento de Segurança, que não acompanhou os trabalhadores até o fim da manifestação devido à notícia da morte de seu comandante, em viagem para o Rio de Janeiro, e à subsequente ordem de recolherem-se, em sinal de luto. A passeata, saindo da sede da Associação dos Empregados no Comércio, parou para inflamados discursos em frente às redações dos dois maiores jornais de Curitiba em 1911: *A Republica* e o *Diario do Commercio*. Depois de vários discursos em ambos os locais, em homenagem tanto aos trabalhadores quanto à imprensa (na versão desta última), a passeata retornou à Associação dos Empregados do Comércio. Os comentários publicados no *Diario do Commercio*, no dia em que o bibliotecário poderia estar passando em revista suas memórias de tais acontecimentos são bastante empolgados:

Este anno o entusiasmo entre os operários excedeu a dos annos anteriores, pois o prestito era enorme e os vivas ás classes trabalhadoras e á imprensa eram ininterruptos. [...] Até a noite notou-se grande movimento de operários, que flanavam alegremente pelas ruas em regosijo ao primeiro de Maio.

Ao menos nas páginas da imprensa, resta muito pouco do caráter de reivindicação e luta dos trabalhadores nas comemorações - e não manifestações -

desse Primeiro de Maio. Muito menos transparece nos artigos dos jornais daquele 2 de maio em que acompanhamos nosso bibliotecário, qualquer referência a oposição ou diálogo que os trabalhadores intentassem manter com o Estado para obterem melhorias na condição geral de suas vidas. Para não dizermos do caráter internacional que o dia do trabalho assumira desde seu início, na França, em 1890, e nos Estados Unidos, em 1886. Sintomaticamente, os mesmos jornais que noticiam a festa, coincidindo com a imagem de uma "jornada ideal [onde] prazer e política se entrelaçam numa harmonia perfeita"²⁸, não apontam conflitos exceto nas comemorações francesas daquele ano.

Os jornais curitibanos *Diário do Comercio* e *A República* contribuíram para o que as comemorações do Primeiro de Maio começassem a acontecer em Curitiba em 1909, sua primeira edição local. Assim podemos compreender que suas redações tenham sido locais de interrupção da passeada de 1911 para discursos louvando os trabalhadores e a imprensa. Não obstante, esses jornais têm muito pouco de operários ou revolucionários em si, sendo os veículos de duas correntes políticas bem distintas em constante conflito, mas complementares na situação política da Primeira República.²⁹ Não surpreende, portanto, que mais que uma festa dos trabalhadores, os jornais busquem elevar o próprio trabalho à condição de objeto de comemoração. Nesse sentido, compreende-se a ênfase dada ao discurso sobre as origens (inclusive pré-históricas) do trabalho, feito por Pamphilo D'Assumpção, em detrimento aos discursos e falas dos próprios operários diante das redações e na reunião inicial. Podemos inferir desse espírito geral de louvor ao trabalho dignificante, com que humor o nosso bibliotecário estaria voltando a trabalhar no dia seguinte a

²⁸ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.152.

²⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

essas comemorações, onde o trabalho suplanta o trabalhador, no discurso da imprensa oficial.³⁰

À noite, é muito provável que o bibliotecário tivesse se juntado àqueles trabalhadores e cidadãos que participaram do baile promovido, naquela mesma sede da Associação dos Empregados no Comércio, pela sociedade feminina *Regina Margherita*, em seu décimo aniversário. Continuemos imaginando que a animação reinante durante todo o dia tenha também se prolongado noite adentro. Ainda que nesse Primeiro de Maio, a palestra de abertura tenha sido proferida pelo próprio cônsul italiano em Curitiba, e, segundo os jornais, a presença da elite curitibana tenha sido grande, principalmente através de dignatários como Pamphilo D'Assumpção, ouçamos as palavras do cronista que, dois anos antes, descreve um baile menos popular:

O "Olho" viu esta cena única, jamais, em tempo algum por mortais vista na terra dos sisudos pinheirais.[...] Cada cavalheiro entre duas damas, sanduíche negativo, cada dama entre dois cavalheiros, sanduíche positivo, de sorte que cada cavalheiro e cada dama era a um só tempo pão e presunto. [...] Rompamos com o smartismo e a etiqueta, gritou o Bemvindo; isto de baile que acaba à uma hora não é para nós. À dança rapaziada. Isto está bom como o ouro. Smokers ao guarda roupa, são de novo envergadas as casacas e o baile continua.³¹

Suponhamos que o bibliotecário, findas as memórias dos últimos dias, sentasse em uma das confeitarias da Rua XV para beber um café e continuasse a ler os jornais do dia, antes de ir definitivamente para o trabalho. No *Diario do Commercio* ele leria, além das descrições sobre as comemorações do feriado e a

³⁰ Ver: CARDOSO, Alcina de Lara & ARAÚJO, Sílvia Pereira. *Primeiro de Maio; com anos de solidariedade e luta - 1886-1986*. Curitiba: Beija-Flor, 1986; e _____. *Jornalismo e militância operária*. Curitiba: Editora da UFPr, 1992.

³¹ MERRY DEL VAL. "Crônica dos salões". *O Olho da Rua*, a.III, n. 7, s./p., 27/Nov./1909. /2a. fasc/.

programação dos cinemas e teatros, notícias sobre o Primeiro de Maio em Paranaguá, no Rio de Janeiro, em Lisboa, Berlim e Paris. Somente nesta última cidade há notícias de conflitos, com os "couraceiros" atacando os manifestantes de um comício operário. A prática de distanciar os conflitos para longe das terras tupiniquins parece estar arraigada já há muito tempo na imprensa paranaense. Continuando a leitura, ele saberia que em Lisboa descobrira-se um complô para a restauração da monarquia e que no México, os revolucionários só deporiam as armas se fossem aceitos como partícipes do governo.³² Já em *A República*, ele lia sobre a questão de limites entre o Paraná e Santa Catarina, onde o governo catarinense pedira a execução da sentença proferida pelo Supremo Tribunal, solicitando a demarcação dos novos limites entre os dois estados (O Paraná perdendo o território compreendido entre o Rio Iguaçu e a fronteira com o Rio Grande do Sul). O jornal tecia elogios ao defensor da causa paranaense junto ao Supremo, Dr. Ubaldino do Amaral, esperando que tal decisão fosse revogada em favor do Paraná.³³

Quando, finalmente, o nosso bibliotecário chega ao local de seu trabalho, ele já deveria ter almoçado, considerando que o regimento da BPPR de 1886, estabelecia o horário de funcionamento do meio-dia às três da tarde.³⁴ Lá, ele esbarraria em um quadro bastante diferente daquele que poderíamos imaginar como a Biblioteca Pública do Paraná. Primeiramente, o Paraná que ele conhecia não era muito mais do que o chamado "Paraná tradicional" - poucas dezenas de cidades esparramadas pela região litorânea e pelo planalto. Além dos campos de Guarapuava, também eles demograficamente rarefeitos, todo o resto do estado era sertão bravio no qual poucos se aventuravam. Quaisquer traços de urbanidade eram encontrados, portanto, somente em Curitiba, Paranaguá, e adjacências. É nesse restrito espaço

³² *Diário do Commercio*, Curitiba, a.XIV, n. 3796, p.1, 02/mai./1911.

³³ *A República*, Curitiba, a. XXVI, n.101, s./p., 02/mai./1911.

³⁴ O *Regimento da Bibliotheca Pública do Paraná*, foi preparado, em 1886, a pedido do Presidente Taunay, que reestruturou a BPPR.

geográfico que ele poderia localizar um projeto civilizatório calcado principalmente no modelo europeu, já que, devido ao porto de Paranaguá, a ligação umbilical é feita principalmente com a Europa - França à frente - ficando São Paulo e Rio de Janeiro como pólos da atenção política, e, eventualmente, locais de aprimoramento estudantil.

É da Europa, portanto, que vem a moda, os produtos industrializados, os imigrantes e, de particular interesse em nosso caso, boa parte dos livros consumidos em Curitiba.³⁵ Impulsionada pela indústria do mate, a economia paranaense encontrava-se em um momento bastante propício para buscar usufruir daquilo que a modernidade ocidental podia proporcionar-lhe, tanto em termos de produtos quanto de idéias. Curitiba tornara-se, nesse período, um pólo pulsante de pensamento e conflitos sociais e intelectuais gestados durante a favorável situação econômica propiciada pelo comércio do mate.³⁶

A atividade intelectual que culmina com a força do movimento simbolista, principalmente nas primeiras décadas do século XX, ocorre concomitantemente ao conflito entre o pensamento católico pouco estruturado e a força do anticlericalismo. A Liga Anti-Clerical do Paraná, assim como o Movimento Simbolista, teve expressão e reconhecimento nacionais.³⁷ Simultaneamente, a cidade está sendo urbanizada em uma tentativa de disciplinar a população urbana em torno de uma idéia de civilização e de sociedade tributária do pensamento iluminista e, particularmente, das idéias positivistas.³⁸ Para muitas das pessoas envolvidas ou comprometidas com essa idéia,

³⁵ Ver: DENIPOTI, Cláudio. *A cidade e as roupas: moda e vestuário em imagens fotográficas*. Curitiba: 1990. Monografia, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

³⁶ PEREIRA...

³⁷ CORDIOLLI, Marcos Antonio. O olhar de um ponto diverso; as gênesis de um idílio; a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909). *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 5-26, mar./1988 / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/ p.5.

³⁸ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias; mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo: 1992. Tese (Doutorado em história). Universidade de São Paulo.

o processo civilisatório passava necessariamente por instituições de ensino eficientes e pelo livre acesso aos livros, através de bibliotecas particulares, de instituições - como é o caso da biblioteca do Clube Curitibano, preocupação constante dos dirigentes desse clube³⁹ - e de uma biblioteca pública.

São várias as notícias, a partir da segunda metade do século XIX, de bibliotecas e clubes literários que se organizam em várias localidades do Paraná. Em 1874, por exemplo, quando a BPPR tem pouco mais de 800 volumes em seu acervo, o "Club Literário de Paranaguá" tem 1101 volumes e o "Club Pitanguense", 2000. Em 1879, o acervo da BPPR sobe para cerca de 1000 volumes, devido à doação, pela família do Dr. João Maurício Faivre, falecido em 1858, de sua biblioteca particular - fato que nos diz de duas práticas bastante arraigadas entre a população letrada da época; o de possuírem bibliotecas e o de doarem-nas postumamente à instituições de caráter público. Este é também o caso do Dr. Júlio Moreira, que o fez ao Instituto Histórico e Geográfico Paranaense, e o de um bom número de outros, a julgarmos pelas listas de doações à BPPR até a década de 1940. Comparativamente, a biblioteca do "Club Coritibano" tem 2755 consultas a seu acervo em 1894, um terço das quais em plena invasão da cidade durante a Revolução Federalista.⁴⁰

Ainda que possuir, instituir ou freqüentar bibliotecas fossem hábitos da época, havia aqueles que viam nesse hábito um mero exercício de arrivismo ou pedantismo. Colocando as palavras nos próprios livros, um autor do final do século XIX pretende dizer da insensatez dos proprietários de bibliotecas que só lêem livros "ligeiros" e afetam ser cultos:

³⁹ Isso é demonstrado pelos constantes relatórios sobre a biblioteca do clube no boletim informativo *Club Coritibano*, principalmente na década de 1890.

⁴⁰ QUADROS, Lupion. *Reportagens retrospectivas*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1942.

Ouvio-se grande rumor na bibliotheca de um homem rico. Eram os livros que, aproveitando a ausência do dono, sahiam fora do serio e entabolavam a seguinte palestra:

Um in-quarto, com voz sonora, ainda que fraca: Confessai, meus amigos, fazemos aqui papel bem triste: nosso proprietário manda de tempos em tempos limpar pelos creados a poeira que nos cobre; porem nunca nos toca, sequer com a ponta dos dedos [...] ⁴¹

Por outro lado, se as bibliotecas particulares têm que ser utilizadas de forma condigna por seus proprietários, as bibliotecas públicas aparecem como essenciais à educação de um povo, o que conferia ao nosso rapaz um importante papel em sua sociedade. Criticando a situação em que se encontrava a BPPR em 1911, um articulista da revista *O Paraná* descreve o seu ideal de biblioteca pública. Nesta, os livros, "esses bons, leaes e instructivos amigos do homem" deveriam ser localizados em estantes amplas e "magnificas", distribuídas por aposentos arejados, cuidadas por pessoas capacitadas "constituindo isso a que um povo honrosamente denomina de Bibliotheca Pública" (geralmente situadas nos centros urbanos mais acessíveis aos leitores "para maior commodidade") e onde os livros podem cumprir sua missão: ensinar as massas.⁴² Nosso personagem pode ter assumido essa missão para si, ainda que a BPPR estivesse distante desse ideal físico naquele ano de 1911.

A Bibliotheca Pública do Paraná foi instituída em março de 1857, mas só foi instalada dois anos depois, em fevereiro de 1859 "em casa do Lyceo Provincial, n'uma das sallas pelo governo destinada para a Bibliotheca Publica da Provincia". Foi montada com um acervo inicial de 251 livros e mobiliada com "12 cadeiras de palhinha americana" e quatro estantes, já com algumas outras peças de mobília sendo providenciadas, além da compra de livros franceses e em português, no valor de

⁴¹ A. FILON. "A Bibliotheca". *O Futuro*, Curitiba, a.I, n. 11, s./p., 20/nov./1892.

⁴² "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a.VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911.

2:700\$000rs.⁴³ Seu horário de funcionamento era das nove da manhã às duas da tarde, de quarta a sexta-feira.⁴⁴

Em 1873 a Biblioteca é mudada para a sede da Escola Profissional República Argentina. Em 1886, depois de reorganizada pelo Visconde de Taunay, presidente da província, já com 3.243 volumes, ela é transferida para uma das salas do Museu Paranaense e passa a funcionar também à noite. Antes disso, em 1870, o presidente da província dera ordem para que os livros não fossem mais emprestados, só podendo ser consultados *in loco*, devido à diminuição do acervo por empréstimos não devolvidos, e dera ordens "para comprar um livro próprio, com as necessárias dimensões para o assentamento dos nomes dos visitantes, dias em que vão e obras que procuram."⁴⁵

No período para o qual ainda existem esses livros de registros de retirada (1911-1937), a biblioteca está localizada em uma das salas do *Gymnasio Paranaense*. Porém o quadro que se desenha para esta biblioteca não é dos mais otimistas. Escrevendo em 1911, o mesmo articulista da revista *O Paraná* traça um retrato bastante sombrio do que era a Biblioteca Pública de então. Após tecer comentários sobre o papel ideal das bibliotecas como "fontes de luz onde o povo vai haurir a lympha pura do saber" e que são, "em todos os paizes em que os governos votam o máximo interesse à instrucção popular, franqueadas a qualquer hora e regulamentadas de fôrma a prehencher perfeitamente a sua missão, sem as peias e os entraves que apresenta a nossa Bibliotheca Pública", ele descreve as condições em que se encontrava a Biblioteca:

⁴³ Apud. QUADROS...

⁴⁴ *O Dezenove*. Curitiba, n. 96, s./p., 05/Mar./1859.

⁴⁵ QUADROS. Reportagens... e RELATÓRIO apresentado á Assembléia Legislativa do Paraná no dia 30 de outubro de 1886 pelo Presidente da Província Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba: Typ. da Gazeta Paranaense, 1886.

[...] a nossa, sempre emperrada nos montões de livros de venerável antigüidade, alli está n'uma acanhada sala do Gymnasio, fossilizada em archaicos armários, sob camadas de pó e mais própria a tentar a curiosidade de algum archeólogo do que a do estudioso dominado pelo justo receio de infecção pelos bacillos de Koch que ali socegradamente proliferam confiados na desidia do Estado.

A indignação do autor aumenta quando fala do público frequentador da biblioteca, que sendo pública, era tão desconhecida que quase tornara-se "de uso privado do officialismo e de alguns estudantes, si é que os estudantes e o funcionalismo não ignoram, como a maior parte da população desta capital, a existência de uma bibliotheca, aliás selecta, mas escondida n'um aposento do Gymnasio e alli votada ás devastações do tempo e das traças."⁴⁶ Em 1910 o diretor da "Instrução Publica" proíbe que as alunas da Escola Normal frequentem a Biblioteca Pública, para a indignação do articulista do *Palladium*⁴⁷. Tal proibição é apontada como um contracenso, pois opõe-se à própria idéia da instituição, que por ser pública, não poderia ser vedada a ninguém, além de ser uma ofensa às "distinctissimas moças e filhas de conceituadas famílias" da Escola Normal. Esta norma fará com que as mulheres só surjam nas listas de retirada após 1914, e ainda assim de forma bastante tímida.⁴⁸

Mais uma restrição à mulher na sociedade de então⁴⁹, essa proibição traz à tona a questão de o quanto essa biblioteca é pública. O articulista d'*O Paraná* atribui essa falta ao Estado, "que descarta por completo daquelle thesouro intellectual, e além de não conservá-lo convenientemente, ainda o occulta do povo, como um velho avarento a esconder as suas riquezas". Considerando que, sendo do Estado, ela

⁴⁶ "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a.VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911.

⁴⁷ *Palladium*. Curitiba, a.II, n. 03, p. 10, 15/Jun./1910.

⁴⁸ O espaço da mulher nessa sociedade foi discutido por TRINDADE... e em meu trabalho *A cidade e as roupas*; onde discuto que a participação possível da mulher no mundo público se dá, cada vez mais, por uma linguagem visual presente no feérico universo de rápidas mudanças da moda. Ver também: LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero; a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁴⁹ Ver TRINDADE ... cap. 3, (item 3.2.2.)

pertence ao povo ele quer que o Estado dê instalações condignas à biblioteca, remunerar melhor os bibliotecários - com o que nosso personagem deveria concordar plenamente - "fazendo-a funcionar diariamente nas horas úteis [...] finalmente, mostrando que no Paraná também se vota á instrução popular algum carinho". E ele continua, criticando o governo que dá dinheiro do Tesouro para "cousas menos úteis" como a construção de cadeias "mediante a qual os coronéis Chicos do Tindiquêra ou de Caixa pregos vão arrotar o prestígio eleitoral no matto". Pede que se aplique a mesma quantia "em dotar a nossa metrópole com um templo de estudo - uma bibliotheca decentemente organizada - que será signo brilhante do nosso progresso e nossa civilização".⁵⁰ Tais exigências só serão parcialmente atendidas em 1953, quando das comemorações do centenário de emancipação do Paraná. O então governador Bento Munhoz da Rocha Netto manda construir o atual prédio da BPPR, "recuperando as coleções abandonadas, providenciando que fossem atualizadas e dotando o livro paranaense de um abrigo condigno, como fazem jus as tradições e o nível cultural de sua terra".⁵¹ Talvez o nosso personagem tenha visto algumas de suas expectativas realizadas então.

De resto, os leitores que frequentavam a Biblioteca eram realmente, em sua maioria, estudantes. Já no próprio decreto de criação da BPPR o segundo artigo reza que:

Com a 1^a. compra de livros para a bibliotheca e arranjo material da sala para ella destinada, é o governo autorizado a despende até a quantia de 1:200\$ devendo ao principio dar preferênciã, na aquisição delles, a aquellas obras que mais convierem para o estudo das matérias ensinadas no lycêu.⁵²

⁵⁰ "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a. VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911.

⁵¹ Curitiba, a. X, n. 97-8, p. 21, dez./1955.

⁵² Lei 27 de 7 de março de 1857, parágrafo 1. apud. QUADROS...

Daqueles leitores que identificamos idade, profissão ou obras escritas no levantamento dos dados dos livros de registro de retirada da BPPR de 1911 a 1918, a maioria nasce na última década do século XIX aproximadamente, tendo por volta de 20 anos no início do período da pesquisa. Alguns deles tornaram-se literatos conhecidos, como Tasso da Silveira e Oscar Martins Gomes, outros foram advogados, médicos, militares ou comerciantes do mate. Dentre os aproximadamente 400 nomes anotados como leitores na BPPR no período 1911-18, 40 deles deixaram artigos, livros ou relatórios em suas diversas especialidades. Dentre os 18 de que sabemos o ano de nascimento, um nasceu no final da década de 1840 (Euzébio da Motta - 1847), dois nasceram em 1879 (os escritores José Gelbecke e Adolpho Werneck), cinco durante a década de 1880: Lysimaco Ferreira da Costa (1883); o poeta Tasso da Silveira (1885); Ildefonso Pereira Correia - o também poeta I. Serro Azul - (1888); Raul Gomes e Francisco Ferreira Pereira (1889). Oito nasceram durante a última década do século XIX e dois em 1901. Na questão das profissões, identificamos positivamente onze escritores (poetas, críticos, redatores), dois professores, dois médicos, quatro engenheiros, quatro advogados, um deputado federal em 1946 (e médico, Erasto Gaertner) e um militar, aposentado como General na década de 1960 (Hernani Nogueira Zaina, também deputado estadual em 1926). As mulheres só surgem como leitoras assíduas a partir do final do período e não foram consideradas nessa pesquisa. Sem presumir, contudo, que seu papel não tenha sido importante e que nessa época não houvesse mulheres de destaque entre os intelectuais locais, elas foram mantidas fora da discussão devido a sua ausência como leitoras na BPPR.⁵³ Esses leitores fizeram companhia e justificaram o salário de nosso personagem durante os anos que ele permaneceu na BPPR.

É nesse ambiente duvidoso, "ninho de aranhas e lacraias" que o nosso bibliotecário, mais corajoso que o articulista d'*O Paraná*, dará seu quinhão de

⁵³ Ver TRINDADE...

sacrifício, "a troco de 20\$000 mensaes"⁵⁴ para contribuir com a "cultura" paranaense. Lidando principalmente com estudantes do Ginásio Paranaense, o possível *flâneur* passará toda aquela terça-feira, 2 de maio de 1911, a anotar metodicamente, os nomes dos leitores, as obras consultadas, seus autores, idioma e número de volumes, em uma letra clara e firme, no livro destinado para este fim. Podemos supor que ele o faria dentro do espírito do Regimento de 1886, que dizia que o "zelador" da biblioteca (cargo que o nosso rapaz provavelmente ocupava) deveria "prestar-se com toda a [...] urbanidade ao serviço da leitura, satisfazendo os pedidos das pessoas que concorrem à Bibliotheca, entregando com a maior prontidão os livros a ler e a consultar"⁵⁵

O primeiro registro é o de Oscar Martins Gomes, de quem falaremos adiante, que consulta o *Diccionario contemporâneo*, de Caudas Aulete. Depois, Tasso Azevedo da Silveira, solicita o *Dictionnaire Larousse*, para tirar algumas de suas dúvidas quanto ao francês. Por último, Antonio Gonçalves de Menezes, de quem não se falará mais daqui em diante, terá registrada sua consulta à obra de R. P. Vaparelli, *Direito Natural*. E isso é tudo. Três leitores durante aquele dia tiveram seus nomes registrados no livro destinado para esse fim, por nosso bibliotecário cioso de suas tarefas. Dos três, os dois primeiros interessam-nos por razões que só ficarão claras na continuação deste trabalho. Cumpre, porém, apresentá-los desde já.

Oscar Martins Gomes, nascido em Curitiba em 1893, tornou-se escritor, ainda que tenha pertencido à primeira turma de alunos de direito da Universidade do Paraná, a ser fundada no ano seguinte a seu comparecimento à Biblioteca Pública. Permaneceu nessa instituição até o quarto ano, quando mudou-se para o Rio de Janeiro onde concluiu seus estudos em 1918. Ainda em 1911, pertencia à "corrente

⁵⁴ "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a.VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911.

⁵⁵ *Regimento da Bibliotheca Pública do Paraná*, 1886. Art. 5, par. 4.

espiritualista do modernismo" que fundou a revista *Fanal*, naquele mesmo ano. Colega de Tasso Azevedo da Silveira, foi escritor atuante até sua morte, em 1977, de volta à Curitiba. Tasso da Silveira é outro escritor, nascido em 1895 em Curitiba, que foi para o Rio de Janeiro, onde viveu até sua morte em 1965. Foi co-fundador de *Fanal*, além de dirigir *Athenea*, outra revista literária da segunda década do século XX. Também ele tem uma intensa atividade editorial até sua morte.⁵⁶ Ele e Oscar Martins Gomes, juntamente com outros leitores cujas vidas seguirão percursos bastante semelhantes a esses, serão parte do público cativo da Biblioteca.

Com esses dois novos futuros personagens apresentados, seguimos com o bibliotecário, agora já sem mais leitores pelo dia, que se ocupará em completar o catálogo das obras no acervo da Biblioteca, em um livro bastante parecido com aquele outro onde registrara as consultas. Nesse catálogo de 1911 constam, como parte do acervo da Biblioteca, 990 títulos de obras com 2197 volumes. Organizado em duas grandes subdivisões - ciências físicas e naturais e ciências históricas e sociais. No primeiro grupo, o maior número de obras é em medicina, com 57 títulos em 97 volumes, destacando-se, como exemplo, o exemplar da *Hygiène Publique*, de Parent-Duchatelet, e, do italiano Paolo Mantegazza, *A higiene do amor*, um tratado sobre comportamento sexual, onde a monogamia e a abstinência são exaltadas. Agronomia e indústrias tem 18 obras. Física, química, biologia, astronomia, geografia e mineralogia, botânica e zoologia são as outras áreas desse grupo, com uma média de sete obras cada. Em biologia encontramos, entre outras, mais uma das obras que merecerá especial atenção no decorrer deste trabalho. *A geração*, do médico francês Pierre Garnier é um tratado de medicina e biologia sobre, principalmente, o sistema procriativo humano, permeado de conceitos morais quanto ao comportamento sexual de homens e mulheres. Além dele, estão também nesse grupo os quatro volumes de

⁵⁶ DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991. p. 192-3 e p.447-51. respectivamente.

Le corps de l'homme, de Gallet; *Physiologie des sentiments*, de Giliot e *Étude de l'homme*, de Latena.

No grupo das ciências humanas encontrava-se a maior parte do acervo. Literatura e arte contava com 343 títulos em 659 volumes, incluídos aí vários títulos da obra de José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Eça de Queiroz e, campeão absoluto, Manoel de Macedo (com um total de 18 obras no catálogo). Machado de Assis comparece com sete títulos, mas estranhamente, as consultas a esses livros praticamente inexistem no período 1911-18. Uma investigação em prováveis bibliotecas particulares, onde essas obras estivessem presentes, poderia estabelecer melhor o quanto esse autor era lido em tempos passados. Havia ainda exemplares de livros de Balzac (*El departamento*), Camões, Bocage, Bilac, Cervantes, A. Dumas, Goethe, Gautier, Homero, Horácio, Proudhon, Rousseau, Shakespeare, Voltaire e Zola, entre outros. Os paranaenses Nestor Victor, Dario Vellozo e Alcides Munhoz também tinham exemplares no acervo da BPPR em 1911.

Economia política e jurisprudência vinham a seguir com 134 títulos em 299 volumes (com destaque para obras de Rui Barbosa, Saldanha Marinho, Perdigão Malheiro, Alexandre Herculano e o *Système de contradiction*, de Proudhon, entre outros). Em terceiro lugar, história contava 128 títulos, porém 502 volumes, devido principalmente às várias "Histórias Universais", de Chantrel, Ascargosta, Césaire Cantu e Dauphin, em português, espanhol, francês e inglês. Havia também vários volumes de Michelet (*Histoire de la France*, *Histoire de la Revolution Française*, etc...), Xenofontes (*Scripta quae supersunt*), Plutarco (*Vitae*), Tito Lívio (*História romana*), Júlio César (*Guerres des Gaules*), Thiers (*Consulat et empire*), além dos paranaenses Rocha Pombo e Romário Martins, entre diversos outros brasileiros. As outras subdivisões eram: geografia e estatística (28 títulos), lingüística (13), sociologia (2 - *A Theorie des quatres mouvements* de Fourier e o *Ensaio de Sociologia*, de Silvio Romero); filosofia (18), metafísica e teologia (54), lógica (5 -

inclusive o *Système de logique*, de John Stuart-Mill), pedagogia e educação (27), arte militar (5) e dicionários e enciclopédias (15). Embora as obras e autores citados acima digam mais sobre interesses do final do século XX quanto a sua escolha como exemplos, eles também são razoavelmente exemplares do conjunto das obras acessíveis aos leitores da BPPR no início deste século.

É nesse *corpus* de obras acessíveis à população curitibana, cuidadosamente anotadas pelo bibliotecário no catálogo de 1911, que poder-se-á chegar a uma história da leitura. Partindo da produção da obra constante no acervo da BPPR, dos leitores idealizados por seus autores, chegando a seus leitores reais, ou seja, aquelas pessoas que efetivamente registraram uma, ou diversas consultas àquela(s) obra(s) e, por sua vez, aos escritos desses últimos, buscar-se-á entender a processo histórico da construção de sentido efetuada na leitura.⁵⁷

Findas essas tarefas, o nosso bibliotecário pouco mais teria para fazer do que manter a ordem das prateleiras e perseguir as traças e lacraias que por lá deveriam existir. Porém, se nesse dia em particular somente três leitores compareceram à BPPR, em outros, principalmente nos meses do inverno, a frequência de leitores aumentava consideravelmente.

O ponto de partida da pesquisa desenvolvida para o presente trabalho foram os livros de registro instituídos pelo presidente da Província em 1870, para a anotação das consultas à BPPR. Esses, semelhantes ao que conhecemos hoje por "livros-ata", eram divididos verticalmente em cada duas páginas abertas em sessões destinadas, em primeiro lugar ao nome do leitor, à obra consultada, ao autor, idioma e número de volumes. A penúltima coluna referia-se à data (dia e mês, o ano sendo anotado no topo central das páginas, geralmente até o segundo ou terceiro mês de

⁵⁷ CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". *Estudos avançados*, São Paulo, v.11, n. 05, p. 173-191, 1991. p. 178.

cada ano). Por fim, um espaço reservado a anotações gerais que só ocasionalmente recebia alguma observação lacônica de nosso personagem, como "devolvido" ou "manchado".

Existentes ainda para o período 1911-1937, em condições bastante precárias de conservação e guardados sem qualquer referência a sua existência nos catálogos atuais da BPPR, só foram "descobertos" por um golpe de sorte de uma tenaz pesquisadora.⁵⁸ Delimitados aqui no período 1911-18 (faltam os livros de 1919 e 1920, que cobririam a intenção inicial de trabalhar até essa última data como baliza final de toda a pesquisa) os registros fornecem informações bastante úteis quanto aos hábitos de leitura dos frequentadores daquela biblioteca.

Uma primeira observação diz respeito a uma certa sazonalidade anual nas consultas à biblioteca. Somados mês a mês, os comparecimentos mais maciços ocorrem essencialmente no período maio-agosto, o que é compreensível se consideramos a ligação íntima daquela biblioteca com o Ginásio Paranaense, as maiores freqüências coincidindo com o período de maior atividade daquele colégio. De uma maneira geral, ano a ano as freqüências acompanham as atividades do Ginásio, com a absoluta ausência de registros em vários anos nos meses de novembro a fevereiro, o que nos leva a crer que nosso bibliotecário, também saía de férias juntamente com alunos e professores.⁵⁹

De um modo geral, porém, nota-se uma tendência de crescimento nos totais anuais de consultas à BPPR, variando de uma média de 800 consultas por ano no período 1911-13, para cerca de 1500 no período 1916-18. Um aumento que pode ter vários motivos - o aumento populacional sendo apenas um deles. Contudo, à medida que essa tendência da população curitibana (majoritariamente representada

⁵⁸ A profa. Elvira Mari Kubo, do departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

⁵⁹ De fato, a BPPR deveria fechar no período de 15 de dezembro a 15 de janeiro. Ver *Regimento da Bibliotheca Pública do Paraná*, 1886. Art. 16.

por estudantes) de procurar livros nessa biblioteca cresce, as condições gerais da BPPR não melhoram, como esperavam todos os que concordavam com o articulista d'*O Paraná*. Em 1919, segundo o novo Catálogo Geral elaborado naquele ano, o acervo está reduzido a 590 títulos em 764 volumes, número bem inferior aos quase 1000 exemplares contabilizados em 1870, ou aos mais de 3000, em 1887, para não falarmos dos mais de 2000 volumes registrados no catálogo de 1911. Além disso, a BPPR continuará funcionando em uma das salas do Ginásio Paranaense por muitos anos ainda, acompanhando sua mudança para o prédio, construído em 1904, onde hoje (1993) localiza-se a Secretaria do Estado da Cultura.⁶⁰

Naquele maio de 1911, nosso bibliotecário teria, contudo, pouca companhia de leitores na biblioteca. O número de leitores, nos dias em que eles comparecem, nunca é maior que cinco - e isso em um único dia, na terça-feira seguinte, dia 9 - num total de 36 leitores para aquele mês. Em junho a frequência é ainda menor: 24 leitores. Nos meses seguintes, nosso rapaz tem um pouco mais trabalho. Em julho, 163 consultas são anotadas; em agosto, 58. Setembro mostra apenas 22, retomando a queda característica.

Ainda que as descrições sobre o espaço físico da BPPR em 1911 sejam um tanto assustadoras, cumpre investigar como seria esse local de leitura, onde os três visitantes daquele 2 de maio teriam consultado os livros de que necessitavam. Também, quais eram os procedimentos para tal consulta.

A julgarmos pelas fotos do Ginásio Paranaense no início do século, a sala onde funcionava a BPPR teria a altura característica dos prédios de então (acima de 3 metros), as paredes cobertas com papel rico em detalhes e ornamentos pelo teto, além de amplas janelas em pelo menos um de seus lados. Teria também um busto ou

⁶⁰ STRAUBE, Ernani Costa. *O prédio do Ginásio; 1903-1990*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

retrato do Visconde de Guarapuava, além dos de outros "beneméritos" freqüentadores ou benfeitores da biblioteca, disputando o espaço com as estantes, mesas e cadeiras.⁶¹

Além da já citada proibição de empréstimos de 1870, o regimento de 1886 diz que "todo aquele que precisar de qualquer livro para leitura ou consulta, deverá fazer seu pedido por escripto n'um quadradinho de papel ou boletim que o zelador lhe apresentar."⁶² Após o que, o leitor instalar-se-ia em uma das cadeiras de "palhinha americana" colocadas ao redor da grande mesa encomendada, ainda em 1859, ao "marceneiro suíço Theophilo Zingelim" onde poderia fazer suas leituras. Em seguida, o bibliotecário utilizaria a "escada de mão" que também fazia parte do mobiliário original da biblioteca, para pegar os livros guardados nas prateleiras superiores, e traria para quem os tivesse solicitado. Ainda, nenhum leitor poderia requisitar mais do que duas obras de cada vez e, de forma alguma, poderia tirar ou mesmo tocar em qualquer livro das estantes "sob pena de ser constrangido logo a sahir da Bibliotheca".⁶³ Terminada a consulta, o bibliotecário receberia as obras de volta na pequena mesa feita para seus antecessores pelo mesmo artesão suíço.⁶⁴

Esta era a estrutura de uma outra biblioteca curitibana, criada no ano seguinte, como parte da Universidade do Paraná. Vemos, em uma foto de 1913, uma grande sala com mesas e cadeiras distribuídas por todo o espaço, e ao fundo, através de uma ampla porta dupla envidraçada, com um guichê, as estantes de livros e o bibliotecário pronto para atender os leitores.⁶⁵ Contudo, a repetição periódica de consultas a uma mesma obra por um mesmo leitor (em média, com intervalos de quatro a sete dias), leva-nos a crer que os livros voltaram a ser emprestados aos

⁶¹ *Ibid.*, p. 75. ver também: *Regimento da Bibliotheca Pública do Paraná, 1886.*

⁶² *Regimento...* Art. 18.

⁶³ *Regimento...* Arts. 20 e 21.

⁶⁴ Supondo, naturalmente, que tais móveis ainda existissem depois de mais de cinquenta anos, sobrevivendo às quatro mudanças que a BPPR sofreu entre 1864 e 1886. Ver: QUADROS ...

⁶⁵ UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral de 1913.* Curitiba: 1913.

leitores para que estes os levassem para suas casas. Assim funcionava, ao menos até a década de 1880, a biblioteca do Clube Curitibano, e a própria BPPR antes de 1870. Acreditamos, portanto, em uma conjunção de ambas as práticas para o período 1911-18.

É ainda o Regulamento de 1886 que nos diz como os leitores devem se comportar, uma vez dentro da sala de leitura da BPPR. Estes, deverão "apresentar-se vestidos com decência, sendo obrigados a guardar o maior silêncio e discrição" enquanto estiverem nas salas destinadas à leitura. Além de não poderem sequer tocar nos livros, sendo tal tarefa exclusividade dos funcionários, havia uma rigorosa proibição quanto a fumar-se dentro do estabelecimento, bem como de "conservar-se o chapéu na cabeça".⁶⁶ Esse é um perfil de leitores coerente com as noções de "urbanidade" que esse mesmo regulamento exige do bibliotecário com relação aos leitores, e anotadas por Nestor Victor como já características da cidade então.

A julgarmos pelo ano de 1911, único para o qual anotamos absolutamente todos os registros de leitura, muitos leitores iam à BPPR em busca de obras auxiliares aos estudos do Ginásio. Assim, muitos livros de química, física, biologia, dicionários e enciclopédias são reiteradamente consultados. Quando, porém, nos voltamos sobre as obras literárias mantidas naquela biblioteca, notamos uma clara preferência, no período 1911-18, por alguns autores. Manoel de Macedo é indubitavelmente o mais procurado, e o fato de ser o autor com maior número de obras no acervo em 1911 é, ao mesmo tempo, razão e resultado dessa preferência. *O moço loiro* é provavelmente o mais procurado de seus romances, mas outros, como *A namorada*, *Um noivo e duas noivas*, *A luneta mágica*, *Mulheres de mantilha*, *Os dois amores*, e *A baronesa do amor*, são indiscutíveis sucessos de público. José de Alencar é também um dos mais procurados autores no mesmo período, com obras como *O guarani* e *Diva* - as

⁶⁶ *Regimento...* Arts. 17 e 21.

mais procuradas - além de *As minas de Prata*, *Ao correr da Pena*, *O jesuíta* e *O ermitão da Glória*. De Aluísio de Azevedo, há muita demanda por *Demônios*, *O Coruja* e *O Mulato*, entre outras. De Coelho Netto, busca-se *O rajah do Pendjab* e *O romanceiro*, juntamente com várias outras obras suas. *A escrava Isaura* é a obra de Bernardo Guimarães que mais interessa aos leitores, dentro do conjunto de obras suas disponíveis na BPPR. Eça de Queiroz, de quem há somente um reduzido número de obras, figura também entre os mais procurados, havendo forte interesse democraticamente distribuído por *O crime do Padre Amaro*, *A cidade e as serras*, *Cartas da Inglaterra* e *As minas de Salomão*. Além desses, outros autores despertam maior ou menor interesse nos leitores conforme a época. Os registros nos permitem observar como uma obra é passada, entre pessoas com o mesmo sobrenome, por exemplo, ou em uma seqüência quase premeditada, indicando que os leitores, sendo parentes, colegas de aula, profissionais, ou mesmo meros amigos ocasionais, deviam recomendar entre si aqueles livros que mais despertaram sua atenção, emoções ou curiosidade profissional. Podemos imaginar que muito provavelmente nosso personagem também indicasse a seus leitores aqueles livros que preferia.

Findo o dia, se em 1911 permaneciam as normas estipuladas em 1886, o nosso personagem teria mais algumas horas de trabalho ainda, a biblioteca funcionando das 18:30 às 20 horas.⁶⁷ Horas entediadas, não havendo mais leitores naquele dia específico. Mas à saída, todo um universo de coisas por se fazer podia estar aguardando-o. Os cinemas, principalmente o *Mignon*, tinham "funções"⁶⁸ naquela terça-feira. Lá, ele poderia encontrar aqueles três leitores do dia, juntamente com outros dos dias vindouros, e trocar idéias sobre os assuntos que lhes aproovessem. Lá também ele poderia ver as "sandices" das últimas modas parisienses nas roupas femininas adquiridas nas lojas da Rua XV, onde talvez ele também, no

⁶⁷ Portaria 224 de 03 de julho de 1886, do vice presidente da Província.

⁶⁸ Hoje diríamos sessões.

intervalo entre o expediente vespertino e o noturno, tivesse acompanhado seus concidadãos no *footing* e na *flanerie*, que lhes era cara. A cidade movimentava-se para encerrar mais um dia. Algo ressentida, imaginamos, dos três dias de descanso e festa findos há pouco.

À noite também, nosso rapaz, reunido com seus concidadãos contemporâneos, poderia apreciar os efeitos do processo disciplinador que se buscava instituir na cidade, livrando-a de mendigos, prostitutas e afins, levando os pobres - e os sapos - a afastarem-se da região central, acentuando o caráter preventivo "a que estariam vinculadas as funções policiais" relativas ao ordenamento do espaço urbano.⁶⁹ Dessa forma, ele estaria entre aqueles que desejavam, na cidade idealmente concebida, condutas idealizadas de homens e mulheres ideais. Porém, somos mais tentados a crer que ele e seus companheiros apreciavam, divertiam-se e inspiravam-se profundamente nas sombras da noite, onde castens e prostitutas organizavam festas, das quais eles certamente participariam com prazer, buscando, nas práticas consideradas desviantes de todas as idealizações, as "polacas" em seus bares e hotéis, com quem de bom grado embriagar-se-iam antes do repouso necessário para mais um dia de trabalho.⁷⁰

Assim sendo, nosso bibliotecário - como sua própria sociedade que tentava organizar o espaço urbano harmoniosamente, ocultando na estética os conflitos sociais - usufrui do "desvio" para afirmar-se na modernidade. A noite, a prostituição, o jogo de sedução que as ruas impõem àqueles que nelas caminham, os signos exteriores da mundanidade urbana, tornam-se a matéria-prima de representações

⁶⁹ BENKENDORF, Carlos Augusto. "Embraguez, desordem e controle social em Curitiba". *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 73-94, mar./1988 / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/. p.79

⁷⁰ TOKARSKI, Célia Regina, BURKOWSKI, Mariliz & FEITOSA, Samara. "Contradições de uma sociedade: condutas desviantes e prostituição em Curitiba, de 1910 a 1916". *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 95-118, mar./1988. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.

literárias daquela mesma sociedade, nas crônicas, romances, notícias e anedotas publicadas na grande - proporcionalmente - quantidade de publicações periódicas e de livros que Curitiba viu surgir nas primeiras décadas do século XX.⁷¹

Imaginemos, para continuarmos na inspiração de T. Zeldin,⁷² que nosso personagem acompanhasse, naquela noite, o cronista, autor da epígrafe tardia que se segue, e visse a cidade pelos olhos e palavras daquele que escreve, compartilhando de suas representações dos vários outros personagens e cenários que compunham a vida urbana na Curitiba de 1911:

Sete horas.

No alto, como que geladas no intenso frio daquela noite, as estrelas pareciam tremer, pedindo através dos espaços em aceno de luz, o carinho bom de afagos e beijos.

Da pensão em que acabávamos de entrar, jorravam punhados de luz que iam morrer no negrume pezado da lama que cobria a rua fronteira.

Eramos dois.

-Garçon, café.

E o nosso espírito, que vinha aturdido pelo vento frio que lá fora era um algoz a dar chicotadas na face, e pelo lodo que não só enxovalhava as vestes, como irritava os nervos, - sentiu-se de repente erguido nas azas de um sonho que se vinha abrindo sobre nós. Era como se estivéssemos, naquele instante, na embriaguez deliciosa que só poderia vir de um nectar de deuses. Ali, sob a forte irradiação das luzes, um estranho misto de ilusão e de realidade, nos vinha anquilosar o coração e o cérebro, prendendo-nos, como cadeias de ferro, numa meditação profunda que, fugindo do ambiente físico, partiu para a misteriosa região das coisas desconhecidas.

⁷¹ Ver: TRINDADE, ... anexos.

⁷² "[...]a imaginação é tão importante para o historiador quanto novos documentos. Estes, são um modo fácil de dar a si mesmo uma ilusão de originalidade. É muito mais difícil pensar de modo novo sobre fatos conhecidos [...] Qualidades tão humanas, as capacidades de simpatia e sensibilidade serão crescentemente valorizadas à medida que se espera que os historiadores reinterpretem e recriem o passado, e não simplesmente somem conhecimento." ZELDIN, Theodore. "História pessoal e história das emoções". *História: Questões e Debates*, Curitiba, a.12, n.22/23, p. 30-44, jun.-dez./1991.

Um piano, na nostalgia merencória das gammas, fazia acordes scintilantes de uma maneira incomprehensível. A cristalização de uma voz gorgeava, em remigios avelludados, em torno dos sons desprendidos do dúctil teclado, espraiando-se pela sala onde nós estávamos, vindo até nosso coração, enlaçando-se pelo nosso corpo, penetrando a nossa vida, perturbando a vibração do nosso cérebro.

Era o El-Dorado do amor. Ao lado havia o perfume atraente de carnes moças; havia o magnetismo rosco de sorrisos em flor; havia o eterno encanto da mulher com toda a sua graça, com toda a sua grandeza.

O canto que se ouvia emmudeceu. Foi como si uma estrella se houvesse apagado.

Abre-se uma porta, e debaixo do reposteiro florece o perfil enluarado de uma mulher. Era moça, era bem moça.

A sua cabelleira loura, dum louro de sol de primavera, tinha a deliciosa fragancia [das] roseiras em flôr. E aquelle corpo, de linhas que faziam lembrar a estatuaria grega, impunha-se pela lactea maciez da epiderme. Era um deslumbramento. Era uma alvorada de mocidade, cantando hymnos, epopéias e triumphos...

E ella passou como uma sylphide, aromatisando o ambiente levemente palmilhado com os effluvios de seu porte de rainha.

Após, num tremer bestial de luxúria, seguindo aquelle rastro perfumado, percorreu a mesma trilha um informe e depilado corpo, grande como a montanha, mas ao mesmo tempo insignificante como o verme.

Corria, em trejeitos moles e bambolecados, rosnando lesbicos desejos, e deixando um cheiro azinhavado de patacos e de restos de comedorias pachidermicamente trituradas numa larga bocca, dotada de amachadados dentes.

Entretanto, ó incomprehensível ironia da vida! Ella, a irradiante flôr, que nos encantára a vista, e elle, o toicinhento e tardo donjuan, se foram por allhi alem, numa permuta de gozos e prazeres que só deviam fruir as almas voltadas para o bello e para a perfeição sadia da arte.

Era um contraste inominável: um lindo e canoro rouxinol, catando carrapatos no sovado dorso de um entumecido asno.⁷³

⁷³ ZUAVE. "Ironia". *O Olho da Rua*, Curitiba, a. IV, n. 04, s./p., 08/jul./1911.

Noite do dia 02 de maio de 1911. Nosso personagem, fatigado pela labuta, sujo pela poeira das ruas e dos livros, saciado em suas necessidades sociais e seus desejos, com novas memórias acrescidas àquelas que lhe imputamos, pode agora retornar a sua casa. Talvez volte lentamente, com a hesitação de quem não quer sair do mundo da rua, ou então com o passo apressado, como o amante da reclusão do lar. Lá, as energias gastas são repostas, e novas expectativas podem ser acrescentadas para o dia seguinte, na provável eterna repetição da rotina cotidiana que acompanhará os muitos próximos dias de trabalho do bibliotecário.

"CARO LEITOR..."

Eu nasci de um Desejo como a lágrima nasce de uma Dor.

Nasci n'um coração novo, de moço; deu-me vida e seiva uma imaginação ardente.

Vivi, latente, nessa moradia irrequieta, côr de púrpura, rodeado de amor e de sangue tépido... foi numa valsa estonteante que elle, o moço, aconchegando-a n'um movimento rápido e brusco na confusão dos pares, beijou-a.

Veloz, deixando a moradia côr de púrpura, brotei-lhe nos lábios sequiosos, passando-me, quente, para a boquinha mimosa e sensual de Alice...

Instantaneo como uma onda de fluido elétrico, percorri sua epiderme, fremindo-lhe as carnes, que tremeram de sensação e fui esconder-me victorioso nos recônditos de seu corpo alvo.¹

Poder-se-ia dizer que o poema de Almeida Araújo utilizado aqui como epígrafe foi a fâsca inicial de questionamentos acerca de determinados aspectos da sexualidade no final do século XIX. Para além de seu lirismo, chama a atenção a perfeita alegoria do ato sexual, atentando para detalhes como a violência masculina ("aconchegando-a n'um movimento rápido e brusco"), e para características biológicas da geração humana e de sensações peculiares ao coito ("percorri sua epiderme, fremindo-lhe as carnes, que tremeram de sensação").

A principal questão levantada, inicialmente, foi a de tentar compreender onde, um curitibano do final do século XIX poderia obter as informações necessárias sobre aspectos biológicos do sistema procriativo humano para uma série de metáforas tão "biologicamente" corretas. Outras questões derivaram desta primeira, abrangendo todo o universo possível de educação sexual de uma certa camada da população de Curitiba - masculina, letrada, adulta. Onde, por quais meios, e como os curitibanos letrados em geral, e os escritores em particular, poderiam educar-se quanto à sexualidade.

¹ ARAUJO, Almeida. "História de um beijo". *O sapo*, Curitiba, a.II, n. 47, p. 02, 19/nov./1899.

A busca dessas respostas passou pela consideração de que a mais eficiente e tradicional forma de transmissão de conhecimento no Ocidente, principalmente entre as elites letradas do século XIX, é a palavra impressa. Essa compreensão, por sua vez, levou-nos à Biblioteca Pública do Paraná e a seus leitores, atendidos tão atenciosamente pelo bibliotecário do capítulo anterior. Partimos, assim, daqueles livros disponíveis aos frequentadores da BPPR, que pudessem conter tais informações, para, posteriormente, tentarmos ver qual uso aqueles leitores possam ter feito delas.

Nesse capítulo, buscaremos ver esses livros, tentando analisar as condições de sua produção, sua inserção na obra de seus autores, e os leitores implícitos² dessas obras, para posteriormente, tentarmos analisar alguns de seus leitores reais, na segunda década deste século.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO "CIENTÍFICO" DO SÉCULO XIX SOBRE A SEXUALIDADE:

No *corpus* de obras constantes no acervo da BPPR e consultado pelos leitores no período 1911-18, merecem destaque, inicialmente, as obras de caráter científico, como *A Geração*, do médico francês Pierre Garnier, e *Higiene do amor*, do médico e antropólogo italiano Paolo Mantegazza,³ inseridas em um amplo contexto de discussões, debates, afirmações e descobertas quanto à sexualidade humana que culminará com as teorias freudianas, já no início deste século.

² Por "leitôor implícito", compreendemos aquele leitor que o autor da obra tinha em mente ao produzi-la, diferente e independentemente de seus leitores reais. Ver: DARNTON, Robert. "História da leitura". In: BURKE, Peter, Org., *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 199-236. CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

³ GARNIER, Pierre. *La génération universelle; lois, secrets et mysteres chez l'homme et chez la femme*. Paris: Garnier, 1890. MANTEGAZZA, Pablo. *Higiene del amor*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s./d. / 2. vol./

Antes de Freud, porém, muito se produziu na Europa sobre assuntos relacionados a comportamentos sexuais humanos. A necessidade de falar-se sobre o sexo é característica da *scientia sexualis* tipicamente ocidental, em oposição à *ars erotica* que muitos países do oriente utilizam. Segundo Michel Foucault, "desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado" na busca de produzir verdades sobre o sexo.⁴ Essa busca permeou todo o discurso dos médicos do século XIX, no qual podemos inserir, guardadas suas diferenças, Mantegazza e Garnier, ainda que o discurso médico propriamente dito, no sentido trabalhado por Foucault, por exemplo, não seja o que buscamos analisar aqui, mas sim as representações da sexualidade que dele pudermos apreender.

Foucault aponta a proliferação de discursos sobre o sexo no Ocidente, acelerada a partir do século XVIII, como sendo incitada pelas próprias instâncias do poder - como a pastoral católica e o sacramento da confissão, por exemplo - com a finalidade de estabelecer controles caracterizados pela repressão ao prazer. No século XIX, o discurso médico-científico, ainda não totalmente liberto da repugnância quanto a tais assuntos, passa a dissecar a sexualidade humana em todos os seus aspectos.⁵ O saber legitimador com o qual os médicos - principalmente - passam a ser investidos com relação a questões sexuais, ainda que fruto de processos anteriores, tem no XIX uma força e uma virulência que impressionam o observador do século XX, dados os extremos de crueldade atingidos - de par com toda uma tradição de normatização do sexo pela violência.⁶

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*; vol. 1, a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 34.

⁵ Ibid. p. 22-27.

⁶ As práticas de controle da sexualidade produziram violências que ainda hoje se reproduzem em sociedades africanas e entre os muçulmanos, como a extirpação do clitóris na mulher ou a auto-flagelação da Europa Medieval, que teriam seu contraponto nas práticas sado-masoquistas até os dias de hoje. Isso sem falarmos nos incontáveis internamentos em instituições mentais de mulheres "histéricas" e de masturbadores.

Declarando perversas todas as práticas e expressões do impulso sexual que não atendessem à única finalidade "natural" da procriação,⁷ lidando com categorias de perversão e perversidade - como Krafft-Ebing - combatendo a masturbação - como Havelock Ellis⁸ e coortes de outros colegas seus - médicos e estudiosos da sexualidade esforçaram-se por nomear, controlar e higienizar a sexualidade, freqüentemente em nome de um ideal nacional, onde o "desvio" sexual não só prejudicava o indivíduo, mas a nação também se debilitava. É por isso que a emergente sexologia de Krafft-Ebing tem como objetivo primordial estudar os comportamentos sexuais desviantes, e não a norma, pois entendidos dessa forma, os atos sexuais eram trazidos para a esfera pública. As práticas sexuais com finalidade de procriação e exercidas dentro do casamento, ainda que fossem objeto dos discursos, remetiam somente ao universo privado, ao mundo da família.⁹ Porém, apesar da "hipótese repressiva" de Foucault, e geralmente para argumentar contra ela, a historiografia recente sobre a sexualidade no século XIX tem apresentado conflitos gestados no próprio interior daquelas instituições sociais que produziam essas visões sobre a sexualidade.¹⁰ Se Krafft-Ebing concede tão pouco ao prazer em detrimento da procriação, ele teve, durante toda sua vida profissional, a pressão dos escritos de Magnus Hirschfeld sobre si, onde este último reconhece que o impulso sexual é essencialmente o impulso pelo prazer e o engrandecimento da vida, e busca minimizar até onde pode, as diferenças entre amor hetero e homossexual - ainda que não dê o passo seguinte e pregue a igualdade entre homens e mulheres em geral.¹¹ Krafft-Ebing

⁷ KRAFFT-EBING. *Psychopathia Sexualis*, p. 63. Apud: HULL, Isabel V. "The bourgeoisie and its discontents; reflections on 'nationalism and respectability'". *Journal of Contemporary History* v.17, n 02, p. 247-68, apr./1982. / Special Issue on sexuality in history/. p 258.

⁸ Sobre Havelock Ellis ver GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988 - 1990, vol 1. p. 125, 134, 136, 178, 217, 234, 238, 362. Vol. 2, p.196, 212, 202-5, 217-8, 228, 248-9.

⁹ HULL... p. 256-8

¹⁰ Penso aqui principalmente nos dois volumes de Peter Gay, onde o autor diz que esses volumes constituem "uma única e extensa argumentação contra [a] hipótese [repressiva de Foucault]". GAY,... vol 1. p. 360.

¹¹ *Ibid.*, p. 262-3.

e Hirschfeld¹² são exemplos de opostos complementares do debate sobre o sexo no século XIX, suas opiniões influenciando em maior ou menor grau, um ao outro, e a seus seguidores. Ainda que características gerais possam ser entrevistas em um grande número dos médicos-escritores de literatura aconselhadora quanto a comportamentos sexuais, há o primado do diálogo "científico" onde as teorias são comprovadas ou contestadas com base na observação e nos estudos de casos (ou seja, de pacientes) que esses médicos fazem.

Ao contemplar os discursos e opiniões médicas do século XIX, Carl Degler sugere diferenças agudas, ao invés de um consenso, quanto a um dos pontos mais comuns dessa literatura: sentimentos e necessidades sexuais femininas. A grande quantidade de escritos sobre o tema é evidência de que a chamada concepção vitoriana da sexualidade feminina tinha em si uma forte carga ideológica à qual uma igualmente grande quantidade de escritos se opõem.¹³

Médicos americanos e europeus afirmaram, em determinado momento de sua obra, que os sentimentos sexuais femininos inexistiam, ou eram muito fracos, ao mesmo tempo que um outro grupo mantinha posição radicalmente oposta.¹⁴ Enquanto, por exemplo, o Dr. William Acton sustentava aquele primeiro argumento, afirmando que "a maioria das mulheres (felizmente para elas mesmas) não se incomoda muito com sentimentos sexuais de qualquer

¹² Magnus Hirschfeld afirmou que "o impulso sexual não é o impulso à procriação, mas um impulso pelo prazer e pelo engrandecimento da vida". HIRSCHFELD, Magnus, *Die Homosexualität des Mannes und des Weibes*. Berlin, 1914, p. 312, apud. HULL... p. 262.

¹³ Hull demonstra o debate entre Krafft-Ebing e Magnus Hirschfeld em torno do prazer sensual, o primeiro condenando-o fora do casamento e da relação sexual com fins exclusivamente procriativos, o segundo alegando que o prazer era um fim em si mesmo, e lutando pelo fim da criminalização do homossexualismo na lei prussiana do final do século XIX. Krafft-Ebing, no final da vida, acatará algumas das idéias de Hirschfeld, fazendo concessões ao prazer. Ver: HULL, ...

¹⁴ DEGLER, Carl. "What ought to be and what was; women's sexuality in the nineteenth century". *American Historical Review*, v.79, n.05, p. 1467-1490. dec./1974, p.1471-2.

espécie",¹⁵ o Dr. Marion Sims, fundador da moderna ginecologia, pregava a absoluta normalidade e necessidade do prazer feminino no ato procriativo, verificada por ele através, principalmente, de depoimentos de pacientes. Essas divergências levam Degler a concluir que "Sims, os leitores a quem ele se dirigia e as pacientes que ele tratou, todos acreditavam que as mulheres eram naturalmente capazes de sensações sexuais."¹⁶ Acena-se aqui para o reconhecimento da onipresença do instinto sexual que ocorre no período vitoriano, que leva à busca de canalizar-se essa poderosa força de modo a beneficiar a humanidade.¹⁷

Há, portanto, uma importante distinção no discurso médico entre conteúdo e estilo. Embora as citações e exemplos dados pela literatura médica, em particular aquela primeira vertente que negava a sexualidade feminina, fossem descritivos em sua forma, "de fato, eles buscavam estabelecer uma ideologia, e não delinear uma já estabelecida".¹⁸ Para Degler, considerar essa literatura prescritiva ou normativa como reveladora de comportamentos sexuais da sociedade de então é um erro a ser evitado.¹⁹

Degler baseia seu trabalho no argumento geral de que a sexualidade do século XIX - particularmente a feminina - não tenha sido afetada, exceto de forma tangencial, por essa ampla tentativa de padronizar-se um comportamento calcado na negação da mulher como ente sexual. Porém, ele negligencia a aceitação geral - médica ou não - de que essa sexualidade fosse inferior à masculina e que a satisfação sexual só poderia ser aceita dentro dos limites do casamento e da moderação. A experiência norte-americana de instituições

¹⁵ Apud, GAY, ... Vol 1, p.117

¹⁶ DEGLER, ... p.1475.

¹⁷ SEIDMAN, Steve. "A força do desejo e o perigo do prazer: a sexualidade vitoriana reconsiderada." *História: Questões e Debates*, Curitiba, a. 12, n. 22/23, p. 45-77, jun.-dez./1991.

¹⁸ DEGLER, ... p.1477.

¹⁹ A ideologia à qual Degler se refere é aquela de esferas diferenciadas de ação masculina e feminina, ao homem cabendo atuar no espaço público, vedado à mulher. Ver DEGLER, Carl. *At Odds; women and the family in America from the REvolution to the present*. Oxford: Oxford University Press, 1980, p. 8-9.

mentais destinadas exclusivamente ao tratamento de mulheres (a maioria delas adolescentes) que manifestavam intenso desejo sexual - pela masturbação, por exemplo - revela o quanto o discurso que Degler considera normativo afetou vidas reais, e de forma alguma tangencialmente.²⁰ O mesmo Dr. Acton afirma "que tais mulheres excepcionais são essencialmente aberrações ninfomaniacas e candidatas em potencial aos asilos de loucos, sé é que já não estavam lá confinadas".²¹

Porém, longe de se negar absolutamente o impulso sexual nas mulheres, o desejo e os sentimentos femininos eram considerados como tendo bases menos carnis, girando em torno do desejo de amar e serem amadas, por seus maridos, seu lar e sua família. Quando essa moldura era desconsiderada, afirmavam os médicos, entrava-se no campo da anomalia e do desvio fisiológico, o que justificava em parte a ação dos médicos nesse tocante.²²

Portanto, havia um consenso médico, de forma alguma absoluto, mas ainda assim predominante, que via no apetite sexual feminino um sintoma de distúrbio ou doença mental. A terapêutica recomendada ia desde o mero internamento à clitoridectomia,²³ como solução limítrofe, mas de modo algum incomum. O próprio doutor Garnier, seguindo as definições de Tardieu para caracterizar o "histerismo feminino" recomenda, além do casamento, remédio também eficaz contra os males do onanismo feminino e da prostituição, que o clitoris feminino seja cauterizado, ou eventualmente extirpado, para aqueles casos onde o vício fosse imbatível. Garnier adota, nesse caso, o lema, "para grandes males, grandes remédios".²⁴

²⁰ TYLOR, Peter. "Denied the power to choose the good: sexuality and mental defect in American medical practice". *Journal of Social History*, v. 10, n. 04, p. 472-89. summer/1977.

²¹ GAY, ... Vol. 1, p. 117.

²² SEIDMAN, ... p. 48-9.

²³ "Extirpação cirúrgica do prepúcio do clitoris, procedimento equivalente à circuncisão no homem." GOLDENSON, Robert M. & ANDERSON, Kenneth N. *Dicionário de sexo*. São Paulo: Ática, 1989, p. 55.

²⁴ GARNIER, Pierre. *A esterelidade humana e o hermafroditismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902, p. 42.

Tais práticas brutais, usadas também no tratamento de mulheres histéricas e no do hábito da masturbação masculina, iam desde ameaças, humilhações públicas, e outras medidas igualmente violentas, a intervenções cirúrgicas. Elas são a marca característica da medicina do século XIX e prováveis remanescentes dos tempos "pré-científicos" da medicina. O recurso a elas é símbolo, tanto da hostilidade masculina, calcada no terror que as representações da mulher inspiram - fatal, devoradora, vampira, etc... - quanto da ignorância médica. Porém, admitir essa ignorância seria abrir o campo para os charlatanismos que a medicina oficial buscava eliminar em termos científicos.²⁵

Alain Corbin, porém, não crê que os escritores médicos do século XIX tenham se preocupado mais com o controle de práticas desviantes do que com as relações conjugais, discordando de Foucault. Para Corbin, os historiadores têm se debruçado mais sobre as análises daquele primeiro tipo, onde os médicos exercem uma espécie de crueldade irrequieta na tentativa de ocultar, além de seu desconhecimento da natureza humana, os conflitos gerados por conta da inferiorização feminina. Analisando o discurso médico através do reconhecimento de uma linha mestra na qual as obras funcionam como "manuais de gestão espermática", ele afirma que "as prescrições médicas se exprimem sob a cobertura da 'higiene sexual'; o escabroso aí parece asseptizado".²⁶

Nesse sentido, e visando estabelecer como única prática sexual legítima aquela voltada exclusivamente à procriação exercida dentro do casamento, esses escritores estabelecem um catálogo de "fraudes" que levam ao desperdício do esperma - coito interrompido, masturbação, etc... - anatematizando-os como anti-naturais e debilitantes. Concomitantemente, discordam de que a sexualidade feminina seja inferior à masculina, sendo

²⁵ DECKER, Hannah. "Freud and Dora; constraints on medical progress". *Journal of Social History*, v.14, n.03, p. 445-64, spring/ 1981.

²⁶ CORBIN, Alain. "A pequena bíblia dos jovens nubentes". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 201-11.

potencialmente maior, mas apenas menos constante. Eles pregam que cabe ao marido, pela rapidez do coito e ausência de carícias excessivas, evitar transformarem suas esposas em libertinas.²⁷

No Brasil, processos semelhantes de construção de discurso médico já foram estudados, vendo o saber médico como aliado de uma classe industrial na tentativa de apropriar-se da infância e da mulher para controlar e impedir "desvios" morais, propugnando que o espaço da criança é a escola e que o da mulher é o lar. Em ambas tentativas, esse discurso foi combatido por um discurso operário e por um anarquista. Esses médicos brasileiros do início do século viam sua função, e de toda a classe dominante, como a de conduzir o(a) desviante de volta ao bom caminho e manter nele crianças e mulheres pobres antes que se desviassem.²⁸

De modo geral, os médicos brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro, eram muito influenciados pelos debates europeus, e diversos trabalhos já apontaram a influência que Parent-Duchâtelet exerceu sobre seus esforços de higienização da prostituição.²⁹ Os médicos, ao identificarem a prostituição como cancro a ser, não extirpado, mas submetido a seu controle estrito, pois "o corpo da prostituta é definido como ponto de atração e de difusão da doença física, da doença moral e da doença social"³⁰, afirmam sua autoridade para estabelecerem verdades quanto à sexualidade.

²⁷ Ibid. p. 206.

²⁸ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar, a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.85-95.

²⁹ Ver, por exemplo, SOARES, Luiz Carlos. "Da necessidade do bordel higienizado" In: VAINFAS, Ronaldo, org. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 143-68.

³⁰ ENGEL, Magali G. "O médico, a prostituta e os significados do corpo". In VAINFAS, ... p. 169-90. p.190. Ver também ENGEL, Magali G. *Meretrizes e doutores; o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845 a 1890*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Sobre a prostituição em São Paulo na virada do século, ver também RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite; prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Em Curitiba, os médicos e os educadores buscavam na educação sexual elementos para inculcar na sociedade, um certo nacionalismo, vendo-a como forma eugênica de servir a pátria. Assim, no período em que algumas das obras européias estavam sendo lidas em Curitiba, por estudantes, médicos e professores, eles inseriam-se na luta por disciplinarem-se corpos em virtude de uma idealização de raça e de progresso, calcada no amparo à criança, no estímulo à amamentação, no combate ao vício e à educação dos jovens.³¹

É nesse conflituoso embate sobre a sexualidade e os caminhos e descaminhos da humanidade que inserem-se as obras de Pierre Garnier e Paolo Mantegazza que os estudantes do Liceu Paranaense consultavam em suas visitas à Biblioteca Pública do Paraná, quando pediam-nas ao bibliotecário.

A GERAÇÃO UNIVERSAL

O médico francês Pierre Garnier escreveu o título mais diretamente explicativo da reprodução biológica humana que aparece nos registros de retirada da BPPR: *A geração universal; leis, segredos e mistérios, no homem e na mulher*, um volume in 12^o, de 563 páginas, com seis edições até 1889. O livro foi retirado 67 vezes por 40 leitores no período 1911-1918. Escrevendo principalmente a partir da década de 1870, o Dr. Garnier teve uma produção bastante profícua, afunilando os temas de seus livros de forma significativa.³² Inicia com *O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos*

³¹ MEZZOMO, Diva da Conceição Ribas. *Médicos e educadores; a disciplinarização da família curitibana (1890-1930)*. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná. / Particularmente as partes II e III/.

³² GARNIER, P. *La génération...* ; _____. *O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugaes*. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.; _____. *Impotencia physica e moral no homem e na mulher*. Rio de Janeiro: Garnier, s/d.; _____. *Onanismo so e a dous; sob todas as suas formas e conseqüências*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901; _____. *A esterelidade humana e o hermaphrodismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.

conjugaes, em quarta edição em 1891; *A geração, Impotência physica e moral no homem e na mulher, A esterilidade humana e o hermafroditismo e Onanismo, só e a dous sob todas as suas formas e conseqüências*, todos reunidos sob o título geral de *Hygiene da geração*.

Em cada uma dessas obras o Dr. Garnier busca dissecar os comportamentos sexuais de seus contemporâneos de forma absoluta. Ele descreve, critica, busca explicações sócio-psicológicas e prescreve as possíveis curas para uma miríade de "doenças e vícios" sexuais, desde a masturbação infantil até o bestialismo. Esse trabalho é calcado em uma noção de decadência da sociedade européia onde "o pseudo celibato dos dois sexos torna-se a moda, em virtude da liberdade individual de que cada qual pretende gozar à sua vontade"³³ Em nome dessa liberdade, diversas "fraudes" são empregadas dentro do casamento para evitar a concepção. Devido a essa liberdade, a educação das crianças é genérica e descarta dos aspectos morais, relegando a religião a um plano inferior, em virtude das doutrinas positivistas - responsáveis, para Garnier, por essa decadência. Sem religião, as crianças libertam-se muito cedo da tutela dos pais e entregam-se "a toda sorte de desvarios da mocidade inexperimentada". De fato:

Esta civilização factícia toda exterior e d'apparato, só produz excessos. A actividade febril que determina sobreexcitando, exaltando o systema nervoso em particular, deve levar fatalmente á depravação dos costumes pelos prazeres physicos de toda espécie que em favor do positivismo reinante, constituem o fim exclusivo. Os do amor sendo os primeiros e mais delicitáveis entrega-se-lhe sobretudo com excesso.³⁴

As fraudes contra a geração são um dos motivos que levam à impotência. Outro forte motivo são os abusos venéreos em geral,

³³ GARNIER, *Onanismo...* p. 103.

³⁴ *Ibid.*, p. 103.

particularmente a masturbação, e o excesso do coito em particular. Indulgir nesse excesso, bem como indulgir na masturbação, implica correr o risco de espermatorréia - ou desperdício involuntário de esperma - causada por um abalo generalizado do sistema nervoso. O mesmo acontece com o coito prematuro - a sedução de jovens por suas criadas, por exemplo - onde esses aparecem pálidos, "os olhos com olheiras, a pelle quente e seca, o pulso acelerado, o ventre doloroso e entesado, as virilhas inchadas e sensíveis, as coxas e as pernas fatigadas".³⁵ A impotência, por sua vez, é a ruína do casamento, onde a monotonia de um lar sem filhos provoca tristeza, desespero, desunião, enfraquecimento do amor e infelicidade. Para Garnier, a separação que põe fim a uma tal união é um escândalo a ser evitado de todas as formas possíveis pois o casamento é o espaço onde a sexualidade pode e deve ser exercida comedidamente, sem os excessos que causam males como a esterilidade e a impotência.³⁶ Estas são a "desgraça maior" do casamento, já que este não cumpre sua função primordial da reprodução humana.³⁷ Se para boa parte dos casos de esterilidade Garnier não conheça cura médica, para a impotência, além de todos os meios físicos conhecidos até então, alguns bastante estranhos aos olhos do século atual, há meios morais bastante eficientes:

E quanto aos meios morais, consistem, dando trégua às paixões de café, fumo ou jogo, na leitura de romances, freqüentação de bailes e theatros, quadros lascivos e sobretudo na sociedade de mulheres cujos costumes permitam certas intimidades e liberdades de linguagem nos limites da decência, porquanto os excessos n'esse genero determinam muitas vezes nos homens o asco e a aversão.³⁸

Com a mesma veemência, os métodos contraceptivos são condenados como "práticas immoraes [...] artificios voluntários, conhecidos sob o nome de

³⁵ GARNIER. *Impotencia...* p. 172

³⁶ *Ibid.*, p. VIII.

³⁷ *Ibid.*, p. VI.

³⁸ *Ibid.*, p. 13.

prudência ou trapaça, que têm por fim frustrar a fecundação, tornando o coito incompleto". Para Garnier, não se deve desviar o ato sexual de sua função primordial - a reprodução, e o único espaço em que ele é aceito é o do casamento.³⁹

É nesse sentido que recomenda, contra os males do onanismo e da prostituição, o casamento como o grande remédio, particularmente para a mulher. De um modo geral, Garnier expressa uma noção mais ou menos generalizada de uma sexualidade feminina inferior. Contudo, as manifestações dessa sexualidade - principalmente as masturbatórias - ou os resultados de sua repressão, isto é, histeria, impotência - são vistos como grandes males a serem combatidos, como anomalias e desvios (e para tanto, incluíam-se diversas outras práticas sexuais). O casamento é tratado como o *único* ambiente possível do exercício de uma certa sexualidade, exclusivamente voltada para a reprodução, ainda que Garnier conceda um certo grau de prazer nesse caso. Outros prazeres, ou mesmo o excesso de prazer dentro do casamento, devem ser combatidos.

Em *A geração universal*, Garnier apresenta a seus contemporâneos um complexo tratado médico com descrições do processo de fecundação animal e vegetal, antes de centrar-se sobre a reprodução humana. Ele apresenta também uma precisa descrição do processo de fecundação do óvulo feminino humano pelo espermatozóide e fala da seleção natural de um único desses últimos para fecundar aquele primeiro. Essa descoberta, Garnier atribui primeiramente à invenção do microscópio e, em segundo lugar, ao esforço da escola alemã de medicina que descrevera o processo.⁴⁰ Porém, no estágio em que as pesquisas se encontravam nas décadas de 1870-1890, era impossível, admite Garnier, conhecer as modificações operadas dentro do óvulo humano após a fecundação.⁴¹

³⁹ GARNIER. *A esterilidade...* p. 42.

⁴⁰ GARNIER, *La Generation, ...* p. 390

⁴¹ *Ibid.*, p. 391.

Mas, como em todos seus outros livros citados acima, Garnier extrapola o tema principal proposto e discute moral e casamento, vício e virtude, sempre relacionando-os de forma a tentar tornar o casamento um fardo menos pesado para os cônjuges. Ao falar sobre a noite de núpcias, ele a compara a um rapto legítimo com origem no rapto das sabinas e condena a excessiva violência da primeira noite por parte do homem, que segundo ele, pode comprometer todo o resto da vida conjugal, a viagem de núpcias sendo o momento de triunfo ou de desastre do casamento. Nesse sentido ele escreve que:

Uma reserva extrema, sem violência do marido, deve portanto presidir esta tomada de posse. Sem se dar conta de seus novos direitos, ele deve continuar seu papel de amante até o fim e não tomar nada que não seja livremente consentido. Esta agressão noturna não deve ter nada de brutal nem de soldadesco.⁴²

Não obstante, Garnier concorda que a cópula é o ato de homens fortes e robustos e condena aqueles que exageram ou abusam do ato sexual acima de sua capacidade física, sejam eles impulsionados pela paixão ou dominados pela luxúria. "[...] Uma imaginação pervertida, ou hábitos fatais [como a masturbação] tomam para uma necessidade irresistível, aquilo que é simplesmente o efeito de excitações passageiras ou artificiais [...]"⁴³, que estão em desacordo com a constituição física daqueles homens. Esses excessos eróticos afetam também à mulher, "apesar de seu papel menos ativo", provocando-lhes abalos nervosos e irritações ou mesmo contusões nas partes genitais. O papel das esposas é fundamental, sendo elas prudentes e reservadas. A elas cabe moderar o ardor do marido quando ele abusa de seu vigor,

⁴²"Une extrême réserve, sans brusquerie du mari, doit donc présider à cette prise de possession. Sans tenir compte de ses nouveaux droits, il doit continuer son rôle d'amant jusqu'au bout et ne rien prendre qui ne soit librement consenti, accordé. Cette agression nocturne ne doit avoir rien de brutal ni de soldatesque." Ibid., p. 451.

⁴³ "[...] une imagination pervertie ou des habitudes fatales, prennent pour une nécessité irrésistible ce qui est simplement l'effet d'excitations passagères ou artificielles, peu en harmonie avec leur constitution [...]". Ibid., p. 453.

lembrando-lhe dos perigos que corre, ao mesmo tempo em que devem sempre "contentar-se com o que as forças e o estado do marido lhe permitem".⁴⁴

A cópula é mais debilitante em países extremos, muito frios ou muito quentes. Nos países temperados - como a França - seus efeitos são menores. Ainda assim, ele sugere a seus leitores que evitem os alimentos suculentos, condimentados, o café e os licores que causam uma excitação geral, que pode, por sua vez, levar ao abuso do coito.

Garnier confirma a proibição do coito durante a menstruação, não porque, como disse São Tomás, ele é imoral ou suscetível de produzir filhos leprosos, disformes ou monstruosos, mas: "a cópula, praticada dentro dessas condições, sem objetivo, é essencialmente prejudicial ao curso normal e regular dessa função mensal. Hemorragias aumentadas são comuns nesse caso".⁴⁵ Os perigos de um tal coito são uretrites no homem e vaginites na mulher. "E como a geração pode ser igualmente a consequência, a decepção é ainda mais amarga e dolorosa".⁴⁶ Garnier manifesta aqui o desconhecimento, comum entre seus pares, do real período fértil feminino.⁴⁷

Ao falar sobre os celibatários, apresenta estatísticas que comprovam que estes morrem mais que os casados, principalmente os homens. Isto ocorre, segundo ele, porque os celibatários têm mais vícios degradantes e indulgem neles com maior frequência. O casamento é, portanto, muito melhor que o celibato, além da provável cura para aqueles vícios.⁴⁸

⁴⁴ Ibid., p. 454.

⁴⁵ "la copulation, pratiqués dans ces conditions, et sans but et essentiellement nuisible au cours normal et régulier de cette fonction mensuelle. Des hemorrhagies redoutables en sont souvent en suite." Ibid., p. 458.

⁴⁶ "Et comme la génération peut en être également la conséquence, la déception en est d'autant plus amère et cuisante". Ibid.

⁴⁷ Esse tipo de ignorância médica sobre os processos fisiológicos do corpo humano, e particularmente do corpo feminino, só é sanada muito recentemente no século XX. Mesmo assim, a profissão médica passou pelo que foi talvez sua mais radical mudança entre a primeira metade do século XIX e a Primeira Grande Guerra, saindo de seu período "heróico" e ganhando a confiança da maior parte da população. Ver GAY, ... V. 1, P. 228-30.

⁴⁸ GARNIER, *La Generation*, p. 515.

Garnier continua sua análise das anomalias, falando sobre deformidades corporais, "desproporção exagerada" do volume ou dimensões dos órgãos genitais, e doenças que podem dificultar o coito. A cada um dos casos, ele oferece soluções clínicas ou terapêuticas, conforme o caso, sugerindo que "modificando, variando a sua [do coito] posição natural [homem sobre mulher], a arte [do amor] intervem utilmente para facilitar a cópula e torná-la fecunda".⁴⁹

Da mesma forma, Garnier adverte contra os perigos de noivados prolongados, que expõem os jovens a tentações e problemas nervosos devido a não realização de seus desejos imediatos. Os sintomas de emagrecimento, palidez, enfraquecimento, em particular na mulher, devem indicar aos pais que a conclusão da união deve ser apressada, "por sua saúde, se não por sua virtude".⁵⁰

A geração é, portanto, um amplo manual médico sobre sexo e relacionamentos entre homens e mulheres, fornecendo a seus leitores material suficiente para várias consultas, devido a um elaborado índice de assuntos, como todas as obras de Garnier.

Para quem ele escreve seus livros? Principalmente para os jovens, que ignoram "muitas vezes tanto o bem quanto o mal".⁵¹ Ele quer que esses aprendam as condições fisiológicas e naturais da geração, inclusive em seus aspectos anômalos e desviantes. Para isso, utiliza-se de uma noção de ciência que "precisa e exige a clareza para evitar enganos", e é impelido por "um dever, uma obrigação particular [de] entrar n'estes minuciosos detalhes [sobre a geração, o onanismo, a impotência, etc.] para melhor iniciar os leitores dos factos, órgãos e funcções geralmente ignorados na sociedade".⁵²

⁴⁹ "En modifiant, en variant la position naturelle, l'art intervient utilement pour faciliter la copulation et la rendre féconde." *Ibid.*, p. 464.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 449.

⁵¹ GARNIER, *O Onanismo*,... p. XXV.

⁵² *Ibid.*, p. XII.

Garnier utiliza-se da taxionomia dos sintomas clínicos de cada um dos desvios do ato sexual, ou da impossibilidade do ato sexual, com suas conseqüências nefastas e freqüentemente mortais. Como Krafft-Ebing, a normalidade não lhe interessa. Quer ensinar todos os possíveis erros para incutir a culpa e levar seus leitores a casarem-se da forma que ele considera mais correta. Nesse sentido, Garnier pode ser encaixado dentro da tradição católica tridentina que, ainda que munida de argumentos morais diferentes, tinha muito dos mesmos objetivos quanto ao casamento.⁵³

A UTOPIA SOCIAL DE PAOLO MANTEGAZZA.

Autor de uma vasta obra sobre amor e sexualidade, o senador do reino da Itália, médico e antropólogo Paolo Mantegazza é um personagem bastante diverso de seu colega Garnier. Crítico da sociedade de seu tempo, ele flutua da obra puramente etnográfica - *O amor na humanidade* - para romances onde utopia e aconselhamento médico estão intrinsecamente ligados, como em *As três graças*.⁵⁴ Quase toda sua obra foi traduzida para o português ainda no início do século, com várias edições até a década de 1930.

Dono de um estilo bastante peculiar, ele tenta, por exemplo, dar simultaneamente os conselhos de um pai e de um médico no romance *Arte de escolher marido*, onde a protagonista - Ema - é uma adolescente em transição para a idade adulta, com as comoções de praxe. O pai-médico é quem tem as palavras de crítica e de aconselhamento na tarefa inescapável que a filha tem de

⁵³ ARIÈS, Phillipe. "O amor no casamento". In: _____ & BÉJIN, André, orgs. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.153-62. Ver também: DELUMEAU, Jean. *Le catholicisme entre Luther et Voltaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

⁵⁴ MANTEGAZZA, Paulo. *O amor na humanidade*; ensaio de uma ethnologia do amor. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.; _____. *As três graças*; amores platônicos. Lisboa: Empresa Litteraria Fluminense, 1913.

casar-se. Ao descrever a melancolia resultante do despertar das emoções sexuais na filha, caracterizada como "histerismo da puberdade", ele diz que estas são

palavras brutais, que pertencem, ao mesmo tempo, à clínica e à anatomia, e com as quais nós, os médicos, julgamos brutalmente a completa revolução física, moral, intelectual, que transforma uma criança em mulher. Revolução que é um poema de virtudes novas e de novos vícios. De ímpetos apaixonados e êxtases infáveis, de desejos vagos e de amores sem amantes. Caos enorme, que pede ao céu um criador, e aos anjos uma voz que diga: serás mãe, ou ao inferno um grito, que clame, serás um demônio⁵⁵

Em uma definição tipicamente médica, onde o contraste entre os pares opostos céu/inferno, anjo/demônio, mãe/prostituta, Mantegazza busca alertar para os perigos de uma sexualidade feminina excessiva, caso Ema não seja guiada em sua educação por seus pais, principalmente por seu pai, de forma esclarecida quanto às questões do amor e do sexo.

Ema apaixona-se, em seguida, por um vizinho, estudante de medicina, e tem dois outros pretendentes, um engenheiro, tímido mas inteligente e empreendedor, com futuro promissor, e um marquês, velho, rico e ocioso. No decorrer da narrativa, Mantegazza cria a situação da morte súbita do pai-médico para fazer chegar a Ema - e às leitoras que Mantegazza espera ter - uma série de conselhos e recomendações quanto à escolha do futuro marido e à vida conjugal, sem perder a oportunidade de criticar a sociedade de sua época. Compreende-se a necessidade da morte do pai para que tais conselhos sejam lidos por Ema, a partir da idéia de que "[...] da boca da mãe é que a filha deve começar a conhecer os terríveis mistérios do sexo, com os seus perigos e seus encantos."⁵⁶ De fato, é a mãe quem inicia a filha nos segredos da procriação quando da menarca de Ema, sob pressão do pai, é verdade. O complemento é feito pelo pai, pois, como

⁵⁵ MANTEGAZZA, Paulo. *Arte de escolher marido*. Lisboa: Clássica, 1935. p. 14.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 20.

inúmeras outras mães, a de Ema teve uma "educação hipócrita, tôda pautada por tradições bafientas, [onde] temos sempre confundido a ignorância com a inocência. E todavia são coisas distintíssimas: há muitíssimas mulheres ignorantes que não são nada inocentes, [e mulheres inocentes] que não são nada ignorantes".⁵⁷

No manuscrito do pai-médico, entregue a uma filha emocionada por uma mãe recalcitrante, Mantegazza expressa mais claramente suas idéias, abandonando inclusive a narrativa romanceada da vida de Ema - que ele afirma ser verídica. Inicia fazendo uma taxionomia dos maus maridos, já que "os bons maridos são aqueles que fazem sua mulher feliz, fazendo felizes a si próprios".⁵⁸ Há, inicialmente, o tirano. Depois, o pusilânime, que "é um individuo de sexo duvidoso, porque tem corpo másculo e alma feminino".⁵⁹ A seguir, o ciumento, que gera "os assassinos de mulheres infiéis [que] são quasi sempre absolvidos pela *vox asinorum* dos jurados; porque cada jurado se sente ofendido e ameaçado pelo amante feliz" mas que Mantegazza condenaria sem hesitar, tivesse ele a desventura de ser jurado em um tal julgamento.⁶⁰ Depois vêm o rabugento, o avaro, o imbecil, o ocioso e o libertino, sobre quem Mantegazza comenta:

A nossa sociedade corrompida mas hipócrita, libertina de facto mas puritana em palavras, impõe a uma donzela a mais completa ignorância; e o mais completo ideal para uma jovem que vai casar e que, desde três ou quatro anos antes, é talvez casadoira, consiste em ignorar como se procriam e nascem os homens. [...] deve portanto ignorar o que quer dizer a palavra libertino. [...] Toma cuidado e atende bem porque os libertinos são quasi sempre muito simpáticos e as mulheres têm tendência para os achar interessantes, para os amar [...] contudo são maus maridos e péssimos pais.⁶¹

⁵⁷ Ibid., p. 18.

⁵⁸ Ibid., p. 64.

⁵⁹ Ibid., p. 70.

⁶⁰ Ibid., p. 80.

⁶¹ Ibid., p. 97.

Mantegazza tem uma definição precisa do casamento como a "elevada missão de tornar feliz uma mulher e procriar filhos", e na qual marido e mulher devem discutir e deliberar juntos as questões de importância, sem que nenhum deles ordene ou obedeça. A natureza, providente, constituiu o homem - e não a mulher - de duas metades, "separadas quanto aos corpos, mas reunidas pela mesma correspondência de atração e de amor", duas metades que não podem viver uma sem a outra, exceto sob pena de dor e trauma e da "atrofia da vida comum, que é a única vida verdadeira e completa, a que constrói o ninho, em que se criam os homens".⁶²

O amor é tratado de forma bastante precisa, negando que o primeiro amor seja o único verdadeiro, e que o amor estilizado nos romances nada tem de semelhante na realidade cotidiana, mas é no amor que a união matrimonial deve ser fundamentada, ainda que esta seja calcada também em considerações de caráter econômico, onde o pai-médico diz que "a condição social é o clima em que nascemos e em que, a nosso lado e conosco, não podem viver senão aqueles que nasceram debaixo do mesmo céu moral".⁶³ É por isso que ele afirma categoricamente que Ema casará, "portanto, com um homem que exerça qualquer das profissões que se chamam liberais, talvez porque elas nos deixam muitas vezes a liberdade de morrer de fome".⁶⁴

Enfim, após dissecar cada uma das profissões, identificáveis, como o homem das multidões de Poe o faz, no simples movimento cotidiano das ruas, apontando seus defeitos e qualidades, além das atitudes que a esposa deve ter para auxiliar cada tipo de marido, Mantegazza encerra com "fragmentos dum código de diplomacia matrimonial" baseada no evangelho, com a esposa amando ao marido mais do que a si própria, e calcada na idéia de que "visto que o crescer do amor é sua fase mais bela, devemos empenhar toda a diligência para

⁶² *Ibid.*, p. 69, 112 e 128, respectivamente.

⁶³ *Ibid.*, p. 118

⁶⁴ *Ibid.*, p. 119.

que esse crescer seja lento, muito lento, e se prolongue muito, muitíssimo".⁶⁵ Ema, ao fim e ao cabo, casa-se com o engenheiro tímido e empreendedor e Mantegazza abstém-se de dizer que viveram felizes para sempre.

Em *As três graças*, Mantegazza constrói um relacionamento utópico entre quatro pessoas, três mulheres e um homem, baseado quase que exclusivamente em amor platônico. As três graças, tema pictórico renascentista, aqui são três lindas jovens, Laura, sua irmã Sílvia e a prima Francesca. Elas tomam para si como missão de vida, sob a liderança de Laura, recuperar homens derrotados, possibilitando-lhes um reinício. É assim que Laura se torna a *patronesse* de um sapateiro corcunda, que sob sua influência abre seu próprio estabelecimento, e de um aventureiro falido a quem é oferecida a chance de estabelecer-se como colono na Nova Zelândia. As três assumem também a tarefa de regenerar o notório libertino e jogador, marquês Alfredo de Rovera. Mantegazza constrói a conversão de Alfredo de forma simultânea à paixão na qual os quatro personagens vão lenta e mutuamente caindo. Os momentos de conflito são solucionados com a criação de uma fraternidade de base platônica entre os quatro, com a exclusão de contatos íntimos entre o marquês e qualquer uma das jovens. Uma tal situação não pode ser, para Mantegazza, exercida no seio daquela "sociedade scéptica, cínica e corrompida"⁶⁶ de seu tempo, que vê a relação dos quatro jovens como puro exercício da libertinagem que o marquês de Rovera abandonara por amor às três graças. O fim dos conflitos com aquele meio social - que levam Alfredo a bater-se em duelo e ter seu braço inutilizado - acontece com a partida para o paradisíaco distante, as ilhas do pacífico ainda não corrompidas pela civilização, onde os quatro podem atuar como missionários e emissários da mensagem platônica que os envolve. E é nesse território, onde o clima quente e a vegetação exótica excitam os sentidos, que os quatro vão viver por algum tempo, cada um deles mais e mais tentado a exceder o platonismo da

⁶⁵ *Ibid.*, p. 187.

⁶⁶ MANTEGAZZA, *As três graças...* p. 212.

relação, atingindo uma situação limite que se resolve pela morte accidental de Alfredo, quando, *voyer* platonizado, ele observa suas três companheiras a banharem-se nas águas límpidas de uma cachoeira tropical.

Novamente, Mantegazza tem em mente *leitoras*, para sua obra, já que crê que poucos homens acreditarão na possibilidade do enredo ter um equivalente na realidade. Ele consola-se com a idéia de que "muitas leitoras terão dito pelo contrário: isto é verdadeiro, muito verdadeiro; ora nos juris dos problemas do amor o voto das mulheres vale dez votos dos homens".⁶⁷ E ele crê que essas leitoras possam amar dois ou mais homens, e que um homem possa amar duas ou mais mulheres, com a mesma intensidade de amor para todos. Segundo ele, "os amores monogâmicos e intolerantes são tiranias medievais que se impõem nos códigos e livros de moral [...] a monogamia não é senão uma das muitas formas do orgulho e do despotismo humano".⁶⁸

As três graças é uma obra do final da vida de Mantegazza. Antes dela, ele escrevera uma série de comentários críticos sobre o Ocidente de seu tempo. Foi ele quem deu impulso à discussão sobre o caráter neurótico do século XIX com seu *Il secolo nevrosico*, publicado em 1886 e imediatamente traduzido para o alemão.⁶⁹ Ele também publicou uma *Trilogia do amor*, iniciada com a *Physiologia do amor*, seguida de *A higiene do amor* e completada com *O amor na humanidade*.⁷⁰ Essa trilogia, escrita anteriormente a seu romance utópico, faz parte do trabalho de Mantegazza como reformador social, onde, como a grande parte de seus iguais ocidentais, ele dá vazão ao sarcasmo e ao ceticismo quanto à sociedade a qual ele pretende reformar. Porém, ao contrário da maioria, ele e aqueles que Peter Gay chama de "um punhado de rebeldes românticos",

⁶⁷ *Ibid.*, p. 174.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 133 e 179.

⁶⁹ GAY, ... vol. 2, p. 293.

⁷⁰ MANTEGAZZA, *O amor* ... p. 5.

proclamavam que o prazer e a sensualidade humanas deviam ser exercidos em sua totalidade, já que eram dons divinos à humanidade.⁷¹

O amor na humanidade, escrito em 1886, é uma rica rede de comparações das práticas e formas de comportamentos sexuais observadas e registradas pelos etnógrafos dos séculos XVIII e XIX - inclusive por Mantegazza em suas viagens pela América Latina e ilhas do Pacífico - , os relatos clássicos de Heródoto e de Tucídides, e suas próprias observações e julgamentos sobre a Europa de seu tempo. Ao estabelecer seu estudo como um relato do amor nas sociedades primitivas até então conhecidas, Mantegazza procura formar na sociedade europeia para a qual ele escreve, além da consciência de práticas sexuais consideradas normais fora da Europa, a percepção da hipocrisia com que o Ocidente trata os assuntos relacionados ao amor e ao casamento.

Mantegazza identifica nessa obra, um amor humano multifacetário, prenhe de influências psicológicas e culturais, bem como de características biológicas comuns à humanidade:

O homem ama como animal e como homem. Ama porque tem um sexo, e ama diferentemente de todos os animais porque differe d'elles, porque é a mais complexa e a mais elevada das fôrmas da animalidade. [...] Amamos diferentemente uns dos outros, não só porque somos homens ou mulheres, moços ou velhos, deste ou daquell'outro temperamento, mas também porque somos Italianos, ou Chinezes, Francezes ou Australianos.⁷²

Essa conceituação alia-se à noção de que, na mulher, o desejo sexual deve ser despertado pelo despertar simultâneo do desejo da maternidade. A partir de tais definições, Mantegazza faz uma crítica sagaz, forte e constante ao sistema de casamentos da Europa do século XIX, seja criticando o mito da virgindade - citando exemplos de comunidades inteiras onde a iniciação sexual

⁷¹ GAY, ... Vol. 1, p. 234.

⁷² MANTEGAZZA, *O amor* ... p.414.

feminina se dá bem antes do casamento, por "vias anormaes, tendo apenas empenho em uma unica cousa: conservarem-se virgens, ou pelo menos, estereis"⁷³ -, seja considerando o dote do casamento como o preço de compra da mulher ou do marido. Não que ele descarte a necessidade de uma base econômica para o casamento, garantia de um futuro seguro para o casal e seus filhos, mas esta base está necessariamente subordinada ao amor.

Porém, se em *As três graças* Mantegazza critica a exclusividade dada à união monogâmica na sociedade ocidental, em sua trilogia do amor, a monogamia é elevada a ideal absoluto:

As primeiras carícias e os primeiros beijos dão o desejo de novas carícias e de beijos mais saborosos; e, enquanto os dois factores de um mesmo amor recitam juntos o poema da monogamia, um terceiro ser sobrevem quasi sempre, que sella mais intimamente o abençoado e jurado pacto. [...] A mulher deve manter-se fiel ao homem que lhe deu um filho, e o homem deve proteger a companheira, que se tornou mais fraca, e prover do necessário a creatura nascida de seus beijos e de suas carícias. Taes são as razões de ser da fidelidade conjugal, tal a lei mais forte do que todas as leis escriptas, que entre as raças superiores impõe a toda a sociedade civil a forma monogamica.⁷⁴

Caso uma "raça" possua um nível moral baixo demais para viver monogamicamente, Mantegazza afirma ser "cem vezes preferível uma raça polyandra a uma polygama", ainda que somente pelo prazer pessoal de rebaixar "nosso parvo orgulho de machos humanos".⁷⁵

Em *Physiologia do amor*, o trabalho de dissecar os múltiplos aspectos do amor e do sexo é feito de forma a abranger todo o espectro de emoções e situações que, segundo o autor, pudessem envolver a reprodução humana. Aqui, como em *A geração*, há detalhadas descrições do processo reprodutivo de

⁷³ Ibid., p. 48.

⁷⁴ Ibid., p. 343-4.

⁷⁵ Ibid., p. 364.

diversas espécies animais, culminando com aquele dos humanos. A definição de amor que ele apresenta, sob a luz da ciência, é a da energia que põe em contato o espermatozóide e o óvulo, independentemente das definições poéticas ou filosóficas que lhe possam ser atribuídas.⁷⁶

Também aqui ressalta a crítica ao comportamento europeu no tocante às razões do casamento. Segundo ele:

O casamento, tal como existe hoje, é uma instituição corrompida que precisa ser profundamente reformada afim de poder voltar à sua dignidade natural.⁷⁷

Em ambas as obras, Mantegazza manifesta-se isento de um grande número de noções preconceituosas sobre a sexualidade feminina e infantil peculiares à sua época. Mostrando um certo freudianismo *avant la lettre*, reconhece o desejo sexual na primeira infância e atribui à mulher um desejo tão intenso quanto o masculino - ao contrário da maior parte do pensamento médico/psicológico decimonônico, inclusive o Dr. Garnier, que considerava o intenso desejo sexual na mulher como uma anomalia mental a ser tratada clínica ou psicologicamente.

A reforma do casamento pregada por ele, passava principalmente pelo fim de uma atitude hipócrita com relação ao sexo e à educação sexual, pela igualdade entre homens e mulheres, pela "livre escolha nos dous sexos" e pela "dignidade restituída ao casamento pelo divórcio, rodeiado de sensatas precauções".⁷⁸ Assim, advogando a livre escolha e o amor como base da felicidade conjugal, ele faz o elogio da monogamia e do respeito pela mulher.

⁷⁶ MANTEGAZZA, Paulo. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d. p. 25.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 322.

⁷⁸ MANTEGAZZA, *O amor...* p. 432.

Porém, mesmo condenando quaisquer casamentos por interesses econômicos ou outros, ele faz algumas ressalvas:

Tomar mulher para enriquecer-se é vilania e fecunda fábrica de enganos [...] Tomar mulher para empobrecer-se é estupidez e crime. Pôr no mundo proletários é uma das maiores responsabilidades que o homem possa assumir.⁷⁹

Higiene do amor é o terceiro livro da trilogia sobre o amor. Juntamente com *O amor na humanidade*, ele constava no catálogo da BPPR de 1911, porém, ao contrário deste, que só poucas vezes foi consultado no período 1911-18 (uma vez em 1913 e outra em 1917), *Higiene do amor* foi consultado constantemente pelos leitores durante todo o período, particularmente a partir de 1912, sendo raro o mês em que o livro permanece intocado, com pelo menos três leitores nos meses em que a obra é menos requisitada, o que nos leva a concluir que o bibliotecário do capítulo anterior tinha um grande contato com essa obra. Por exemplo, em outubro de 1913, a obra é consultada por um certo Segismundo Antunes Netto no dia 13, por Antonio Lopes no dia 16, por Moisés de Andrade Jr. no dia 23 e por João Germano dos Santos no dia 30. Já no mês de agosto de 1917, Ataliba Silva consulta *Higiene* mais sete vezes além das cinco que fizera no mês anterior, nos dias 03, 06, 09, 14, 16, 17 e 23. Raul Gomes disputa o livro nos dias seguintes com Ataliba e com outros leitores. Gomes consultará a obra - também não pela primeira vez -, nos dias 22, 27, e 29 de agosto. Victorio Schaffer o fará nos dias 27, 29 e 01 de setembro. *Higiene do amor* contou com um público bastante fiel entre os leitores da BPPR no período em questão.

Na estrutura da obra, Mantegazza começa por fazer um histórico sobre a higiene sexual, tomando como ponto de partida os preceitos bíblicos, o

⁷⁹ MANTEGAZZA, *Physiologia...* p. 336

Talmud, os antigos livros chineses e os filósofos e médicos gregos e romanos, chegando a Hipócrates e Aristides como expoentes de tais recomendações na antigüidade, citando ainda alguns médicos medievais onde Mantegazza identifica os esboços dos "gêrmens do presente" que ele pretende abranger em seu livro.⁸⁰

A seguir, ao falar sobre as "flores do amor", ele inscreve-se no quadro apontado por Corbin como de "gestão espermática". Após tentar detalhar minuciosamente os processos biológicos da produção de espermatozóides e de descrever diversas experiências nas quais ele submetera espermatozóides humanos a temperaturas extremas e a variados compostos químicos, na tentativa de descobrir leis gerais sobre a reprodução, Mantegazza condiciona ao esperma os próprios desejos sexuais do homem:

O esperma é o elemento essencial da geração viril, por isso ele é o verdadeiro e natural regulador da higiene genital do homem. Do esperma devem partir todos os desejos do sexo: é esse líquido potentíssimo que deve governar as necessidades da fecundação.⁸¹

É na higiene feminina, porém que Mantegazza centra sua verve. Atacando preconceitos quanto à menstruação, recomendando contudo abstinência sexual durante o período, ele faz uma minuciosa descrição do sistema reprodutivo feminino. A seguir, vêm estatísticas sobre a menarca e a menopausa, de acordo com variantes como local de habitação (cidade ou campo), clima, compleição física e raça.

Quando fala sobre a masturbação, Mantegazza faz coro aos inúmeros médicos do século XIX que se engajaram em uma cruzada anti-masturbatória⁸² e condena-a como "primeira vergonha" que afeta a virilidade nascente, afirmando que "o amor manual é ridículo e obsceno; é estúpido e é sujo. Ninguém no

⁸⁰ MANTEGAZZA, ... *Higiene* ... p. 39.

⁸¹ *Ibid.*, p. 50.

⁸² Ver GAY, ... Vol. 1, p. 215-31.

mundo, exceto o cínico ou o cretino, pode confessá-lo sem vergonha".⁸³ Ele acrescenta ainda, na tentativa de esclarecer a facilidade com que o homem indulge na masturbação, que "se for verdade, como assegura a mitologia de mais da metade da família humana, que o mundo foi feito pela associação de dois princípios, um mau e um bom, certamente os órgãos viris foram obra de Lúcifer bebado".⁸⁴ Contrário a qualquer método físico de controle da masturbação, ele acredita mais na prevenção através da informação e da educação sexual sincera, desacreditando as conseqüências físicas geralmente apontadas como resultantes da masturbação, mas certo das conseqüências moralmente degradantes. Mantegazza já demonstra aqui uma peculiaridade muito grande em sua forma de tratar a educação amorosa e sexual de seus leitores. Sua "educação sexual", ainda que muito longe de ser libertária, prevê o prazer como parte indissociável da vida amorosa, e não necessariamente dentro do casamento.

No quinto capítulo da obra, Mantegazza discute a impotência masculina, após fazer uma taxionomia dos tipos de virilidade. Para ele, os homens dividem-se em três tipos básicos, conforme a idade e/ou outras influências como estado geral da saúde e situações de sedução: a primeira é a que tem como lema a frase "faço o que quero", seguida por "faço o que posso" e, por último, "espero minha estrela".⁸⁵ Sobre a impotência, cita vários exemplos de médicos que tentavam curá-la através de métodos clínicos típicos do século XIX, como a galvanização dos testículos ou a hidroterapia com banhos termais e ferruginosos. Para Mantegazza, a impotência está ligada, entre outros motivos, a formas "não naturais" de cópula ou a uma sexualidade excessiva ou desviada para a masturbação.

Ao escrever um capítulo dedicado aos afrodisíacos, ele refuta a tradição farmacopéica que nega totalmente a existência de produtos que possam

⁸³ MANTEGAZZA, *Higiene...*, t. 1, p. 100.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 92.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 130.

estimular a sensualidade. Ele crê firmemente "que existem substâncias capazes de excitar os órgãos genitais a uma maior atividade ou despertá-los de sua inércia".⁸⁶ Entre essas, ele cita as bebidas alcoólicas em geral, o vinho e o champanhe em particular, que agem indiretamente sobre a sensualidade "reavivando a fantasia, excitando os músculos, aumentando a alegria e [dispondo] os homens e as mulheres aos mais fáceis assaltos"⁸⁷ Outros afrodisíacos são os perfumes, bem como o ópio, a cocaína, o haxixe e os narcóticos em geral, que despertam alucinações estimulantes de desejos e apuram a voluptuosidade. Todos os alimentos, particularmente as trufas, são considerados afrodisíacos por Mantegazza.

Sobre as perversões do amor, Mantegazza diz que:

Ainda que a natureza tenha se mostrado pródiga ao homem quanto à voluptuosidade; ainda que o tenha feito capaz de amar em qualquer estação do ano em qualquer hora do dia e da noite, o homem não se mostrou quase nunca contente com essa copa de ouro, na qual vive desde a puberdade até a velhice, nem a mulher se satisfaz com a mais vigorosa homenagem do homem, sem que uma ou outra atormentassem sua fantasia para dilatar os conflitos do prazer. Em esforços tão estéreis, o homem mostrou sua insignificância de suas possibilidades e toda a grandeza de sua luxúria; e todas as ações libidinosas mais engenhosas pensadas na ociosidade ou na riqueza insolente apareceram como uma mostra grotesca perante a sublime e divina voluptuosidade que a natureza havia concedido no beijo de uma virgem ou na batalha de uma possessão.⁸⁸

Exemplos de "perversão" assim entendida são tanto senhoras européias que fazem loterias para escolher seus amantes, quanto as práticas de povos exóticos, na perspectiva do século XIX, de aumentar o prazer sexual através da inserção de objetos (anéis, bolas, etc...) no pênis ou na vagina. *O amor na humanidade* tem diversos exemplos de tais práticas.

⁸⁶ Ibid., 179.

⁸⁷ Ibid., p. 180.

⁸⁸ Ibid., p. 193.

Mantegazza ainda discorre sobre vários tipos de impotência masculina e feminina, e dedica um capítulo especial aos "venenos" do amor, a saber, sífilis e gonorréia. Como forma de controle, ele reconhece a prostituição como "praga necessária que salva as carnes da sociedade da gangrena".⁸⁹ Porém, o que ele tem em mente é a prostituição estritamente controlada pelo governo e pelos médicos, com visitas semanais a um consultório para avaliação do estado de saúde das prostitutas. Uma vez que se tenha escolhido uma prostituta, "a mais oficial possível", o jovem deve tomar uma série de cuidados para não se contaminar, o mesmo valendo para as "hetairas profissionais", que devem recusar aqueles clientes com sinais de doença. Em todo o caso, deve-se sempre recorrer ao médico para auxílio, caso uma doença venérea seja adquirida.

Fechando a primeira parte do livro, o autor tece várias considerações quanto aos benefícios e prejuízos advindos da castidade. Ele concorda que esta certamente é saudável, mas quer saber até que ponto. Assim cita estatísticas e pesquisas sobre histéricos, principalmente mulheres, e sobre loucos, na tentativa de estabelecer uma ligação entre essas doenças e a extrema abstinência sexual. Conclui que o exagero abstêmio é tão prejudicial quanto a libertinagem excessiva. A solução está no casamento: "O matrimônio é uma ótima instituição, e se retiramos sua indissolubilidade, sobre a qual haveria muito a dizer, nada tem de contrário à natureza humana".⁹⁰

A segunda parte do livro é uma longa delineação e argumentação sobre a teoria evolucionista darwiniana, com a qual Mantegazza concorda, para a qual ele contribuiu indiretamente, e sobre a qual ele tem muito a dizer. Em vários capítulos, ele discorre sobre as conclusões dos evolucionistas quanto à hereditariedade, consangüinidade, determinantes sexuais nos nascimentos, etc. Ainda que não pudesse falar em termos de cromossomos, DNA, e afins, suas

⁸⁹ MANTEGAZZA, *Higiene...* t. 2, p. 13.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 35.

próprias observações empíricas, aliadas àquelas de Darwin e de seus seguidores, levam-no bastante próximo a uma teoria genética, mas ele não a atinge de modo completo.

A intenção do autor com essa discussão é esclarecer seu público o suficiente para que este possa ter as melhores condições possíveis no momento da escolha da esposa e, em menor conta, da parceira sexual eventual. Quanto mais culta, moralmente sã e formosa for a mulher escolhida, mais se estará contribuindo para melhorar o destino do país. Para ele, como para vários outros seus contemporâneos, sexo é uma questão de Estado, e a idéia de nação depende diretamente do comportamento sexual de seu povo.

Que leitor está na mente de Mantegazza ao escrever seus livros? Um crítico da época afirmou que caso visse *A higiene do amor* no gabinete de uma senhora, não voltaria a visitá-la.⁹¹ Mantegazza, diz ter sido surpreendido por essa afirmação, mas não se sentiu ofendido. Ele diz que não escrevera sua *Trilogia do amor* para ser lida por mulheres. Todo o texto é ordenado como aconselhamento masculino quanto aos danos da libertinagem, masturbação e perversões do amor, em uma exaltação da monogamia e da castidade. Ainda que sua visão do casamento seja bastante temperada por sua opinião quanto ao divórcio à qual referimo-nos anteriormente, não é em absoluto um livro libertário ou revolucionário. Mantegazza foi muito lido em seu tempo e no início do século XX. Citado por Darwin, dialoga e se corresponde com ele quanto às teorias evolucionistas. Criticado por Morelli, refuta as críticas em *A higiene do amor*. Esta última teve tradução imediata para o alemão e posteriormente, para o espanhol, francês, inglês e português. No prefácio da décima-sexta edição, em 1889, Mantegazza crê que os resultados foram muito positivos, e que o tempo calou aqueles que consideraram sua obra como imoral. Ele cita uma grande quantidade de cartas de jovens leitores "honestos" em agradecimento pelo bem

⁹¹ MANTEGAZZA, *Higiene...* t. I, p. 5.

que seus livros lhes haviam proporcionado.⁹² São esses os leitores a quem a obra é dirigida originalmente. Esses leitores, bem como os leitores curitibanos que solicitaram a obra de Mantegazza (e a de Garnier) ao nosso bibliotecário, eram movidos pelo desejo de conhecer sua própria sexualidade, numa tendência cujos desdobramentos históricos, ainda hoje enriquece sexólogos televisivos mundo afora.

O UNIVERSO FICCIONAL DA SEXUALIDADE.

As obras de ficção escritas no século XIX, independentemente das correntes literárias às quais seus autores estavam ligados ou pelas quais eram influenciados, tinham como tônica principal o amor e as emoções derivadas das relações humanas nesse tocante. Os romances que tratavam mais diretamente do namoro e do casamento, desde a pura pornografia até odes ao amor romântico, podiam "servir como um eco estimulante para os adeptos, um guia informal para os inexperientes e um conselheiro revigorante para os desesperados".⁹³ Os leitores de romances tinham à sua disposição farta informação sobre a sexualidade humana, podendo satisfazer-se na atividade psicanaliticamente econômica da leitura, ou seja, usufruindo, "com um gasto de energia bem inferior ao que seria exigido na realidade, aventuras esplêndidas e prazeres proibidos, e tudo com pouquíssimo risco [...]".⁹⁴ Mesmo se delimitamos essa literatura somente em sua vertente mais próxima do final do século, o realismo, veremos que amor e erotismo nunca estão ausentes das obras, ainda que possam ser subliminares ou estarem canalizados para outras situações. Certamente, é na vertente naturalista que eles são mais explícitos, já que esta literatura busca

⁹² *Ibid.*, p. 10.

⁹³ GAY, ... Vol. 2, p. 127.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 145.

classificar e regulamentar a sexualidade através da *scientia sexualis* que lhe era própria.⁹⁵

Boa parte dos livros solicitados ao bibliotecário da BPPR no período 1911-1918 é de obras de literatura brasileira e portuguesa do século XIX, com Aluísio Azevedo, José de Alencar e Manoel de Macedo, pelos brasileiros, e Eça de Queiroz, pelos portugueses, liderando a demanda. Verificarmos aqui toda essa imensa produção seria hercúleo e contraproducente. Desse modo, para ilustrarmos as múltiplas visões e opiniões às quais o "público leitor" delimitado pela pesquisa estava exposto ou, dito de forma mais adequada, poderia expor-se, temos que nos restringir a alguns exemplos.

Joaquim Manoel de Macedo é um dos escritores presentes nesse universo, nascido no início do século XIX (1820) e formado em medicina sem nunca tê-la exercido, Macedo foi deputado, professor de história e secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Morreu em 1882, aos 62 anos de idade, e segundo seu contemporâneo Silvio Romero, "no meio da quasi geral indiferença dum público alheio aos labores da inteligência". Romero considera Macedo "um dos fundadores, senão o verdadeiro fundador do romance no Brasil, um dos criadores do nosso teatro, um dos mestres da nossa poesia".⁹⁶ Macedo liga-se à escola romântica que busca acentuar e elevar as características nacionais em contraposição com o passado português. Seu primeiro grande romance foi *A moreninha*, de 1844, seguido de *O moço loiro*, do ano seguinte. Produzindo intensamente durante trinta anos, Macedo escreve seus romances de forma "realista" alimentando-se nos conflitos entre "as românticas aspirações sentimentais das personagens e a realidade imediata".⁹⁷

⁹⁵ CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Eros travestido*, um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro. Belo Horizonte: UFMG, 1985, p. 19.

⁹⁶ ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. T. 5, p. 13.

⁹⁷ COUTINHO, Afranio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955, Vol. 1 T. 2, p. 856-620.

Ele é o autor com maior número de títulos de literatura no acervo da BPPR em 1911. Todos seus livros ali constantes foram eventualmente consultados por leitores curitibanos nos oito anos de registros analisados aqui. *O moço loiro*, *Nina*, *O rio do quarto*, *Memórias do sobrinho de meu tio*, *A baronesa do amor*, *O forasteiro*, *O culto do dever*, *A nebulosa*, *A luneta mágica*, *A namoradeira*, *Rosa*, *Romance da Semana*, *Os dois amores*, *Mulheres célebres*, *Um noivo e duas noivas*, *Mulheres de mantilha*, *Os quatro pontos cardeais*, *A enfeitada*, *Theatro completo* e *O ermitão* têm cerca de 600 consultas entre 1911 e 1918.

O moço Loiro tem aproximadamente 140 retiradas desse total, com cerca de 70 leitores. É a obra de Macedo mais procurada pelos frequentadores da BPPR e um sucesso absoluto de público, ao lado de *As minas de prata*, de José de Alencar. A história narrada em *O moço loiro* tem duas concepções de amor que dão o principal eixo da narrativa. A primeira é aquela romântica, que a personagem central - Honorina - encarna, em que o amor é uma flor cujo aroma "há de embriagar, [...] deve adormecer-nos num belo sono cheio de lindos sonhos, do qual só deveríamos acordar para passar de suas delícias para as delícias do paraíso!..."⁹⁸ Essa visão coincide com a própria personagem, que por ter sido educada longe do mundo social corrupto da corte desconhece as tramas que se fazem em torno do amor. A versão contrária é exatamente aquela de alguém habituado aos jogos sociais que tinham no amor uma de suas peças. Para essa personagem, o amor "é uma vã mentira; amor não é mais que uma das muitas quimeras, com que a fantasia nos entretém na vida, como a boneca que se dá à criança para conservá-la quieta no berço".⁹⁹

Aquela primeira visão do amor é a que será recompensada, juntamente com a virtude, no final da história repleta de cavalheirescas aparições do

⁹⁸ MACEDO, Joaquim Manoel de. *O moço loiro*. São Paulo: Saraiva, 1971, p. 31.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 30.

misterioso moço loiro do título, que só no final do livro identifica-se, após limpar a injúria sobre seu nome. A visão pessimista é inclusive derrotada por um amor impossível do primeiro tipo, com a personagem também apaixonando-se pelo moço loiro. Todos os fúteis exercícios amorosos calcados em vaidade, ciúmes e desejo de lucro são destruídos no final, e mesmo as hipóteses de uniões matrimoniais por interesses econômicos são tiradas do âmbito de decisão da família e atribuídas à personagem feminina interessada. O amor já principia por ser o grande motivo do casamento.

Outra obra de Manoel de Macedo que leitores da BPPR pediam ao bibliotecário é *Os dois amores*. Nesse, os amores dos personagens são obstacularizados por um crime resultante de um amor. Macedo coloca sua própria versão de pecado original ao descrever a "perdição" que cria todas as entraves e problemas a seus personagens:

Leandro e Mariana acharam-se presentes à festa. Dançaram juntos, e foram juntos passear pelo jardim. Esqueceram o mundo e os homens... lembraram-se unicamente de seu amor [...] Leandro e Mariana perderam-se no bosque [...] Quando voltaram, para de novo tomar parte na festa, Mariana estava pálida e Leandro mais do que nunca apaixonado.¹⁰⁰

Esse ato gerará vinte e tantos anos de infortúnio para Mariana, seu filho - que ela julgara ter sido morto ao nascer - sua sobrinha, por quem seu filho apaixona-se, etc... Durante as mais de 500 páginas do romance, Macedo faz seus personagens definirem o amor como tormento, suspeita, veneno, revolucionário dos hábitos daqueles que amam pela primeira vez. Mais do que nunca, o amor é ligado ao casamento e tido como condição essencial para a felicidade matrimonial, já que "Deus [...] não abençoa a união daqueles que não se amam"¹⁰¹ e portanto, "uma virgem cristã não desposa o homem que não ama".¹⁰²

¹⁰⁰ MACEDO, Joaquim Manoel de. *Os dois amores*. São Paulo: Melhoramentos, s./d, p. 498.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 43.

Em seus romances, Macedo persegue essa máxima, desqualificando as aventuras sexuais de seus personagens exatamente por não buscarem a felicidade do amor dentro do casamento.¹⁰³

Em *O rio do Quarto*, Macedo faz a apologia desse tipo de casamento - monogâmico e inspirado por amor mútuo - desqualificando os interesses econômicos como motivação. O casamento reveste-se de poesia e encanto para os apaixonados: "um casamento é um ato solene e grave para aqueles que vão transformar em uma só vida suas duas vidas".¹⁰⁴ Seus personagens, vivendo no século XVIII, sofrem com os males da avareza e da usura que impossibilitam que o verdadeiro amor realize seu destino natural do casamento. No final, o amor pelo dinheiro é punido e a virtude é recompensada.

Juntamente com tais considerações, Macedo faz apologias à família, unidade necessária ao indivíduo, consolando-o e apoiando-o. "A família é o mundo em festa no lar doméstico; a família é a imensa vida de amor, em que se identificam algumas das vidas que se amam".¹⁰⁵ Os desvios do mundo da família são considerados situações forjadas pelo bem e pelo mal inerentes à própria sociedade, com agravantes e atenuantes variados.¹⁰⁶

Macedo delimita seus leitores de forma clara ao afirmar que não escreve para "os sábios". Ele afirma escrever "para ser lido por aqueles que compreendem que nas tradições romanescas do passado enchem de interesse e de encanto a terra, que as soube guardar". Ele pretende, com isso, "poetizar o belo torrão onde nasci".¹⁰⁷ No prefácio de *O moço loiro*, Macedo deixa bem

¹⁰² Ibid., p. 371.

¹⁰³ MACEDO, Joaquim Manoel de. *A namoradaira*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d. _____. *A baronesa de amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.

¹⁰⁴ MACEDO, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto*. São Paulo: Melhoramentos, s./d., p. 72.

¹⁰⁵ MACEDO, Joaquim Manoel de. *A luneta mágica*. São Paulo: Saraiva, 1961, p. 46.

¹⁰⁶ Ibid., p. 154.

¹⁰⁷ Ibid., p. 7.

claro quais são seus leitores. A primeira palavra - "Senhoras!" - e o agradecimento às mulheres que fizeram de *A moreninha* um sucesso suficiente para que Macedo se animasse a publicar a obra seguinte, indicam quem ele esperava que lesse seus livros - ao menos esses dois livros. Porém, se Romero diz que Macedo morrera no ocaso, em nossa pesquisa ele surge como um dos mais lidos romancistas, cerca de quatro décadas após sua morte. E os leitores da BPPR acorriam a seus livros. *O moço loiro* foi consultado por apenas 12 mulheres, dentre os 70 leitores durante os sete anos da pesquisa. Isso ocorre, provavelmente, devido à proibição de alunas na biblioteca, decretada em 1910, já que as mulheres só surgem como leitoras após 1915, de forma ainda muito tímida. Não devemos descartar a possibilidade de que, no caso de empréstimos, pais e irmão poderiam levar os livros de Macedo, ou quaisquer outros, para que suas filhas, esposas e irmãs os lessem em casa, além de poderem comprá-los em várias lojas da cidade. Contudo, esses registros em particular levam a uma inversão da intenção original do autor, já que a maioria dos leitores, nesse recorte específico - Biblioteca Pública do Paraná de 1911 a 1918 - eram homens e pouco ou nada deveriam aproveitar dos conselhos incluídos didaticamente nos livros de Macedo.¹⁰⁸

José de Alencar nasceu em 1829 e iniciou sua vida literária ainda jovem. Seus romances, sua vida política e suas polêmicas com o imperador e com o duque de Caxias valeram-lhe uma popularidade bastante grande, colocando-o logo entre os grandes nomes da literatura romântica brasileira de meados do século XIX, juntamente com Manoel de Macedo, de quem admitiu sentir uma certa inveja pela precocidade da fama. Seu trabalho foi às vezes polêmico, como no caso da peça *Asas de um anjo*, taxada de imoral e proibida pela polícia logo após as primeiras apresentações. Casou-se em 1864 aos 35 anos com uma descendente de Lorde Cochrane, de 18. Teve com ela 6 filhos.

¹⁰⁸ COUTINHO ... p. 856.

Morreu em 1877 já consagrado com um dos maiores expoentes literários do Brasil.¹⁰⁹

De José de Alencar, o bibliotecário entregou para consultas pelos freqüentadores da BBPR, *As minas de prata*, *Ao correr da penna*, *O guarani*, *Diva*, *O ermitão da glória*, *Iracema*, *O jesuíta* e *O garatuja*, com pouco mais de 600 consultas no período 1911-18. *As minas de prata*,¹¹⁰ de 1865, foi o romance de Alencar mais procurado pelos leitores, com 241 consultas de 72 leitores. Nesse romance, Alencar apresenta seus personagens imbuídos dos valores cavaleirescos do medievo, presentes na colonização brasileira. O herói solitário, pobre, mas de nobre espírito, luta contra forças mais poderosas e vence sobre aqueles que se lhe opunham. O amor, descrito como puro e extremamente poderoso, é a arma do cavaleiro e de sua dama. Assim, *As minas de prata*, é um épico que narra as aventuras de Estácio e seu amor por Ines e o de Cristovão por Elvira, durante a tentativa daquele primeiro de regenerar o nome paterno caído em desgraça. Alencar busca mostrar como o amor é um forte instrumento de poder, fazendo seus personagens manipularem-no para conseguirem seus fins. Porém, o amor puro é, nas histórias de Alencar, um motivo forte o suficiente para vencer as dificuldades e superar os obstáculos, naturalmente sendo recompensado no final. Ainda que Alencar remeta sua história para o século XVII, como na maioria de seus romances e de outros escritores românticos brasileiros, ele insere no texto algumas observações sobre sua própria época:

A mulher é sempre mulher; mudam os usos, as modas, os costumes e as linguas; mudam os tempos e com eles nós os homens, porém o anjo frágil e delicado que Deus prendeu à terra é a fenix moral, que renovando-se em todos os séculos e em todas as eras, remoça a humanidade e a purifica.¹¹¹

¹⁰⁹ MAGALHÃES JR., Raimundo. *José de Alencar e sua época*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.

¹¹⁰ ALENCAR, José Martiniano de. *As minas de prata*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 11.

Assim, Alencar atribui à mulher o papel regenerador da sociedade, de conformidade com o pensamento de sua época. Essa regeneração só pode acontecer porém dentro do casamento monogâmico com livre escolha de ambas as partes, que é o tema principal do romance ao redor do qual giram histórias paralelas como as próprias minas de prata do título. As liberdades e aventuras amorosas, quando são apresentadas, são a antecâmara da ruína dos que nela estão envolvidos. É o que acontece com o alferes José, que para obter os favores da bela judia Raquel, fornece informações para soltar prisioneiros holandeses. Antes de se cumprir o acordo, o alferes e o tenente da guarda da prisão, ganham uma bacanal dos judeus da Bahia:

Invadiram os convivas a sala da ceia onde acharam [...] um coro de lindas dançarinas, que depois de graciosos volteios vieram para cada uma cingir com a cadeia dos braços torcidos o colo do escolhido cavalheiro. [...] todos os convivas de ambos os sexos flutuavam nos intermundos vaporosos dos sonhos báquicos, sazonados pelos êxtases amorosos.¹¹²

O alferes, porém, não consegue seu prêmio, já que Raquel é também virtuosa, e a recompensa da virtude é, além do amor puro, a salvação do pecado e da perda da honra. O alferes é exilado por seu próprio pai, e Raquel parte do Brasil com o pai, salvo da justiça por obra e graça da filha.

Essa valorização do amor e do casamento está presente em várias outras obras de Alencar. Em *O ermitão da glória*,¹¹³ o protagonista isola-se do mundo por sentir-se responsável pela morte da jovem que amava e por quem era amado, mas a quem aconselhara casamento com outrem. Em *O garatuja*,¹¹⁴ o casamento é o final das aventuras artísticas do jovem Ivo, talentoso desenhista e satírico incurável, que para casar-se com a filha do tabelião para quem

¹¹² Ibid., p. 301.

¹¹³ ALENCAR, José Martiniano. *O ermitão da glória*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.

¹¹⁴ ALENCAR, José Martiniano. *O garatuja*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.

trabalhava, tem que tornar-se escriturário e prometer jamais voltar a desenhar ou pintar. As condições são aceitas por Ivo, para poder realizar sua união com aquela que amava.

Alencar tem também uma definição bastante precisa do amor romântico como o sentimento que faz o indivíduo sacrificar as "considerações do mundo" a família, as afeições e sentimentos ao ser amado. A quem ama, o ser amado basta para preencher sua vida, ao ponto de não haver lugar para outro pensamento ou desejo.¹¹⁵ Em *Diva*, um dos poucos romances de Alencar ambientado no próprio século XIX, ele coloca essa definição acompanhando a trajetória de amor masoquista entre os dois protagonistas. O homem, quanto mais é humilhado, mais procura a mulher. Esta só reconhece seu amor ao ser fisicamente maltratada por ele.

Alencar, em seus romances mencionados acima, não faz alusões a quem seriam seus leitores implícitos ou ideais. Porém, na nova edição de *O jesuíta*,¹¹⁶ peça escrita em 1861 e total fracasso de público em sua montagem tardia de 1875,¹¹⁷ Alencar faz uma "advertência" aos leitores, antecipando algumas críticas escolhidas que inclui no volume, onde convida o leitor a ser o juiz imparcial "entre o autor, o público e os escritos". Alencar quer crer que seus leitores possam por si sós avaliar seu trabalho de forma melhor que o público de teatro carioca. Seu leitor não é, ao menos nesse caso, o comum dos mortais da elite brasileira, mas o leitor intelectualizado, que pode, como Luiz Leitão, autor da crítica incluída naquela edição, compreender a verdadeira dimensão da obra.

Eça de Queiroz viveu e escreveu suas obras de forma muito intensa, constantemente circulando dentre os círculos literários da Europa. Ele tinha um grande interesse no mundo de seu tempo e constantemente escreveu sobre

¹¹⁵ ALENCAR, José Martiniano de. *Diva*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d., p. 121.

¹¹⁶ ALENCAR, José Martiniano de. *O jesuíta*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

¹¹⁷ MAGALHÃES JR., ... p. 348-52.

questões políticas ou sociais com a mesma maestria de suas obras de ficção. De *Eça de Queiroz*, são consultadas na BPPR, no período 1911-18, *A cidade e as serras*, *Cartas da Inglaterra*, *O crime do padre Amaro*, *As minas de Salomão* e *Prosas bárbaras*, com cerca de 230 consultas, todas prontamente anotadas pelo bibliotecário.

Em *A cidade e as serras*,¹¹⁸ de 1901, Queiroz mostra seu personagem principal, um *bon vivant* parisiense de origens portuguesas, enfronhado até a alma com a modernidade e seus signos, envolvido na vida de Paris, e desdenhoso com relação a todo o resto do mundo. Peter Gay diz que "em *A cidade e as serras* [...] a incapacidade de amar do herói funciona como um símbolo apropriado do mundanismo e da decadência".¹¹⁹ Ele diz ainda que, para esse herói, como para o protagonista de *Ilusões perdidas* de Balzac, campo e cidade são "representações alegóricas de formas incompatíveis de vida e do amor".¹²⁰ Esse herói encontra a felicidade nas terras de sua família na serra portuguesa, e no casamento com uma habitante local, transformando-se numa espécie de benfeitor de toda a região. Toda a luxúria de Paris do início do século é descrita de forma detalhada no caso em que o narrador, o melhor amigo do protagonista, envolve-se com uma viúva pobre e desfruta de seus amores de forma intensa e breve, para ver-se abandonado sem mais nem porque.

Em *O crime do padre Amaro*,¹²¹ cuja versão final é de 1880, Queiroz traça um universo de sedução onde o desejo é o principal motor das ações dos personagens. Porém, esse universo é mediado pela comunidade que admite e tolera esses desvios desde que eles sejam mantidos em local adequadamente velado. Queiroz, em seu pensamento anticlerical, pretende não só mostrar a hipocrisia do clero, mas sua humanidade essencial, que os aproxima do comum

¹¹⁸ QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. Porto: Chardron, 1903.

¹¹⁹ GAY, ... Vol. 2, p. 121.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 160.

¹²¹ QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Porto: Chardron, 1901.

dos mortais de quem se pretendem guias. O padre Amaro não tem dificuldades para resolver que seu amor por Amélia nada tinha de pecaminoso. Da mesma forma ela passou a aceitar seu amor pelo padre como natural e de modo algum contra a lei de Deus. Desse modo, *O crime ...* é um relato de paixões violentas e irrefreadas, saciadas com o recato exigido pela situação que poderia comprometer, e efetivamente o faz, de forma violenta, aqueles que nela estavam envolvidos.

O amor, nas obras de Queiroz, é uma ligação comandada pelo desejo e livre das vestimentas do amor puro, ou romântico, como o vêem Alencar e Macedo. Esse amor só é encontrado nas personagens femininas, influenciadas por leituras daquele tipo. O casamento é considerado como terreno da infelicidade, ainda que o personagem de *A cidade e as serras* realize-se com seu casamento rural. Antes disso, e em *O primo Basílio* e *O crime do padre Amaro*, as ligações se dão essencialmente com mulheres - e homens, no caso do padre - que se encontram fora do mercado matrimonial: o adultério de Basílio e Luísa, a sedução de Amélia por Amaro, as prostitutas e viúvas desamparadas da Paris de 1900. Apesar dessas visões literárias, é interessante notarmos que Queiroz foi um eterno apaixonado por sua esposa, durante toda sua longa vida de homem casado.¹²²

Ainda que não se manifeste explicitamente sobre seus leitores ideais, estes devem ser, portanto, a antítese do romantismo exageradamente amoroso que ele busca negar em sua obra. Seus próprios interesses literários e artísticos são voltados para uma nova estética, com inspiração em Poe e no Impressionismo pictórico. Seus leitores são seus companheiros da "geração de 70", como Guerra Junqueiro, Oliveira Martins e Teófilo Braga, "uma extraordinária geração, educada já fora do catolicismo e do romantismo".¹²³

¹²² QUEIROZ, Eça de. *Eça entre os seus (cartas íntimas)*. Porto: Lello & Irmão, 1949.

¹²³ QUEIROZ, Eça de. *Notas contemporâneas*. Apud., MEDINA, João. *Eça de Queiroz e seu tempo*. Lisboa: Horizonte, 1972, p. 90.

Aluísio Azevedo, nascido em 1857, inicia sua carreira literária na década de 1870 e a interrompe parcialmente quanto de suas longas ausências ligadas a sua função diplomática. Morre em 1919, deixando uma vasta obra de romances, contos, peças e relatos de viagens. Azevedo escreve seus romances imbuido da noção naturalista de cientificidade e fidelidade descritiva. Inspirado em Charcot, ele cria personagens "exclusivamente guiadas pelas imperiosas necessidades do corpo, que, não satisfeitas, levam-nas à infelicidade." Ele, como outros naturalistas, vai buscar abolir a musa romântica e enfatizar a superioridade do homem, e do homem branco europeu, com inspiração na teoria racial do XIX pregada, entre outros, por Linné e por Gobineau.¹²⁴

Azevedo tem vários de seus livros como parte do acervo da BPPR no catálogo de 1911. São freqüentemente consultados *O cortiço*, *O coruja*, *O homem*, *O mulato*, *Casa de pensão*, *Mistérios da Tijuca*, *Pegadas* e *Demônios*, com um total aproximado 350 consultas dos leitores registradas pelo bibliotecário da BPPR entre 1911-1918. Azevedo é o melhor exemplo, no universo do acervo da BPPR, do naturalismo literário brasileiro, em que, respaldados pelas teorias científicas de sua época, esses escritores - que também eram "cientistas" - tinham uma certa autorização tácita para penetrar nos recônditos mais sombrios da sexualidade marginal de sua sociedade.¹²⁵

Em *Casa de pensão*, Azevedo busca penetrar a alma masculina através do personagem principal - Amâncio - que se deleita em corromper e seduzir as várias personagens femininas que lhe caem à vista ou à mão. Nesse intuito, continuando no Rio de Janeiro a vida lasciva e indolente à qual se acostumara no distante Maranhão, ele esforça-se por suportar a miserabilidade de espírito de seus vizinhos de quarto, e anota as paixões de cada um deles, quebrando afirmações públicas desses personagens quanto a sua própria

¹²⁴ CASTELLO BRANCO, ... p. 54. Sobre as teorias sobre raça ver: HOBBSBAWN, Eric. *A era dos impérios*, 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹²⁵ CASTELLO BRANCO, ... p.51.

moralidade e aquela da pensão propriamente dita. Assim, ele toma consciência, de antemão, do complô organizado pelo dono da pensão para casá-lo com sua irmã - que acaba tornando-se sua amante. Ao livrar-se dessa última e do processo que ela lhe impingira, Amâncio é morto pelo irmão da amante que, mais do que indignado ou desonrado, enlouquece ante o fracasso de dar a sua irmã um marido, e a si próprio um rico protetor.¹²⁶

Os demônios,¹²⁷ de 1893, é um livro de contos que reúne diversos aspectos da obra de Azevedo. No conto "A serpente", por exemplo, narra a história de Manoel Fortuna, um alfaiate cinquentão carioca que, desde seus trinta anos, tinha em sua companhia D. Maria, inicialmente como governanta da casa e eventualmente, "quando deram por si, estavam unidos pela mais legítima ternura e estavam coniventes no mais perfeito pé de igualdade".¹²⁸ Por insistência de seu compadre João Braz, os dois casam-se após vários anos de convivência pacífica e terna, apesar das desconfianças de Manoel Fortuna, desconfianças que se provam já na tarde após a cerimônia, quando D. Maria, pela primeira vez, interrompe o gamão dos dois compadres de modo abrupto, agressivo. Fortuna comenta, meio aturdido: "Pode ser que me engane, e Deus o queira! mas suponho que para sempre me fugiu de casa a tranquilidade". De fato, alguns meses depois Fortuna pede, enfurecido, que Braz providencie o divórcio, já que este último organizara o casamento, pois "Se me aproximar daquele demônio é para estrangulá-lo! não volto à casa! não quero ser assassino!"¹²⁹

Em *O coruja*, Azevedo contesta o conjunto de valores sociais mais importantes de seu tempo, colocando toda a honestidade, conhecimento científico, honradez, decência e empenho em um personagem cuja aparência física afasta de si todas as outras pessoas - o coruja - que tem seu contraponto

¹²⁶ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de pensão*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

¹²⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Demonios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 128.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 135-7.

em um belo e rico rapaz, que tem toda a fama e fortuna, tendo o coruja como seu *ghost writer* e conselheiro pessoal, mas que é incapaz de manter sua fortuna por muito tempo, perdendo-a para reavê-la posteriormente, com o casamento. Os personagens de Azevedo continuam sensuais e empenhados em obter a satisfação de seus desejos, através dos mais diversos meios. O coruja, sem desfrutar dos prazeres do sexo ou das provações do casamento, acaba tendo que sustentar uma família, acabando em extrema penúria e total esquecimento, enquanto o amigo rico morre como conselheiro de Império, coberto de honras e glórias.¹³⁰

O homem, de 1887, é provavelmente o melhor resumo das teorias do século XIX sobre a histeria feminina. De fato, é a história de uma jovem que, por não casar-se, devido a um amor impossível por um jovem que era seu irmão - fato que ambos desconheciam - passa, com o devido acompanhamento médico, por todas as etapas da doença histérica tão cara aos médicos de então. Em sua loucura, ela vive em um mundo paradisíaco paralelo onde é feliz com um jovem operário, tem um filho, e, quando dorme, crê sonhar com sua própria realidade, vivendo hora em um, hora em outro universo. A cada novo sintoma da doença, o médico aconselha que o pai encontre logo um marido para a filha, pois as necessidades fisiológicas do útero - assim rezava parte da teoria médica do XIX - se não satisfeitas levariam a filha à loucura total. A jovem precisava, mais do que casamento, do coito, para acabar com "a luta da matéria que impõe e da vontade que resiste; a luta que se trava sempre que o corpo reclama com direito a satisfação de qualquer necessidade, e a razão opõe-se a isso porque não que ir de encontro a certos preceitos sociais. Estupidez humana!"¹³¹

Também em *O mulato*¹³², de 1881, Azevedo inclui um caso de histeria na figura de uma jovem que tem crises periódicas, principalmente após conhecer

¹³⁰ AZEVEDO, Aluísio. *O coruja*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

¹³¹ AZEVEDO, Aluísio. *O homem*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954. p. 56.

¹³² AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

e apaixonar-se pelo primo Raimundo, com quem não pode se casar por esse ser filho de uma escrava. Grávida, ela aborta o filho quando do assassinato de Raimundo, em uma crise de histeria. Acaba casando-se com o assassino de seu amado, com quem tem um vida feliz e livre das crises histéricas.

É em *O cortiço*, de 1880, que Azevedo explora mais abertamente as paixões sexuais das pessoas de seu tempo. Já no início do romance percebe-se-lhe o tom de descrição cientificamente detalhada, quando narra a relação entre o futuro barão do Freixal e sua esposa adúltera, a quem aquele procurara depois de muito tempo de separação de leitos:

Miranda nunca a tivera, nem nunca a vira, assim tão violenta no prazer. Estranhou-a. Afigurou-se-lhe estar nos braços de uma amante apaixonada: descobriu nela o caprichoso encanto com que nos embebedam as cortezãs amestradas na ciência do gôzo venéreo. Descobriu-lhe no cheiro da pele e no cheiro dos cabelos perfumes que nunca sentira; notou-lhe outro hálito, outro som nos gemidos e nos suspiros. E gozou-a, gozou-a loucamente, com delírio, com verdadeira satisfação do animal no cio.¹³³

E assim, por todo o romance, seja contando seduções de jovens virgens por caixeiros da venda à porta do cortiço, seja descrevendo as transformações de espírito que ocorrem com o trabalhador português Jerônimo quando este se apaixona pela mulata Rita, Azevedo explora de forma soberba não só o universo das relações amorosas das classes despossuídas cariocas, mas também aspectos da sexualidade que agrediam abertamente a moral burguesa decimonônica. Seduções, intrigas amorosas, casamentos de conveniência, ligações lésbicas, adultérios, etc., acompanham a ascensão social de Miranda e João Romão e as tumultuadas trajetórias de Jerônimo, Rita, Firmo, Pombinha, Leonie, e todos os outros inúmeros personagens da obra. Característico é o exemplo de Pombinha, jovem exemplar do cortiço, que é seduzida pela prostituta

¹³³ AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1951, p. 20.

Leonie. Casa-se, para depois juntar-se àquela como *cocote* de luxo. Nessa condição, toma como protegida a filha que Jerônimo abandonara junto com a esposa ao fugir com Rita. Azevedo conclui que "a cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria".¹³⁴

Ainda que formalmente Azevedo não seguisse os dogmas do romantismo e apontasse para um tipo de literatura radicalmente diferente, do ponto de vista literário, da mesma forma que Queiroz, todos esses autores colocavam em sua literatura as influências descritas por Taine como "*race, milieu, moment*" [raça, meio, momento]. Além disso, preenchiam seus textos com fantasias que "se situam no limiar entre a imaginação pessoal e a coletiva", apresentadas de forma estilizada e censurada como sonhos, lapsos e sintomas.¹³⁵

Esse *corpus* de obras, ainda que não fosse possível analisar todo o acervo da BPPR, pode dar uma idéia de que tipo de informações e representações de diversos aspectos da sexualidade humana estavam disponíveis aos leitores curitibanos do início do século XX no acervo da BBPR. De forma alguma essas limitações são excludentes de outras obras, leitores e locais. Quero crer que aqui cabe uma generalização bastante ampla, considerando que as obras acima foram produzidas durante o século passado no Brasil e na Europa. Mas nos diversos recortes feitos nessa pesquisa, interessam-nos um grupo particular de leitores que teve acesso a um grupo particular de obras em um local determinado durante certo tempo no passado.

Dessa forma, a escolha de obras meramente exemplares de todo um conjunto de livros de ficção, em prosa ou em verso, justifica-se não somente pelo rigor do texto que não se pretende um *index* às avessas. Sabermos que todo um

¹³⁴ *Ibid.*, p. 294.

¹³⁵ GAY, ... Vol. 2, p. 124.

universo de sensibilidades sexuais estava exposto aos leitores, pode dar-nos algumas pistas do universo mental que poderia informar suas vidas futuras. Os leitores poderiam ler sobre sexo, sexualidade, amor e casamento em diversos dos livros do acervo da BPPR, encontrando neles as diversas combinações e interligações dos temas conforme o caráter da obra que consultavam. No próximo capítulo, faremos a tentativa de recuperarmos algumas evidências dos universos mentais que esses leitores construíram para si durante e após suas freqüentes visitas à Biblioteca Pública do Paraná.

SOBRE O QUE ESCREVERAM OS LETTORES

A cidade em que as obras analisadas no segundo capítulo foram lidas, era de uma surpreendente efervescência intelectual. Enriquecida pelo comércio do mate e preocupada com sua própria urbanidade, Curitiba era o pólo regional econômico e cultural do Paraná tradicional, que manifestava suas qualidades através de um grande número de publicações periódicas e de livros escritos por filhos da terra, onde também se manifestavam uma diversidade de opiniões, tendências e vertentes políticas, literárias e filosóficas.¹

Uma dessas publicações nos chama a atenção pela profusão de opiniões transmitidas e assuntos abordados. Em suas páginas tentaremos ambientar os freqüentadores da BPPR. *O Olho da Rua* era uma revista quinzenal autoentitulada humorística, que circulou em Curitiba e região, de 1907 a 1911. Publicado no formato 32,5 por 23 cm, "contendo 16 páginas divididas, em seu maior número, em 2 columnas" impresso em máquinas rotativas da firma Marinoni, com tiragem de 2.000 exemplares.²

A seguir, transcrevemos uma das muitas crônicas contidas em suas páginas:

Raro era o dia em que o meu velho amigo Simphronio não me vinha divertir com um dedinho saboroso de sua prosa fluente e prazenteira. A vida coritibana, elle a relatava, em todas as minudencias, conhecia meio mundo e dos factos antigos tinha uma erudição, uma memória que fazia gosto. [...]

¹ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense. (1829-1889)*. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná; TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias; mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo: 1992. Tese (Doutorado em história). Universidade de São Paulo.

² MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854 a 1907*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1908, p.109.

Tempos atrás, o Simphronio perdera a sua habitual alegria e loquacidade de antes. Se tornara cabisbaixo e pensativo. Intrigado com a mudança, armei-lhe a cilada e elle cahio, muito sério e confidente: estava apaixonado...

-Deves conhecê-la, disse-me então, é orphan de pae, mora com a mãe. Aqui eu esfreguei o pé na calçada (também, havia tanta lama!...) inquirindo-o: e os dotes... que tal?

- Ella não os tem, porém...

- Não é isso, atalhei, os dotes phisicos?

- Ah sim, as qualidades pessoais, intrínsecas, não é verdade?

É linda como os amores, laboriosa e diligente que nem uma formiguinha e depois, que olhos, que bocca e que sorriso... É um achado, meu amigo Hêlio, é um achado...

Cortei-lhe o entusiasmo, aconselhando-o paternalmente: mas Simphronio, veja bem: o casamento é o passo mais grave, mais arriscado e audacioso que um homem pode dar... Isso que vocês chamam amor não é mais do que uma forma especial de ociosidade. O amor, o verdadeiro amor é raro como o corvo branco. É sob a impressão desse sentimento sublime que surgem os poemas e as epopéias. Não se conhece uma obra de arte, uma página inspirada, uma poesia, sem a coesistencia divina de um grande amor.

Mas é preciso não confundir os impulsos nobres da alma com os caprichos naturaes do egoismo.

Como queres tu, meu Simphronio, convencer-me de que amas essa mulher unicamente porque a viste na rua 15, por uma tarde de bom humor, de boa digestão.

O Simphronio ouviu estas palavras sem perturbar-se, pelo contrário; a sua physionomia tinha a apparencia expressiva de uma ternura barata e vulgar, de quem mentalmente, vê a namorada passar, arrepanhando intencionalmente as saias.

Despedimo-nos e eu murmurei sosinho: é um caso perdido...³

"Hêlio", o autor desta crônica, é pseudônimo de Euclides Bandeira, um dos intelectuais que escrevem n'*O Olho da Rua*. Ele fazia parte de um grupo de escritores que tinham em comum seu amor pela arte e seu anticlericalismo ferrenho, características expressas *ad nauseam* em cada um dos números d'*O Olho*.

Esses escritores manifestam, simultaneamente, uma complexa rede de representações do espaço urbano que podem tornar mais fácil nossa compreensão de ambos, escritores e espaço. Eles integravam e entregavam-se - ao menos em seus textos - ao espaço de sociabilidade que os circundava, de modo avassalador, perscrutando-o e construindo-o.

³ HÉLIO (BANDEIRA, Euclides). "Na Esquina..." *O olho da rua*, Curitiba, a.l., n. 10, s./p., 27/ ago./ 1907.

Na idealização do espaço urbano, os escritores encontram um local adequado à socialização de suas experiências no campo da sexualidade: uma roda de amigos bebendo cerveja à saída do *Mignon Theatre*, é uma boa ocasião para tais trocas. É interessante observarmos que à experiência é atribuído o mais importante papel, durante o século XIX, na transmissão de informações sobre sexo e sexualidade.⁴

O espaço urbano em que nossos autores circulavam - e que era circulado em seus textos - é essencialmente boêmio, mágico. Os cinemas e os teatros, bares e bordéis, são descritos com a familiaridade dos assíduos freqüentadores. O espaço não é descrito detalhadamente, ele é apenas o ambiente natural por onde eles - e, na maior parte dos casos, seus leitores - circulam. É comum a ambos autores e leitores, dispensando maiores descrições dada sua familiaridade. Das confusas entradas à porta do cinema⁵ a eventuais fugas de intempéries no *Mignon Theatre*⁶ e aos encontros onde amigos trocam suas experiências no intervalo ou no final das "sessões" do cinematógrafo, o espaço da sociabilidade é também onde essas pessoas vêm e registram suas representações do que, à época, eram manifestações de sexualidade.

O cinema funcionava como um centro de lazer e entretenimento, com shows musicais, bailes e bares complementando as exibições cinematográficas. O *Mignon Theatre* e o *Colliseo*, entre outros, eram o foco de atração da vida noturna, para onde convergiam não só os boêmios urbanos, mas também as famílias da cidade

⁴ GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud; a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Ver também a nota 24 do primeiro capítulo.

⁵ "[...] não imaginas, minha boa amiga, as saudades que eu tenho dessa nossa Curitiba com toda a sua boa fortuna de coiós e esse bello Colliseo onde nas boas tardes de domingo, quando o sol permite, nós tanto nos divertimos a dar encontrões a torto e a direito, isto sem falar nos apertões da entrada do cynematographo..." "Cartas de...uma moça". *O olho da rua*. Curitiba, a. I, n. 16, s./p. 30/ nov./ 1907; "O Naurindo suava, mas ia furando, tendo à retaguarda um bond de mocinhas tagarelas." GIL PACHOLA (BANDEIRA, Euclides). "Desastre". *O olho da rua*, Curitiba a. I, n. 07, s./p., 07/ jul./ 1907.

⁶ DIAVOLO (BANDEIRA, Euclides). "Veronica". *O olho da rua IV* (01); 27/ mai./ 1911.

e do interior, funcionando inclusive como signos de uma certa modernidade, um espécie de vórtex de vida social que torna-se imperioso aos que dele experimentam.⁷

As ruas, da mesma forma, ainda que constantemente enlameadas - o mau tempo curitibano é há muito tempo cantado em verso e prosa⁸ - são espaços merecedores de representações. Falando sobre o projeto de embelezamento da cidade prometido pelo Dr. Caio Machado e divulgado na imprensa, "Licério" tem uma opinião muito clara de qual deve ser a função da cidade moderna:

- Mas, eu pergunto, sac ou não sac este projecto?

[...]

- Eu quero ver logo o início desta transformação nella. porem, nem mais se fala siquer? Isso dá para a gente duvidar.

- Pois sim, duvidando, fiquemos a imaginar o subito progresso de Curitiba - longas avenidas, por onde hão de passar suaves perfis de virgens sonhadoras e almas de moças recebendo a alegria comunicativa da luz... e outras cousas que não podemos dizer, porque estamos, neste assumpto social, como os crentes de Moyses, - si me não trac a memória - contemplando, de longe, a Terra Prometida, que o profeta mostrava...⁹

Idealizações que correspondem a um complexo universo de composição urbana, interessam muito mais pelo que desejam ver do que pelo que dizem da cidade. É desnecessário comentar que o exemplo europeu era mantido em mente nesses momentos, seja quanto ao espaço físico - "longas avenidas", ruas sem a lama e o lodo do inverno - seja quanto a um espaço psicológico - amores à primeira vista, na

⁷ É o caso da história do interiorano que, encantado com o cinematógrafo, trás sua família (mulher e várias filhas) para Curitiba. Estas, uma vez na cidade, fazem compras para seguirem as modas urbanas e arruinam o dito cujo; no retorno ao interior ele suicida-se. "Depois desse desastre, a família de Jerônimo transportou-se de vez para Curitiba, onde a viúva vive maritalmente com um cabo de polícia, duas filhas casaram, separando-se logo dos esposos que não suportavam suas exigências". NELSON. "Lar desfeito". *O olho da rua*, Curitiba, a. IV, n. 04, s./p., 08/ jul./ 1911.

⁸ "Bendicta a lama que por estes dias ultimos tem tapetado as ruas da cidade com suas formidáveis camadas pegajentas. Eu digo bendicta porque as damas gostam immenso de arrepanhar as saias por luxo mais do que por asseio, e, ainda mais do que por isso, para a exhibição da perninha roliça." GABRIEL. "Chronica elegante". *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 05, s./p., 08/ jun./ 1907; "Choveco aos potes por ali [...] Enquanto lá por cima, pelas nuvens, roncavam trovões pesados e redondos e as ruas intransitáveis a vao impediam o *flirt* delicioso do bom tom, os povos empenhados na boa conducta dos destinos pátrios se ficavam por casa resolvendo o sério e momentoso problema do povoamento do solo". GABIROL. "Chronica da Rua". *O Olho da Rua*, Curitiba, a. I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

⁹ LICÉRIO. "Criticando". *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 02, p. 18, 27/ abr./ 1907.

rua, em "tardes de bom humor, de boa digestão", maços de cartas encontradas ao acaso pelas ruas da cidade - numa confusão urbana bastante próxima do caos parisiense ou londrino que inspira nossos autores. São alusões semi-silenciosas a uma multidão que surge e preenche totalmente ambas dimensões do espaço, que se acelera e torna os encontros casuais a pedra fundamental do convívio social.

Uma tal percepção de espaço não é somente conformadora de comportamentos e representações, como também refaz um percurso que sai do espaço urbano socializado e socializante, individualiza o objeto do desejo sexual, representando-o exatamente como objeto de desejo. A sexualidade é, portanto, uma feição privilegiada do espaço assim compreendido. E como esse espaço é, senão exclusiva, ao menos predominantemente, o terreno do *flirt*, do namoro, dos jogos de sedução, da troca de experiências, o casamento como instituição de pertencimento mútuo dos cônjuges é excluído pelos escritores que o relegam a terrenos menos pantanosos e mais aceitos dentro do *establishment* social.

A crônica de Euclides Bandeira, citada no início deste capítulo, é exemplar de um certo tratamento dado por esses literatos curitibanos do início do século à questão do casamento. Simphronio, o amigo sempre alegre, perde sua "habitual alegria" e torna-se preocupado, pensativo, sério. Tal mudança é inexoravelmente ligada a assuntos sentimentais: "estava apaixonado..." Note-se que tais assuntos não são tratados levianamente - e nem podem sê-lo, segundo o autor. Simphronio transmutava-se de alegre que era em um quase depressivo. É também sério que inicia suas confidências. Nessas, a idealização do objeto de estima: laboriosa, diligente, bela.

O autor intervém aqui para servir de conselheiro e pai, numa transferência que também objetiva dar um tom de seriedade ao assunto. O casamento é "arriscado", "grave", e não deve ser confundido com a forma de ociosidade que segundo ele, se confunde com amor; é o amor puro que deve fundamentar o casamento.

Há algumas pistas interessantes aqui, e a primeira é a própria identificação entre amor e casamento, obra recente no mundo ocidental.¹⁰ O amor é descrito no melhor estilo romântico do século XIX - "o amor, o verdadeiro amor é raro como o corvo branco" - sendo apresentado como o marco instaurador de toda e qualquer arte. O casamento é, na medida em que se identifica com *esse* tipo de amor, uma atitude de peso paquidérmico. Por exclusão, entendemos que qualquer casamento que ocorra sem a devida equação com esse amor é um dos "caprichos naturaes do egoísmo". Mais ainda, é recheado de sentimentos vulgares, e não de "impulsos nobres da alma". É, enfim, o terreno do maldito, o espaço das experiências baratas, a terra da perdição - "é um caso perdido" -, é o inferno... dos homens.

É o mesmo tipo de sensação que percebemos na história de Sezefredo, que:

Nunca foi homem feliz, ao contrário, sempre andou com a macaca nas costas [...]. É verdade que quasi todas as suas desgraças provinham de mulheres. Por via dellas curtiu pedacinhos amargos, levou bordoadas, facadas, um balazio, nas nadegas, felizmente. Ainda devido a uma mulher aconteceu-lhe a maior de todas as calamidades: casar. De uma hora para outra apaixonou-se furiosamente de uma mocinha petulante, que, por sua vez, inopitadamente se incendiára de paixão pelo Sezefredo.¹¹

Sezefredo, como Simphronio, é um infeliz que sofre nas mãos de anjos (de)caídos torturadores que mostram sua face horrível somente após o enlace matrimonial. Se antes do casamento sofria por mulheres, após, sofre nas mãos de uma única, que o vigia com ciúme mortal. Este é o destino dos "coiós" - epíteto reservado, à época, para os apaixonados, homens e mulheres. Se, porventura, a paixão inicial levou ao casamento, este, impreterivelmente levará ao tédio, e o tédio ao conflito.

¹⁰ Ver, por exemplo, MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor*; Inglaterra, 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹¹ "O zumpz". *O olho da rua*, Curitiba, a. 1, n. 14, 26 / out. / 1907.

Quando Sezefredo sai em busca de prazer, a crise de ciúme conseqüente leva-o a dormir no escritório. O casamento é a "tragédia após o romance" e o "espectro" que acompanha o amor e o "transmuta em sujíssima pinóia".¹² É o fim de todas as possibilidades de felicidade:

Quando a gente se casar
- O que será qualquer dia -
scremos unha com carne
A José disse a Maria

Casaram-se. A esperança
foi logo realizada:
Andaram o noivo e a noiva
Constantemente á unhada.¹³

O casamento e o amor aparecem como elementos dissociados. José e Maria, Sezefredo ou Simphronio podem ter, na mente de seus criadores, experimentado um sentimento como aquele descrito por Hélio a Simphronio, mas qualquer que tenha sido esse sentimento, ele está fadado a transformar-se em tédio e em conflito, uma vez celebradas as bodas. Mesmo assim, casar-se passa a ser mais que o rito de passagem para o universo da responsabilidade social que os historiadores nos mostraram ter começado a existir no Ocidente em fins do século passado,¹⁴ o casamento torna-se um erro necessário:

Casae, casae! Indiscutivelmente
Essa é a asneira mais bella, com certeza
É a mais rija e gloriosa cabeçada!¹⁵

¹² FRA DIAVOLO (BANDEIRA, Euclides). "Quando acaba o amor". *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

¹³ *O olho da rua* / Curitiba, a. I, n. 04, p. 56, 25/ mai./ 1907.

¹⁴ Ver: FLANDRIN, Jean Louis. *Families in former times; kinship, household and sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. _____. *O sexo e o ocidente; evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988. SHORTER, Edward. "Illegitimacy, sexual revolution and social change in modern Europe". *Journal of interdisciplinary history*, v. 11, n. 02, 237-272, autumn, 1971. _____. *Naissance de la famille moderne*. Paris: Scuil, 1977, só para ficarmos em dois exemplos.

¹⁵ "Contractos Nupciais". *O olho da rua*, Curitiba, a. IV, n. 02, s./p., 10/jun./ 1911.

Essa representação do casamento é de tal maneira recorrente que, fôssemos mostrar todos os exemplos recolhidos somente em *O Olho da Rua*, fariamos um longo texto composto exclusivamente de citações.

Neste sentido, o casamento visto como espaço do fim da liberdade e da sexualidade, mostra o quanto esse grupo de escritores valorizava a individualidade de sua juventude, as possibilidades sensuais oferecidas pelo convívio social urbano. Casar-se, principalmente com uma pessoa possessiva e ciumenta, era render-se a uma dominação castradora.

Difícilmente a felicidade - entendida como a satisfação de desejos sexuais em uma relação afetiva profunda - se dá dentro do casamento. Exceções são feitas ao período inicial, principalmente à primeira noite, quando efetivamente se atinge um certo grau desta felicidade, em um misto de inocência e malícia:

- Entre... - balbuciou o noivo, a voz tremula de emoção.
Ella hesitou
- Entre... - repetio amoroso
Ella hesitou ainda
- Entre... - disse mais terno.
Ella avançou tímida
[...]|A linguaeta do fecho, lubrificada, deslisou doce.
Sós!... E a luz desmaiou pudica.. penumbra discreta dos quartos nupciais... Supplicas e beijos envoltos num murmúrio subtil como as brisas mansas. Arrulhos amorosos quaes nos pombaes felizes...
[...]|E ella sentio ao ouvido; baixinho, mas febril, uma supplica jamais ouvida. Seus labios tremeram e sua voz tremco, mas ella, num cicio quasi imperceptível, acceder:
- Sim...
E o noivo foi tirando a grinalda e o vestido setineo desabotoando.
Em breve o collete cor de rosa foi posto também sobre um móvel.
E os seios saltaram indiscretos, gentis, como no ninho quente e macio, saltarem passaritos implumes, de bicos rosados...
Ella os quiz occultar, mas elle já os tinha beijado...
Enfim...
[...]| A luz da lampada desmaiou mais e mais, num último alento, moribunda.
Enfim...¹⁶

¹⁶ FARIA, Roberto. "Enfim Seuls". *O olho da rua*, Curitiba, a. I, n. 11, s./p., 07/ set./ 1907.

Mas a felicidade, no mais das vezes, é antônima ao casamento, como nos vários exemplos cômicos mostrados até aqui. Ela é buscada, por esses autores, em amores que sequer consideram o casamento como possibilidade de tornar concretas as delícias do amor. Amor e felicidade, quando são representados, excluem qualquer alusão ao casamento.

É com esta noção de espaço urbano, que é experimentado e representado por esses escritores, circulando do real à ficção e voltando como idealização do real, e com a noção de uma felicidade essencialmente celibatária, de flerte e sedução, que podemos compreender porque o casamento só pode ser, para tais pessoas, pernicioso. Ele limita a felicidade, tira o indivíduo do universo social, do espaço feérico da sedução, e transfere-o para aquele do pertencimento mútuo, do sentimento de posse que leva ao ciúme e às crises. O retorno à felicidade, uma vez preso nas garras ciumentas do casamento, é obtido somente pelo abandono do cônjuge, onde, geralmente, a mulher tem um fim degradante, tornando-se, por exemplo, "*Chanteuse de cafés de ínfima classe*", enquanto o marido, "só, como se fosse solteiro, [recomeça] novamente a viver feliz".¹⁷

Em *O Olho da Rua*, toda uma geração de escritores paranaenses deixou seus escritos, ao mesmo tempo que o fazia em um grande número de periódicos mais ou menos efêmeros que circularam desde a última década do século XIX. Esses periódicos, essencialmente simbolistas, caracterizam-se pela profusão de nomes a eles ligados. *Club Coritibano*, *O sapo*, *A rolha*, *Fanal*, *Stelario*, *Pallium*, *A carga* são algumas dessas revistas e jornais onde colaboraram nomes como Euclides Bandeira - sob diversos pseudônimos como *Hélio*, *Gil Pachola*, *Fra Diavolo*, *Diavolo* - o caricaturista Mario de Barros, os poetas Cícero Marcondes França, José Gelbecke e os

¹⁷ BALLÃO, Viriato. "Bilhete salvador". *O olho da rua*, Curitiba, a. 1, n. 03, s./p., 24/ jun./ 1911.

escritores Adolpho Werneck, Reinaldino Antonio Scharffenberg de Quadros, Clemente Ritz, José Gonçalves de Moraes, entre outros.¹⁸

Esse escritores, divididos posteriormente em grupos - como os *novos* ou os *novíssimos* - escreviam simultaneamente para vários jornais e revistas, em uma contínua troca de estilos, experiências e opiniões. Um outro exemplo desse tipo de imprensa periódica é *Fanal*, órgão literário do *Novo Cenáculo*.¹⁹ Inicia-se em 14 de maio de 1911, tendo como redatores Oscar Martins Gomes, Manoel Lacerda Pinto, Tasso da Silveira e José Gualiba, com periodicidade inicialmente quinzenal, depois mensal, até 1913. Oscar Gomes escreve no editorial do primeiro número: "Literatura é o programma do Fannal. Conta elle com um excelente número de colaboradores, todos moços dignos e estudiosos e cujos corações vibram com o entusiasmo que lhes é peculiar".²⁰

Nas vibrações dos corações dos "moços dignos" de *Fanal*, também há representações de amor que são transmitidas em seus textos, sempre da forma elaborada com que se escrevia dentro dos cânones simbolistas aos quais a maior parte desses escritores aderiu. Em um texto de Leonidas Moura de Loyola, Carlos apaixonara-se por Lucy, "não por uma dessas impressões passageiras, que logo se desvanecem, mas doida, apaixonadamente." Lucy, que inicialmente correspondera ao amor, era muito *coquette* e volúvel - devido a uma educação católica "que isola as pessoas mas provoca-lhes a curiosidade." Desiludido, Carlos volta-se para os livros como forma de compensar a perda do amor, "para afugentar a mágua intensa que lhe ia na alma". Carlos era um "Desilludido de Amor".²¹

¹⁸ *DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná*, op. cit. / Sob o nome de cada autor citado/. Ver, sobre *O Paraná*, mais uma revista do período, BERBERI, Elizabete & RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A "urbs" viciosa; a crônica está além da notícia*. Curitiba, 1992. Monografia, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

¹⁹ BERBERI & RODRIGUES, ... p. 151-159.

²⁰ *Fanal*, Curitiba, a. 1, n. 1, p. 1, 14/mai./1911.

²¹ LOYOLA, Leonidas Moura de. "Desilludido". *Fanal*, Curitiba, a. 1, n. 3, p. 2, 15/jun./1911.

Porém, como no caso d'*O Olho da Rua*, o momento de maior eroticidade está nas núpcias, onde o amor é exercido plenamente, em seus aspectos psicológicos e físicos, como no poema de Júlio Sena:

É pequeno e mimoso; está desfeito
O alvo lençol; e o níveo cortinado
Cae em pregas alvíssimas no leito
Neste leito de amor e de noivado

Ella dorme num sonno socgado
Pendido o braço artístico, perfeito
Do corpo a camisinha aberta ao peito
Deixa ver o contorno aprimorado

Entro de leve e ao lhe beijar a face
Ella se assusta, como se acordasse
De um sonho lindo e vac para fallar.

Porém, louco de amor, num arremeço
num longo beijo a boca lhe emudeço
... e começamos ambos a sonhar.²²

As opiniões sobre amor e casamento - para ficarmos somente em dois aspectos da sexualidade - de diversos escritores impregnavam as páginas literárias de *Fanal*. Tasso da Silveira, por exemplo, conta a história de um casamento que, inicialmente feliz, após a morte da filha recém nascida, tornou-se insuportável para mulher, pois o marido tornara-se alcoólatra. Silveira descreve o momento em que o marido, enternecido pelas memórias da felicidade da noite de núpcias e dos primeiros tempos do casamento, sente renascer seu antigo amor pela esposa, pedindo perdão e abandonando o vício.²³ Manoel Lacerda Pinto fala sobre as impressões que o primeiro amor deixa em uma adolescente, colocando em seu caminho um jovem poeta que lhe rouba uma rosa do ramalhete e chama-a de Flora. Perturbada, a menina vai conversar com a mãe, tentando compreender o que sentia:

É um moço tão bonito, tem um olhar e uma voz tão suaves, que eu parei para vê-lo e ele me levou uma rosa ... Desde esse momento senti as mãos frias e uma dôr ... não, não é uma dôr ... é uma coisa muito

²² SENA, Júlio. "Leito". *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 02,03, s./p., Mar.- Abr./1912.

²³ SILVEIRA, Tasso da. "A Lágrima". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 08), p. 2, 15/ago./1911.

boa ... no coração. Não o posso esquecer; vejo-o em toda a parte e sinto um desejo imenso de estar junto dele. Tenho no coração a sensação de que levei um susto muito grande ... uma dor boa, indescritível.

- Vae brincar, minha filha, procura uma distração.

E, pensando não ser ouvida pela filha, disse, um prolongado suspiro:

- É o amor, o desabrochar das primeiras rosas, a primavera do coração.

A menina ficou mais pensativa ainda e se foi, murmurando...

Primavera do coração? ... Desabrochar das primeiras rosas? Tenho então uma roseira no peito? O amor ... Não devia haver espinhos nas rosas do amor?²⁴

Concepções variadas de amor e casamento, coincidentes com seus colegas contemporâneos d'*O Olho da Rua*, no qual muitos deles também colaboraram, os escritores de *Famal*, transmitiam noções de sua percepção quanto ao amor. Exemplos de uma rica produção editorial, esses dois periódicos podem dar uma pequena idéia do ambiente intelectual em que os leitores da Biblioteca Pública do Paraná se situavam no período 1911-18. Além das revistas e jornais, esse período também é marcado por uma intensa atividade editorial, onde vários dos escritores locais têm seus livros publicados, seja em Curitiba, seja no Rio de Janeiro para onde alguns deles se mudaram. Esse capítulo buscará, entre os leitores da BPPR, aqueles que deixaram em seus escritos indícios de sua percepção das obras que leram, quanto às questões discutidas acima.

Sem pretendermos fazer pequenas biografias daqueles leitores que utilizaremos na análise, a opção de individualizá-los tem por objetivo colocar mais próximo do leitor as leituras e os escritos de cada um deles. Da mesma forma, se no capítulo anterior foi possível analisar a obra dos autores do século XIX contida no acervo da BPPR, através de livros, aqui, a produção dos leitores é encontrada basicamente em artigos de revistas, crônicas e poesias esparsas nas publicações periódicas resultantes da diversidade da produção cultural de Curitiba no início do século.

²⁴ PINTO, M. Lacerda. "Primavera do coração". *Famal*, Curitiba, a. 1, n. 11, p.1-2, 01/out./1911.

Uma última salvaguarda diz respeito à tentação de crer-se que o processo de compreensão envolvido na leitura seja mecânico, isto é, os leitores manifestarem em seus escritos exatamente as mesmas opiniões e conceitos expresso pelos autores que eles consultaram na BPPR. Longe disso, o resultado das leituras, quando é perceptível, é sutil e de difícil apreensão pelo historiador, ao mesmo tempo que se encontra dentro de uma ampla teia de significados expressos no textos produzidos pelos leitores/escritores curitibanos.

OSCAR MARTINS GOMES

A pesquisa apontou alguns nomes dentre os frequentadores da BPPR de quem pudemos encontrar dados biográficos e trabalhos publicados. A maior parte deles, porém, tinha pouca representação no universo de leitores, ou escreveu sobre temas bastante específicos referentes a suas profissões - advogados em sua maioria. Algumas exceções existem, o que é mais do que suficiente para os nossos propósitos.

Oscar Martins Gomes, que já nos foi apresentado anteriormente,²⁵ foi um dos muitos frequentadores e alunos do Liceu Paranaense a comparecer na BPPR a partir de 1911, quando contava 18 anos de idade. Apesar de exercer uma intensa atividade editorial e escrever de forma bastante profícua nos anos seguintes, particularmente em *Fanal*, da qual, como já foi visto, ele foi um dos fundadores e redatores. Gomes escreveu mais poesia do que prosa. Raro foi o número de *Fanal* em que não houvesse um soneto ou quadra de seus versos, falando sobre os mais diversos assuntos, principalmente louvando fenômenos naturais ou descrevendo sentimentos. Mesmo sua prosa é poética, nesse tocante.

²⁵ Ver pp. 22-3, no primeiro capítulo.

Sua idealização de amor, por exemplo, passa inicialmente por um distanciamento de sua própria época e local, remetendo a perfeita união para o espaço bucólico do campo. Assim, o amor entre dois camponeses é descrito como puro e sem máculas, por ser "isento dos festins eivados de perfídias e traições, onde a mentira impera e a inconstância é uma lei!"²⁶ Por exclusão, podemos crer que ele não aprovava exatamente o comportamento de seus contemporâneos quanto ao amor. Ao mesmo tempo, ao idealizar o amor perfeito longe da cidade, ele concorda tacitamente com seus colegas literatos que vêem no espaço urbano o local da licenciosidade e da infelicidade do amor dentro do casamento.

Esse amor puro e imaculado é comparado ao amanhecer, fazendo o coração "vibrar em estos de alegria" diluindo as tristezas, por sua vez comparadas a um "furacão algente furibundo".²⁷ Um tal amor deveria ser capaz de durar eternamente, fazendo esquecer a própria condição humana, como no caso dos "dois bellos amantes" à hora de sua morte:

 Um lindo dia indo a Parca bater-lhes á porta
 Qual rija borrasca que os ares recorta
 - Surpresa, estacou-se ante seus corações

Pois vira que embora já fossem velhinhos
 as faces em rugas, cabelos branquinhos
 Mantinham as mesmas febris ilusões.²⁸

Aproximando-se de José de Alencar e Manoel de Macedo, Oscar Martins Gomes crê que o amor deveria ser algo superior às exigências da vida social cotidiana, repleta de "lobos esfaimados" e da "multidão vulgar" assaltada constantemente pela "lepra do impudor". Só uma vida imaculada e pura levaria à

²⁶ GOMES, Oscar Martins. "Amor Bucólico". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 07, s./p., 01/ago./1911.

²⁷ GOMES, Oscar Martins. "P'los céus do amor". *Fanal*, Curitiba, a. III, n. 09,10,11, p. 166-7 Out.-Nov.-Dez./ 1912.

²⁸ GOMES, Oscar Martins. "Casa Feliz". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 09, p. 3, 01/Set./1911.

plenitude da paixão e do amor.²⁹ Nesse sentido convêm não entregar-se a uma vida lasciva "dando cevas aos [...] instintos animaes", vida essa comparada ao "horror das trevas" onde ninguém encontrará "as doçuras virginaes" ou "as luzes do facho scintilante que [...] o homem bruto transforma em ser pensante".³⁰

Mas mesmo buscando a felicidade e o amor em relações castas e condenando a vida levada em bacanais e saturnais, Oscar Martins Gomes concede à sensualidade, ao prazer e ao desejo:

 E então meu ser atônito, fremente
 em ímpetos vorazes logo sente
 Impulsionantes, vívidos desejos

De te abraçar as formas primorosas
 E, osculando-te as faces setinosas
 Morrer feliz num turbilhão de beijos.³¹

Porém, Oscar Martins Gomes, ao freqüentar a BPPR, o fez primeiro em busca de obras de referência como o *Diccionario contemporâneo* de Caldas Aulete (em 02 de maio de 1911, dia em que o bibliotecário do primeiro capítulo o encontrou), O *Dictionnaire Larousse*, (4 consultas em 1911), além da *História universal* de Césaire Cantu e da *História do Brasil*, de Rocha Pombo. Segundo, Oscar Gomes leu poucos romances do acervo da BPPR, a saber, *A conquista*, de Coelho Netto e *Salomé*, de Eugênio de Castro. Seu maior interesse foi por coletâneas de poesias, salvo as obras acima e a *Lógica* de John Stuart-Mill - retirada em 05/07 e 10/08 de 1912. Ele consulta, em 1911, *Só*, de Antonio Nobre (13/05) as *Poesias* de Olavo Bilac (6 consultas entre 29/05 e 18/07); *Luar de inverno*, de Silveira Netto (24/07); *Ephemeras*, de Dario Vellozo (24/10); *Pátria*, de Guerra Junqueiro (28/10); *Sangue*, de Costa e Silva (09/11). Esse último livro é consultado novamente em 08 de

²⁹ GOMES, Oscar Martins. "Acordes Noturnos". *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 09,10,11; p. 178/9, Out.-Nov.-Dez. /1912.

³⁰ GOMES, Oscar Martins. "Carnalidade". *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 04,05, s/p., Mai.-Jun./1912. /Número de aniversário/.

³¹ GOMES, Oscar Martins. "Fascinação". *Fanal*, Curitiba, a. I, n. 07, p. 2, 01/Ago./1911.

junho de 1912, seguido pela biografia de Cruz e Souza escrita por Nestor Victor (15/06), pela *Lógica* de Stuart-Mill e por *Constelações*, de Arnaldo Damasceno Vieira (04/10). Devido ao caráter mais particularizado do levantamento dos registros a partir de 1912, particularmente entre 1915-18, Oscar Martins Gomes não é mais encontrado nas listagens, o que não significa em absoluto que ele não tivesse freqüentado mais a Biblioteca depois de 1912. Seu interesse por obras de poesia transparece em seus próprios escritos, raramente feitos como prosa.

Ainda que, como leitor do acervo da BPPR, Martins Gomes não tivesse consultado nenhuma obra do *corpus* analisado no capítulo anterior, sua visão sobre o amor e o casamento - e sobre o amor no casamento - é aquela dos autores românticos - particularmente Alencar e Macedo. Mesmo quando utiliza figuras de linguagem mais abertamente sensuais, sua própria poesia e prosa mantêm o tipo de castidade que ele idealiza para o amor.

MANOEL LACERDA PINTO

Escritor e advogado, Manoel Lacerda Pinto (1893-1974) aparece nos registros da BPPR em 1911-12. Nesse último ano ele muda-se para São Paulo, para estudar na faculdade do Largo de São Francisco. Foi deputado federal, Secretário do Interior e da Justiça, presidente do tribunal eleitoral do Estado e professor nas universidades Federal e Católica do Paraná. Engajou-se na luta contra o anticlericalismo de seus colegas escritores/leitores como Raul Gomes e ajudou a fundar o Círculo de Estudos Bandeirantes. Como escritor, colaborou nas revistas *Club Coritibano* e *Fanal*, antes de mudar-se para São Paulo, de onde continuou a mandar contribuições para *Athenea* e *Festa*.³²

³² DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná, op. cit. p. 371-2.

Sua presença nos registros de retirada da BPPR inicia com a consulta à *Literatura Brasileira*, de Valentim Magalhães em 11 de julho de 1911, seguido pelas *Poesias*, de Olavo Bilac no dia seguinte. No dia dezenove desse mês ele consulta *Il Brasile e gli italiani*. No dia 27 ele pede ao bibliotecário o *Dictionnaire Larousse* e no dia 31, a *História Universal*, de Césaire Cantu. Retornando no dia 26 de agosto, ele lê *Bilhetes postais*, de Coelho Netto. Nova ausência até o dia 19 de setembro, quando consulta as *Poesias* de Maciel Monteiro. Dia 24 de outubro é a vez das *Obras completas*, de Fagundes Varela, seguidas quatro dias depois por *Suspiros poéticos*, de Gonçalves Magalhães. Em quatro de novembro, *Crisálidas*, de Machado de Assis e no dia nove, as *Obras completas*, de Álvares de Azevedo.

Retornando à BPPR em 19 de abril de 1912, ele consulta *Dias e noites*, de Tobias Barreto. Um mês depois (20 de maio), *Estrela d'alva*, do paranaense Rodrigo Jr., e em cinco dias mais, *O crime do padre Amaro*. A três de junho, as *Poesias*, de Goethe; a quinze do mesmo mês, *Escretores e escritos*, de Valentim Magalhães. e dois dias depois *Notas do dia*, de Afonso Arinos. *Críticas e fantasia*, de Olavo Bilac é consultado no dia 22 e *O romanceiro*, de Coelho Netto, no dia 27 de junho. Em julho, do mesmo Coelho Netto, *O sertão*, no dia quatro e novamente as *Obras* de Fagundes Varela no dia 31. Em agosto, *Sangue*, de Costa e Silva e *Sonetos e rimas*, de Luiz Guimarães Jr. Em setembro, mais uma vez *Crisálidas*, de Assis. 10 de outubro é a vez dos *Contos* (do Decameron), de Boccaccio. Finalmente, em novembro, *Americanas*, de Machado de Assis e *I promessi sposi*, de Manzoni.

Como leitor da BPPR, ele absteu-se de consultar as obras de Mantegazza e Garnier quanto à educação sexual, mas foi um assíduo consumidor de literatura no curto período que seu nome aparece nos registros. Com *O crime do padre Amaro* ele entra no *corpus* de obras literárias analisadas ao final no capítulo anterior, constantes no acervo da BPPR. Contudo, as obras analisadas naquele capítulo são meros exemplos de como aspectos da sexualidade permeavam a literatura disponível

na biblioteca em questão, onde os leitores poderiam buscar informações sobre sexo, amor, sexualidade e casamento.

Manoel Lacerda Pinto, escrevendo em 1911, combate em sua ficção a instrumentalização do casamento para satisfazer necessidades econômicas. Em *O jogo*, ele conta a história de um moço rico (Armando) que se apaixonara fortemente por uma moça pobre (Lucia). Durante o ápice do namoro e noivado, Armando entrega-se ao jogo e perde tudo o que tem, inclusive sua saúde e o amor por Lucia, que por sua vez começa a definhar de desilusão e desgosto. Sem dinheiro, Armando consegue uma colocação e um casamento que lhe trará nova fortuna, a qual ele tenciona usar no jogo. Durante a cerimônia, Lucia atravessa a igreja e morre em seus braços. Armando perde a razão após o incidente e passa o resto de seus dias no hospício.³³ O conteúdo moral do conto pretende atacar vários "desvios" ao mesmo tempo: o vício, o interesse e a ganância sendo passíveis de uma terrível punição.

Para ele, o amor tinha bases morais bastante fortes:

Amar uma mulher pelo que de mais caro
Essa mulher possui amal-a tendo em vista
Seo nobre coração, que de pureza um claro
Rico thesouro encobre e que se não conquista;

Amal-a para ter em si um forte amparo
Para que com valor á lucta se resista;
Amar uma mulher porque ela tem um raro
Espírito, ama o estudo ou tem alma de artista.³⁴

Porém esse amor só existe como elo vital entre duas pessoas, pois "liga um ser a outro ser em sacrossanta união."³⁵ E, quando ocorre, o amor tem um efeito semelhante a um alucinógeno. pois :

O verdadeiro amor a tudo transfigura:

³³ PINTO, M. Lacerda. "O jogo". *Fanal*, Curitiba, a. I, n.02, p.2, 01/jun./ 1911.

³⁴ PINTO, M. Lacerda. "Verdadeiro amor". *Fanal*, Curitiba, a. III, n. 12,13,14; p. 210, Jan.-Fev.-Mar/1913.

³⁵ *Ibid.*, p. 210.

Tudo vemos melhor, querida, quando amamos
A luz se torna intensa e, onde quer que estejamos
Tudo tem mais fulgor, mais força e mais ternura.³⁶

A um tal amor, o autor entrega-se sem relutância, pois ele considera que somente um amor "sublime, verdadeiro e forte" transcenderá a sua própria existência "[...] seguindo, imaculado para além da existência" das pessoas envolvidas.

Esse amor, mesmo estritamente vinculado ao casamento, independe da comunidade que cerca os amantes. Essa última geralmente atrapalha e intromete-se na intimidade do casal. Ele confia exatamente neste amor mútuo para que os amantes superem a inveja alheia e as dúvidas que possam surgir dentro do casamento devido ao "cochichar maldoso das rodas corriqueiras"³⁷

Assim, na poesia e na prosa de Lacerda Pinto, amor e casamento são temas constantes e interligados, com a recorrência de definições de um amor puro e verdadeiro em oposição a sentimentos mais passageiros e fúteis, que não merecem sequer a atenção do homem moralmente são. Os temas ligados a esse amor, como a saudade, por exemplo, são explorados nessa mesma dicotomia entre verdadeiro amor e paixão fugaz, em uma busca de afirmar o amor como expressão máxima da alma humana. Como os escritores românticos, Lacerda Pinto quer um amor verdadeiro como única razão para o casamento, anatematizando o casamento sem amor e o amor sem casamento.

³⁶ PINTO, M. Lacerda. "Sempiterno amor". *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 09,10,11; p. 159, Out.-Nov.-Dez./1912.

³⁷ PINTO, M. Lacerda. "Noivos". *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 09,10,11; p. 176-7, Out.-Nov.-Dez./1912.

ILDEFONSO CORREIA

Ildefonso Pereira Correia do Serro Azul, ou simplesmente I. Serro Azul, (1888-1949) - filho de Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul - foi poeta e escritor, publicando em diversos jornais como *O Olho da Rua* - também sob o pseudônimo *Jeca Rabecão* -, e alguns livros de poesias e romances. Fundou, juntamente com Alceu Chichorro, a revista *O Anzol*.³⁸

Como freqüentador da BPPR, 1917 é o ano em que ele consultou algumas das obras do corpus analisado no capítulo anterior, a saber: *O homem* (em 03 de abril), *Casa de Pensão* (26 de junho), *O Cortiço* (13/07), e *Demônios* (29/08), todas de Aluísio Azevedo; *O jesuíta* (28/07), de José de Alencar - além de *O guarani*, em quatro retiradas entre 19 de março e 07 de maio; *Nina*, de Manoel de Macedo (24 e 25 de outubro) e *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz, em 28 de agosto.

A poesia de I. Serro Azul e o humor de Jeca Rabecão são ricos em estilizações dos sentimentos humanos, particularmente do amor e dos relacionamentos afetivos. Por exemplo, em um poema de 1908, ele conta, em versos, a história de um noivado, identificado com primavera e verão em seus momentos de auge, e com o inverno, no momento da morte da noiva. O amor é qualificado como inerente à natureza humana, e como parte dessa natureza, ele obedece um ciclo semelhante ao das estações.³⁹

Como um dos escritores de *O Olho*, ele compartilhava a opinião de que o casamento é o final do verdadeiro amor - como Aluísio Azevedo o faz - ao descrever um noivado, também em 1908:

³⁸ DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná, op. cit. p. 73.

³⁹ SERRO AZUL, I. (CORREIA, Ildefonso Pereira) "História de um noivado". *O Olho da Rua*, Curitiba, a. II, n.41, s/p., 14/Nov./1908.

serem felizes. A Senhora Dona Margarida acabará por entregar-se a esta felicidade quando, após muita insistência por parte de seus filhos naturais e adotivos para quebrar sua resistência conservadora e moralista, dança o tango - e adora fazê-lo.

Com o tom sarcástico que Aluísio Azevedo e Eça de Queiroz dotam seus personagens, mas sem as minuciosas descrições naturalistas daquele primeiro, I. Serro Azul satiriza as restrições impostas pela sociedade ao amor - mesmo que dentro do casamento. Com um libelo para a liberação da sensualidade de seus personagens através da dança, *Viva o tango* é tributário de uma visão de amor menos restritiva que a de M. Lacerda Pinto e O. Martins Gomes.

RAUL GOMES

Outro leitor/escritor é o professor e jornalista Raul Rodrigues Gomes (1889-1975), criador de várias bibliotecas, incentivador da criação da BPPR e do Teatro Guaíra e detentor da cátedra de economia política da Universidade Federal do Paraná até 1959.⁴⁴

O primeiro registro de consulta que ele faz à BPPR é em 15 de maio de 1911, quando ele tinha 22 anos de idade. Ele retira *A Igreja e o Estado*, de Saldanha Marinho. Anos antes - em 1907 e 1909 -, Raul Gomes escrevera artigos sobre pedagogia na revista do Grêmio dos Professores do Paraná, propugnando por uma escola que preparasse cidadãos "racionalistas" (ou seja, agnósticos ou, ao menos, críticos com relação à religião católica) e exigindo o cumprimento do *Regulamento Geral da Instrução Pública do Paraná*, por parte dos professores que davam folga a seus alunos em feriados religiosos, dizendo que já que "o pacto fundamental

⁴⁴ DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná, op. cit., p. 193-4.

republicano (era) que o Estado não tem religião, óbvio que funcionários seguirem-n'a é procederem inconstitucionalmente, é incorrerem em falta, passível de censura."⁴⁵

Nos anos de 1912-13, Gomes não retira ou consulta nenhum livro incluído no espectro da pesquisa, descrito anteriormente.⁴⁶ A partir de 1914, porém, ele consulta (lê?) *As minas de prata*, de José de Alencar (em 03 e 04 de abril); *A geração*, do Dr. Garnier (14/04); *O mulato*, de Azevedo (24/04); *Lendas e romances*, de Bernardo Guimarães; (06/05); *Le corps de l'homme*, de Gallet (07/05); *As minas de Salomão*, de Eça de Queiroz (12/05); e *A escrava Izaura*, de Bernardo Guimarães (15/05). Entre 19 de maio e 04 de junho, ele retira *As minas de Salomão* três vezes. Depois ele consulta *Um noivo e duas noivas*, de Manoel de Macedo (08/06); *A morte de Dom João*, do anticlericalista português Guerra Junqueiro (19/06); os contos do *Decameron* de Boccaccio, selecionados por Mendes Paes (26/06); *As aventuras de Telêmaco*, de Fenelon (27/06); novamente *Um noivo e duas noivas* (08/07); *Diva*, de José de Alencar (24/07) e a *Anthologia poetica*, de Candido de Figueiredo (28/07). Ele passa os meses de agosto e setembro lendo *As minas de prata*, de José de Alencar (8 retiradas), intercaladas somente com *O grande teatro*, do paranaense Alcides Munhoz (11/09). A seguir, *O moço loiro*, de M. de Macedo (3 retiradas até 03/10) e novamente *Diva* (23 e 24/10). A primeira consulta à *Higiene do amor* de Mantegazza é em sete de novembro, seguida de mais duas em 16 e 21 de dezembro. Intercaladas estão as *Poesias* e as *Obras póstumas* de Gonçalves Dias (09 e 11/11, respectivamente); *Inocência*, de Taunay (13/11); *Diva* (30/11); *Obras célebres* (30/11) e *Obras completas* (03/12 e 17/12), de Castro Alves; e *Obra completa*, de Fagundes Varela (04/12)

⁴⁵ GOMES, Raul. "A escola e o cidadão". *A Escola*, Curitiba, a. II, n.06/07, p. 94-5, jun./1907; _____. Assumptos pedagógicos. In *A Escola*, Curitiba, a. IV, n. 01, p. 23-6, jul/1909.

⁴⁶ Ver nota 2, na introdução.

Também em 1914, Raul Gomes publica *Instrução Pública no Paraná* e, em 1915, *Histórias rudes*, uma coletânea de contos da qual falaremos adiante.⁴⁷

Das obras relacionadas na pesquisa entre 1915 e 1918, descritas na introdução deste trabalho, Raul Gomes relê *A geração*, do Dr. Garnier, em março de 1915 (duas retiradas) e em outubro de 1918. Relê também *A higiene do amor* em agosto de 1916 e em julho/agosto de 1917. Ele consulta ainda *Ao correr da penna*, de José de Alencar (11/01/1915); *Prosas bárbaras*, de Eça de Queiroz (05/05/1915) e relê *O moço loiro* (14/10/1916).

No final desse período, ele tem três de seus livros publicados: *Acção e civismo*, *O milho no Paraná* e *A trigocultura no Paraná*.⁴⁸

Além desses, Raul Gomes vai publicar mais de uma dezena de livros nas décadas seguintes, sobre assuntos tão dispares quanto trigo, Alan Kardec, ortografia, redação, história da literatura...⁴⁹

Desse *corpus* interessam-nos particularmente o já citado *Histórias Rudes*, de 1915, e o romance *O desespero de Cham*, de 1926.⁵⁰ *Histórias rudes* é a primeira obra de ficção que o jovem professor publica. São contos publicados durante 1914 no jornal *A república* e reunidos em livro no ano seguinte. O tom geral dos oito contos do livro, ao contrário do que o título possa induzir ao leitor atual, é a associação de "rude" com interiorano, habitante dos campos gerais, ou distante de Curitiba. Neles, o autor demonstra didaticamente seus vários interesses e paixões. Primeiro, destaca-se uma crítica à agricultura tradicional de queimadas, através de uma apologia às técnicas agrícolas não-destrutivas trazidas pelos imigrantes alemães.

⁴⁷ GOMES, Raul. *Instrução pública no Paraná*. Curitiba: S./ed., 1914; _____. *Histórias rudes*. Curitiba: A República, 1915.

⁴⁸ GOMES, Raul. *Acção e civismo*. Curitiba: João Haupt, 1918; _____. *O milho no Paraná*. Curitiba: Globo, 1918; *A trigocultura no Paraná*. Curitiba: s./ed., 1918.

⁴⁹ DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná, op. cit.

⁵⁰ GOMES, Raul. *O desespero de Cham*; narrativa romântica. Curitiba: Graphica Paranaense, 1926.

Em segundo lugar (ainda que não seja esta a ordem dos contos), defende sua profissão através de um personagem do conto "Vida limpa"⁵¹, um professor aposentado que foi perseguido na cidade onde trabalhava, a ponto de ser evitado por todos e de ser acusado de deflorar e engravidar uma de suas alunas. Desfeita a acusação, depois de uma descrição estereotípica de mandatários leigos e clericais interioranos - inclusive com alusões à exigências do *jus primae noctis* por parte dos mesmos - o professor é devidamente reconhecido pela população local (e pela elite) mas não pelo governo do Estado que não o paga devidamente.

Em dois momentos Gomes alude ao casamento. Em um deles, de passagem, iniciando o conto em que faz a crítica à agricultura tradicional, ele escreve:

Em começo de 1880, o Sr. Cactano Silva, depois dum casamento de amor com uma das mais formosas senhoritas coritibanas, resolveu transportar-se para uma fazenda inexplorada [...].⁵²

Em outro, Gomes descreve uma família cabocla com uma numerosa prole, e a última filha solteira em casa. Descreve também a moça de 18 anos, com boa parte do vocabulário dos discípulos e seguidores de Dario Vellozo, como o próprio Gomes afirma ser:⁵³ chama-a de "vênus das selvas, nascida no rústico lar de dois cabóculos sadios, cujo amor esculpira aquella mimosa creatura".⁵⁴ Maria é quem dava alegria à casa, ao mesmo tempo em que se preparava para seguir os passos dos irmãos e irmãs. Ela estava "à espera do companheiro com quem, nas primaveras gloriosas, entoaria a doida paixão creadora e ajudaria a ferrar o ninho com a paina macia e quente".⁵⁵

⁵¹ GOMES. *Histórias rudes*, p. 65.

⁵² *Ibid.*, p. 33.

⁵³ GOMES. "Assumptos pedagógicos", p. 25.

⁵⁴ GOMES. *Histórias rudes*, p. 27

⁵⁵ *Ibid.*, p. 28.

Quando anuncia seu escolhido, uma grande festa é organizada para celebrar o noivado. Infelizmente um pretendente preterido e bêbado mata noivo e noiva na própria festa de noivado.

Em *O desespero de Cham*, romance ambientado na primeira década do século XX, Gomes conta a história do Tenente Benedito Villaça, médico e advogado negro que sofre, por causa de seu amor por Maria das Graças, menina de tradicional família luso-brasileira, todo o peso do preconceito.

Desiludido, ele abandona o exército e monta um engenho de mate, enquanto Maria das Graças casa-se com um "cavalheiro", desafeto de Benedito por apoiar a ação de Vicente Machado e dos legalistas na retomada de Curitiba em 1894. O marido maltrata-a e infecta-a com "moléstias repugnantes", mas mantém as aparências em público. Um marido que, segundo o pai de Maria das Graças, "tendo fortuna, sabia gozá-la. E tinha o fraco, lá isso tinha, de gostar de mulheres, e do jogo e do vinho [...]".⁵⁶

Benedito constrói sua casa com estilizações do pinheiro, feitas por João Turim, e progride com o mate, enquanto Maria sofre o suplício nas mãos do marido e seus pais ignoram seu sofrimento. Ao comparar, através de uma personagem, o casamento de Maria das Graças com vários outros casos de "desditosas" que sofriam com seus maridos, Raul Gomes faz uma apologia do divórcio como o meio de solucionar uniões infelizes, rebatendo os argumentos de que a sociedade oferecia resistências.

Maria das Graças separa-se finalmente do marido e muda-se para a periferia da cidade, onde emprega-se no engenho de Benedito como datilógrafa. Descobre-se que o ex-marido era bigamo e procurado por vários crimes no interior do Paraná à época do Contestado. Processado, é preso e o casamento anulado.

⁵⁶ GOMES. *O desespero...* p. 116.

Resolvidos todos os problemas, ao invés de casar-se com Maria das Graças, Benedito retira-se para os campos gerais onde mantém uma fazenda exemplar. Não se casou para não impingir a ela os problemas resultantes de ter um marido negro, não quis "torcer a sina de [sua] raça", deixando todos os que conheciam-no decepcionados, pois esperava-se que se unissem em matrimônio - inclusive os pais da moça, que haviam se oposto ferrenhamente a tal união e tinham sido os responsáveis pelo infeliz casamento anterior.

Para Raul Gomes, o amor e o casamento estão indissociavelmente ligados na história de Benedito e Maria das Graças. O amor é definido como puro e edificante, não sendo compatível com paixões nem com interesses econômicos, como os que movem o marido de Maria das Graças - providencialmente, o catalisador de toda espécie de sentimento e atitudes que Gomes considerava imorais ou degradantes.

Escrevendo em 1910, Gomes faz uma apologia a seu tempo de infância, tempo distante "em que éramos creanças e brincávamos inocentemente com loiras primas lindas, gordas e saudáveis, como restos de anjos chromolythicos..." Nesse período idealizado, o amor, em particular os primeiros amores eram caracterizados por uma "imorredoura amizade platônica", entremeada pelo "fogo da sentimentalidade abrasadora, inebriante que nos encidda o peito que estuava, que arfava inquieto, vagamente desejoso..."⁵⁷

Contudo, ainda que preocupado em igualar os direitos da mulher dentro do casamento, concedendo que o casamento só possa ser realizado se houver amor de ambas as partes, Raul Gomes declara-se um ferrenho anti-feminista, nesse mesmo ano de 1910, tecendo, em um longo artigo, uma bem articulada argumentação que procura mostrar como a questão do feminismo - e as feministas - são problemas

⁵⁷ GOMES, Raul. "Velho mote". *Palladium*, Curitiba, a. II, n. 04, p. 5-6, 15/jul./1910.

externos. "Felizmente para o Brazil, esta, como outras questões sociais, que se debatem até cruamente, nas velhas nações europeas, inda não transpuseram as suas fronteiras para chegar até o povo, e atiral-o a uma lucta medonha de interesses". Ele descreve seu temor de ver "a veneravel dona dos lares calmos arvorada em uma *original* dessas que nos fala Nordeau, virages [sic.] pavorosas querendo nos substituir em todas as funcções ou pelo menos fazer-nos concurrencia...". Ele faz ressalvas aos "talentos feminis que por ahí rutilam em magnificas produções litterárias, *eu* [sic.] *pendant* com os nossos bons escriptores" dizendo que a mulher deve até aperfeiçoar seus conhecimentos, "desde que seja intelligente", contudo, o que ele pretende é retirar as mulheres do magistério, pois "si temos dessas liberdades para com as mulheres de verdadeiro talento, pensamos com o Dr. Accyole do Ceará que ellas não se prestam a ser mentoras da infância como suas professoras. Denegamos o direito ás mulheres de ministrar não dizemos ás meninas, os conhecimentos elementares aos meninos".⁵⁸

Em 1916, Gomes parece ter abrandado essa sua opinião, pois em uma crônica desse ano, ele admite que "todas as acções do homem, todo o seu trabalho, todo o seu pensamento, toda a sua vida tem um só escopo: servir a mulher". A mulher, sem ser mais a terrível *original* que tanto o assusta, tem agora a função de coordenar uma emergente "hegemonia de luz, de subtileza, de encantamento" que ele identifica no mundo moderno. Ele conclui que, estando o mundo em um período de transição para a supremacia da moral, "na fraqueza da mulher residirá o império supremo do mundo". Todas essas considerações são tecidas em torno de uma figura de mulher, capaz de atrair a atenção de todos à sua volta:

[...] Entrou [...], irradiante de formosura e de graça, senhoril e altiva, uma dama, dessas criaturas idealmente frívolas para quem a vida se resume na elegância, no prazer, na alegria.
O meu amigo voltou-se curioso para o ser de encanto sobre o qual convergiam os olhares masculinos presos de fascinação.

⁵⁸ GOMES, Raul. "Farpas". *Palladium*, Curitiba, a. II, n. 11, p. 3-4, 15/mar./1910.

Contemplou-a, acompanhando-a até ella sentar-se sorridente, ao redor de uma mesa.[...].⁵⁹

Poderíamos ver nessa mudança de opinião uma certa influência de Mantegazza, que também acredita na supremacia moral da mulher e que, como Gomes em *O desespero*, acredita que o divórcio seja uma solução às infelizes que não encontram amor no casamento. Nesse último livro, Maria das Graças, após separar-se do marido, vai trabalhar como secretária, mostrando-se extremamente eficiente. Dezesseis anos separam Maria das Graças da *original*, pintada com cores bastante lúgubres, como "uma nota escandalosa no seio das sociedades particulares".⁶⁰ Gomes muda de opinião quanto às mulheres e seu papel na sociedade, talvez devido a uma melhor compreensão da mulher, com bases físicas e psicológicas, que ele pode ter adquirido com suas leituras na BPPR, mas não somente lá.

Esses são apenas alguns dos leitores que estiveram na Biblioteca Pública do Paraná entre 1911 e 1918. Da mesma forma, são apenas alguns dentre os inúmeros escritores que fizeram de Curitiba nas primeiras décadas do século XX a Meca da escola Simbolista. Outros, como Tasso da Silveira, José Gelbeck ou Adolpho Werneck, escritores que também compareceram à BPPR, deixaram suas representações de aspectos da sexualidade humana que vão de encontro, no mais das vezes, a algumas daquelas descritas acima. Contudo, o universo de suas leituras não nos permite buscarmos suas fontes de inspiração - como talvez seja o caso de Oscar Martins Gomes, incluído acima com a intenção de exemplificar melhor essa dificuldade. No extremo oposto, muitos dos leitores da BPPR nunca deixaram registros escritos de seus sentimentos, emoções, e de sua própria história. Alguns, tendo feito isso, confundem ainda mais a noção de uma possível influência dos livros lidos para os seus próprios livros. Como poderíamos captar, por exemplo, as

⁵⁹ GOMES, "Os paradoxos de um celibatário",... p. 1.

⁶⁰ GOMES, "Farpas"... p. 4.

influências das leituras de um dos mais assíduos freqüentadores da BPPR, Deusdedit Moura Brasil, leitor reincidente e constante - a partir de 1914 - das obras de Manoel de Macedo, Eça de Queiroz, Aluísio Azevedo, José de Alencar, Pierre Garnier e Paolo Mantegazza, se a única publicação não ligada a sua profissão que deixou foi um grupo de sonetos dedicados a Jesus, à "Mãe Santíssima" e a diversos santos católicos, mais como orações em verso que qualquer outra coisa, demonstrando uma intensa devoção religiosa? ⁶¹ Os percursos a serem seguidos confundem-se tantas vezes quanto cada indivíduo tem sua própria noção de direção, independente inclusive de seus contemporâneos, em certos aspectos.

DR SANTIAGO E GENOVIVA ZEBROSKA.

Os leitores comentados até aqui, mesmo que tenham tido contato com a literatura médica comentada na primeira parte do segundo capítulo, legaram escritos que, salvo as exceções convencionais, são essencialmente obras de literatura como romances, contos, crônicas e poemas. Já mostramos como aquela literatura médica pode ter influenciado as opiniões de Raul Gomes quanto ao divórcio e ao feminismo. Contudo, sua abrangência era muito mais ampla.

Peguemos, por exemplo, o caso citado pelo advogado Leonidas Moura de Loyola, um dos freqüentadores da BPPR, ainda que pouco assíduo (consultou a *História Universal*, de Cantu em 12 de junho de 1911 e *Aventuras de Telêmaco*, de Fenelon em 27 de agosto daquele mesmo ano). Em seu livro *Trabalhos Forenses*, de 1922⁶², Loyola cita o caso de um "crime de violência carnal", onde o réu, P. de B.B.

⁶¹ MOURA BRASIL, Aldamira & MOURA BRASIL, Deusdedit. *Maria Salomé*; sonetos. Curitiba: Moderna, 1925.

⁶² LOYOLA, L.M. "Crime de violência carnal". In: *Trabalhos Forenses*. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1922.

foi denunciado por tentar seduzir a menor F. de G. B., de quatro anos de idade, neta de sua anfitriã:

[...] aproveitando-se da ocasião em que a alludida menor se achava só com a criada da casa, levou-a para um compartimento da mesma onde existia uma cama, ali praticando contra ella actos de libidinagem, transmitindo-lhe ainda o germen da blenorragia.

As considerações tecidas em defesa do réu giram em torno dos conhecimentos médicos sobre a transmissão de doenças contagiosas como a blenorragia. Toda a acusação e toda a defesa se baseiam nas possibilidades ou não da menina ter contraído a doença de outra forma que não o contágio sexual. No final, o réu é absolvido já que os peritos não puderam determinar se a transmissão da blenorragia se devia exclusivamente a um ato sexual "ou a outro qualquer meio indirecto".

Vemos aqui uma utilização cotidiana e bastante violenta dos conhecimentos médicos. O réu é absolvido da acusação de violência sexual com base em depoimentos de médicos quanto às formas de contágio. Ele é julgado não pelo ataque à criança mas pela transmissão de uma doença contagiosa. Loyola pode não ter lido os livros de Garnier onde ele trata desse assunto, mas os depoimentos dos "peritos" (médicos) apontam para tais leituras, ou para um conhecimento semelhante àquele expresso em *A geração*.

Um outro exemplo de leitor, ainda que seu nome não apareça nas listagens de freqüentadores da BPPR, é o do Dr. Miguel Santiago, secretário da Sociedade de Medicina do Paraná nas primeiras décadas deste século. O Dr. Santiago deixou um

artigo, publicado em 1916, onde pode-se perceber o tipo de leitura que ele fez dos médicos do século XIX.⁶³

Nesse artigo, o Dr. Santiago apresenta um estudo de caso de "inversão sexual" que, devido ao seu final trágico, provocou certa comoção na Curitiba de então. Segundo o Dr. Santiago esse caso "provocou na população um movimento de cotovelada curiosidade, acompanhada de comentários extravagantes e assustadiços."⁶⁴ Segundo o batismo popular, é o caso do "homem-mulher ou mulher-homen".

É a história de Genoveva Zebroska, filha de imigrantes poloneses, nascida no interior do Paraná, que desde cedo manifestou, segundo o Dr. Santiago, sinais de uma "inversão congênita". Genoveva é acompanhada pelo Dr. Santiago desde a sua infância:

Menina, não procurava a companhia de sua irmã nem compartilhava com os seus folguedos. Nunca pegou numa boneca, nem em outros brinquedos femininos. Procurava, ao contrário, a companhia dos rapazes, e formava, ao lado de suas estroinices com a mesma bravura. Era brinquedo predilecto cercar a cintura com um cinto no qual prendia uma espada e um revolver de pão.⁶⁵

Genoveva desejava sempre acompanhar seu pai no trabalho de derrubadas, e foi, com o tempo tornando-se solitária e manifestando um temperamento autoritário. Tinha como amigo um gato do qual nunca se separava. Nas palavras de sua mãe, Genoveva "era sempre triste, sempre triste" e recusava quando, já morando em Curitiba, lhe era proposto trabalhar em alguma casa de família. Seus pais viram, com surpresa, Genoveva aparecer vestida com roupas de seu pai e com os cabelos

⁶³ SANTIAGO, Dr. Miguel. "A propósito do caso de Genoveva Zebroska; memória apresentada à Sociedade de Medicina do Paraná". In: *Paraná Médico*, Curitiba, a. I, n. 05, p. 71-76. 19/Dez./1916.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 75.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 75.

cortados. A partir de então, ela começou a confeccionar suas próprias roupas e as de seu pai. Para maior surpresa de todos, seu humor melhorou imensamente, tornando-se animada, alegre e ocupada. O Dr. Santiago descreve o disfarce de Geneveva:

Comprimio os seios com um collete acolchoado em baixo para não se perceber a diferença de nível no busto. prendeu na ceroula um saquinho para figurar uma bolsa escrotal. Arranjou um grande bico de mamadeira seccionado na ponta para que, ajustando-o pela base, sobre o meato urinário, pudesse, como os homens, urinar de pé [...] Não lhe faltaram os punhos postiços na camisa, nem elástico em volta do braço para suspender-lhe as mangas alongadas.⁶⁶

Geneveva começou a trabalhar como pintor[a] de casas, e pintou seu autorretrato no qual, segundo o Dr. Santiago, ela se preocupava não com os detalhes da fisionomia, mas com aqueles das roupas. Trabalhando como homem, fez amigos que nunca suspeitaram de seu verdadeiro sexo e com os quais "não teve inclinações amorosas em condescendências fáceis". Travestida dessa forma, e acompanhada de seus camaradas, "fumou desbragadamente" e freqüentou "casas de raparigas".

Viveu dessa forma até ter uma nova crise psíquica, aos 18 anos, quando suicidou-se com uma arma emprestada por um outro motivo alegado, de um amigo para quem ela tinha feito roupas.

Ao estudar o caso, o Dr. Santiago afirma que apesar da escassez de informações sobre a família de Geneveva, ele tinha deduzido que tratava-se de um caso de "inversão congênita", e que Geneveva faleceu sem que sua obsessão chegasse à "prática do homossexualismo feminino, nem mesmo da masturbação. Até aquela idade, fugindo das mulheres, repudiando os homens para as relações heterossexuais, não teve o acidente sexual".

⁶⁶ *Ibid.*, p. 76.

Casos como o de Genoveva não eram tão incomuns e a observação do Dr. Santiago de que este caso despertara atenção devido a seu fim trágico nos leva a supor que o homossexualismo feminino não era tão desconhecido assim. De fato, trinta anos antes o jornal *A república* dá a notícia, em forma de crônica seriada, do casamento, no Rio de Janeiro, de uma mulher que se fazia passar por homem, e assim o fez por mais de uma década, até que, após o casamento, foi descoberta, fazendo alusão a "instrumentos de borracha importados".⁶⁷ Um exemplo de tratamento literário sobre o assunto é feito por Aluísio Azevedo em *O cortiço* na narrativa da sedução de Pombinha pela prostituta Leoni.⁶⁸

Somos tentados a acreditar que o início do século XX, bem como todo o século XIX trazia alguns resquícios do desinteresse medieval e dos primeiros séculos da era moderna pela "sodomia feminina" a qual, pelos padrões processuais da Inquisição, não podia existir (exceto no caso de uso de instrumento à guisa de membro) já que não havia penetração e ejaculação *intra vaso*, condição *sine qua non* da sodomia, e que portanto era julgada como "molície" sem nenhuma conotação herética.⁶⁹

Uma primeira idéia quanto ao lesbianismo no Ocidente Antigo e Medieval é a de que, apesar de existir, desde a Antiguidade, um *conhecimento* das relações entre mulheres "a negligência que [os homens] demonstravam em relação ao tema no direito, na teologia e na literatura demonstra uma vontade quase ativa em *descrever*". Outra idéia é a de que as mulheres não podiam contaminar-se umas às outras pelo derramamento de sêmen no recipiente errado: "Numa sociedade que tinha um conhecimento imperfeito da biologia humana e que no processo de procriação valorizava o esperma masculino acima de tudo, a perda do sêmen masculino era

⁶⁷ "Escândalo! Casamento de um andrógino". *A República*, Curitiba, n. 5-9. 07-11/Jan./1896.

⁶⁸ Ver p. 78.

⁶⁹ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

considerada uma ofensa pior contra as leis de Deus e da natureza do que o desperdício do sêmen ou dos órgãos reprodutivos das mulheres."⁷⁰

Apesar disso, os médicos vitorianos trataram do homossexualismo feminino de diversas formas, e o Dr. Santiago, antes de entrar na descrição do caso de Geneveva, apresenta essa discussão, mostrando sua própria leitura daqueles autores.

Em suas considerações iniciais, o Dr. Santiago faz um histórico da inversão sexual e das práticas homossexuais, com os inevitáveis exemplos gregos e romanos. É importante a distinção que ele apresenta entre inversão e homossexualismo:

*A inversão sexual congênita, tributaria de uma anomalia psychica originária com ou sem manifestações somáticas, é geralmente confundida com a prática aberrante do homossexualismo ou homogenesia, quando este phenomeno provem de uma simples perversão adquirida, ou de um vício, decorrentes menos das condições atávicas, que da influencia das epochas, do meio e dos princípios.*⁷¹

Sobre essa distinção, o Dr. Santiago inicia sua própria discussão, partindo do pressuposto de que "todo o indivíduo que se entrega á prática do homossexualismo se não for um psychopata, é pelo menos, um sujeito anormal" acrescentando que a psiquiatria os classificava como "degenerados".

Ao revisar os diversos autores médicos que trataram do assunto, ele cita, entre outros, Charcot e Margan, que classificam o homossexualismo juntamente com a cleptomania; Krafft-Ebing, que diz que é uma manifestação parcial de um estado de nevrose e psicopatia hereditária agravada pela degeneração; Feré, que apesar de admitir um caráter congênito na homossexualidade, crê que ela só se manifesta

⁷⁰ BROWN, Judith C. *Atos impuros; a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁷¹ SANTIAGO, ... p. 71.

plenamente após a ocorrência de um "agente provocador" como uma sedução homossexual ou a masturbação; Mantegazza, que se baseia na anomalia dos nervos nos órgãos do reto; e Havelock Ellis, que cita casos de homossexualismo feminino para exemplificar a teoria do "agente provocador" de Feré.

Através das diversas exemplificações citadas por esses teóricos pré-freudianos da sexualidade, o Dr. Santiago busca mostrar como a homossexualidade, e em particular a feminina, é uma anomalia psíquica que pode ser inata (inversão congênita) ou "adquirida" (perversão). Em ambos os casos, aspectos sociais e biológicos interagem, transformando o homossexual - qualquer um - em um "semi-louco".

A partir dessa constatação, igualmente exemplificada, o Dr. Santiago parte para a análise do Código Penal brasileiro no tocante ao estado de semi-loucura como atenuante de crimes violentos, concluindo, após demorada argumentação, que o invertido é, face ao código penal, um criminoso por definição. Se por acaso um invertido comete um crime premeditado (como o assassinato do (a) amante, ou o suicídio), ele perde inclusive o atenuante que poderia advir de seu estado de "semi-loucura".

Após essa extensa argumentação, e acrescentando que "em nosso país, em boa hora se diga (e é pena que essa hora bem dita não seja eterna) o culto de Baal não tem muitos proselytos", O Dr. Santiago passa a narrar o caso de Genoveva Zebroska. A conclusão é feita de forma a lamentar o suicídio de Genoveva, ainda que juridicamente ele fosse injustificável:

Se lhe apparecesse, na noite de seus tormentos, o "agente provocador" de Feré, personificado n'uma outra invertida congênita ou viciada e ambas tivessem praticado o homossexualismo feminino, então para ella se descortinaria uma nova existencia, como a que decorreu de sua transfiguração. Nada lhe appareceu, porém, para a expansão dos seus instinctos. Então a força mysteriosa que lhe armou o braço para tentar

contra a sua própria vida foi a mesma que o armaria para o crime no desvairio de uma crise de ciúmes.⁷²

Assim, se considerarmos que a homossexualidade foi durante muito tempo considerada crime em diversos países do mundo (e ainda o é em alguns), como na Prússia de Krafft-Ebing e Magnus Hirschfeld,⁷³ e que mesmo para a moderna psiquiatria, a homossexualidade só deixou de ser considerada como doença na década de 90 deste século, o comentário final do Dr. Santiago nos surpreende por sua aberta aceitação de uma relação homossexual - e até pela defesa desta - apesar das diversas adjetivações pejorativas distribuídas pelo texto. Porém, se mantivermos em mente as opiniões de Mantegazza quanto ao amor e ao prazer, e que o Dr. Santiago foi um leitor dessas opiniões, talvez possamos dar conta daquela observação de como Genoveva poderia ter evitado o suicídio. Voltaremos a essa questão no próximo capítulo.

Vimos aqui como os curitibanos - em particular alguns freqüentadores da BPPR - representavam amor, casamento e sexualidade em seus escritos.

Alguns textos, como os de *O Olho da Rua* satirizam o conceito de respeitabilidade burguesa inerente ao casamento e à estabilidade social que ele deve proporcionar em uma sociedade de fortes valores burgueses.⁷⁴ Se considerarmos que a respeitabilidade é o freio aplicado à sexualidade e suas manifestações, no intuito de dar à burguesia um elemento que a diferenciasses das "promiscuas" classes baixas e da

⁷² Ibid., p. 76.

⁷³ HULL, Isabel V. "The bourgeoisie and its discontents: reflections on 'nationalism and respectability'". *Journal of Contemporary History*. v. 17, n. 02, p. 247-68, apr./1982. / Special Issue on sexuality in history/.

⁷⁴ PEREIRA, ...

"libertina" aristocracia,⁷⁵ podemos concluir que tais visões sobre casamento e amor conjugal talvez soassem terrivelmente perturbadoras de uma ordem vigente. O anticlericalismo dos autores dá conta de apenas uma parte dessa aparente subversão.

Outros buscam idealizar o casamento por amor e glorificar o amor no casamento, excluindo qualquer relação que não esteja incluída nessa dicotomia. Outros ainda concedem ao prazer e à sexualidade um status quase independente, sendo regido não pela sociedade mas pelo prazer e felicidade do indivíduo.

As representações do casamento, do amor, da sexualidade e do sexo são feitas a partir de uma suposta experiência da vida dos escritores. Tal conhecimento espontâneo gerado por justificativas de juízo opõe-se, por sua vez, às considerações puritanas sobre vida conjugal que deram origem à família moderna. Estas últimas são elaboradas filosoficamente - e, portanto, buscavam fugir do senso comum - assim como todo o conhecimento médico que atestava a inferior sexualidade feminina era supostamente científico.⁷⁶

Se a representação é provocada pelo contexto onde o sujeito que a elabora está inserido, se ela é um "caso de cognição social", como tal, ela reflete as condições do meio social daqueles escritores. Em seu mundo, a boêmia e o flerte impediam-nos de ver no casamento qualquer possibilidade de felicidade. Portanto o casamento torna-se motivo de piada, chacota, ironia. Mas, ao contrário da literatura antiga, o uso do estilo cômico, ainda que limite o realismo das representações, não é limitação necessária à consciência histórica dos escritores, que mostram-na apurada, na subversão que buscam fazer de certos valores de sua sociedade, principalmente aqueles ligados ao clero católico, como por exemplo o casamento religioso.

⁷⁵ MOSSE, George L. "Nationalism and respectability: normal and abnormal sexuality in the nineteenth century". *Journal of contemporary history*, v. 17, n. 02, p. 221-246. apr./ 1982. /Sexuality in history/.

⁷⁶ HULL, ...

A comprovação de conclusões e hipóteses lançadas à larga neste texto pode ser feita, verificando-se as condutas cotidianas dos indivíduos envolvidos em representar, por exemplo, o casamento como "perdição", "calamidade", espaço de conflito, "asneira", etc. Se suas atitudes para com o casamento, foram calcadas em suas representações dele, é provável que todos se casaram e sofreram depois as penas do inferno matrimonial. Tal pesquisa está ainda por ser feita.

No próximo capítulo tentaremos compreender a influência da leitura sobre as representações aqui arroladas, tentando amarrar alguns fios da tecitura de uma história da leitura.

LEITURAS E LEITORES

Construir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a emprende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado - mas para conversar com os mortos.¹

A definição de Robert Darnton sobre as tarefas do historiador - objeto de inúmeras discussões e debates entre os mesmos, sem jamais, e felizmente, chegarem a conclusões definitivas - é, particularmente atraente ao historiador preocupado em compreender a sociedade. Para Darnton, uma dessas tarefas é o contato com mundos perdidos que devem ser reconstruídos para evitar-se a bidimensionalidade e o achatamento do presente.² Darnton busca isso em um "método antropológico" que parte da "premissa de que a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a entender as coisas pensando dentro de uma estrutura fornecida pela nossa cultura".³

Portanto, para ele, a construção de mundos passa pela tentativa de extrair dos documentos, sua significação e a "dimensão social do pensamento" circulando pelos limites do texto e do contexto de um dado universo mental.⁴ Darnton crê, então, que a tarefa do historiador é buscar, no passado, elementos da experiência das

¹DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução; o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.p. 7.

² Ibid. p.7

³ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos; e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. XVII.

⁴ Ibid., p. XV.

pessoas. E ele vai buscá-los na gigantesca coleção de documentos sobre a qual já se debruça há mais de duas décadas.⁵

Essa reconstrução de "mundos perdidos" do passado deve ser, para Carlo Ginzburg, buscada naquilo que ele chamou de "paradigma indiciário",⁶ ou seja, na busca de indícios, pistas, sintomas que permitam ao historiador ver aquela dimensão social do pensamento que Darnton afirma ser vital à compreensão do passado. O documento é comparado, nessa perspectiva, às múltiplas pistas e indícios que Sherlock Holmes, de Conan Doyle, estava treinado a ver em seu cotidiano, e aos traumas e sentimentos que Freud buscava no subconsciente de seus pacientes. O paradigma indiciário de Ginzburg é a proposta metodológica que pode permitir uma tal reconstrução de mundos na história, ainda que o próprio autor não fale especificamente em história da leitura.

Ambos, Ginzburg e Darnton, têm visões semelhantes quanto ao trabalho dos historiadores, e partem de uma base empírica hercúlea para chegar a suas conclusões quanto à compreensão de uma época, seja via comportamentos individuais (o moleiro, de Ginzburg; os leitores, de Darnton), seja via um "estado de espírito" ou sentimento com profundas raízes culturais. Embora Ginzburg se preocupe mais com os limites entre cultura popular e cultura erudita do que Darnton, o ponto de ligação entre eles é exatamente a valorização do elemento cultural, seja em uma perspectiva derivada da antropologia, como em Darnton, seja em uma derivada da história da arte, como em Ginzburg.⁷

⁵ DARNTON, Robert. *Edição e sedição; o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁶ GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: _____. *Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-80.

⁷ Ver também, GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Mas ambos têm em comum, além da originalidade de abordagens e de fontes, uma capacidade imaginativa que permitiu-lhes ver em seu material empírico exatamente aqueles indícios para a construção de "histórias" da cultura no passado.

Para terminar as exemplificações com quem foi usado para começá-las, os trabalhos de Robert Darnton sobre os editores e comerciantes de livros na França do *Ancien Regime* buscam a reconstrução daquele universo cultural através dos registros (indícios) deixados nas correspondências entre editores, autores, leitores e livreiros. Ainda que não se aventure a tirar conclusões sobre "o conjunto dos leitores" de então - "seu status social, seus hábitos de leitura, a influência desta em suas opiniões, atos e comportamentos"⁸ - Darnton traça mapas de todo um universo que envolvia o mercado livreiro e, conseqüente, mas não automaticamente, o da circulação de idéias.

As análises de Darnton seguem as pistas deixadas em torno do comércio de livros na França do século XVIII, abrindo uma série de caminhos possíveis. Ao verificar alguns dos procedimentos envolvidos na aquisição de livros - principalmente o de livros "ilícitos" - Darnton mostra o quanto a disponibilidade do objeto *livro* - proibido ou não - é verificável empiricamente, dando margem a que o historiador se aventure por análises qualitativas do conteúdo daqueles livros que ele considere essenciais para "iluminar" um determinado mundo perdido. Sendo o livro a forma mais tradicional - e eficiente - de circulação de idéias, depois da tradição oral, os estudos que se desenvolvam sobre a circulação, disponibilidade e procura por livros, conjuntamente com os estudos sobre as idéias que se procurava transmitir neles, podem ser poderosos motores para levantar cortinas existentes sobre mundos perdidos.

Darnton circunscreve seu horizonte. Interessam a ele os livros "filosóficos", *grosso modo*, aquilo que "os homens do livro sob o *Ancien Regime*"

⁸ DARNTON, *Edição ...*, p. 129.

entendiam, não como "as luzes, mas um setor crucial do comércio livreiro do século XVIII, o do ilícito, do interdito e do tabu",⁹ livros pornográficos, ateísticos, libelos políticos e os trabalhos dos "philosophes". O que estas obras têm em comum entre si, além do fato de não terem privilégios reais, é o nó górdio da trama que Darnton tece (ou desfia) a partir de suas fontes. Para o autor, esses livros formam um *corpus*, uniforme, aquele do:

livro ilegal [...] [que] corrói a ideologia monárquica e seus pilares - o rei, a Igreja e os bons costumes - pelo uso sistemático, desenfreado e desmesurado das seguintes armas: zombaria, escárnio, razão crítica e histórica, pornografia, irreligião e materialismo edonista. A literatura clandestina propõe opiniões, recusa as normas, suspeita da autoridade e reconstrói as hierarquias.¹⁰

Este parece ser o elemento crucial do método que Darnton utiliza. O *corpus* da leitura definido como um conjunto de obras que tenha elementos comuns e que possa influenciar os leitores de modos determinados. Infelizmente é muito grande a dificuldade de que o historiador verifique se tal influência existiu de fato e qual sua extensão, pois a existência física do livro não implica em sua leitura ou na assimilação de seu conteúdo. Tudo o que o historiador pode fazer, com as exceções de praxe, é indicar tendências daquilo que poderia ser *apreendido* a partir da leitura daqueles livros que estavam à disposição dos leitores em determinado momento. A constatação dessa disponibilidade e da busca dos leitores por livros é muito mais facilmente verificável e é condição indispensável para outras etapas de análise.

O *corpus* da leitura individual, em se podendo traçá-lo, permite ao historiador ver quais os caminhos possíveis de serem buscados pelo leitor com relação a um determinado segmento do real. Um *corpus* temático que reúna obras que estejam, de alguma forma, relacionadas entre si e àquele segmento do real que

⁹ Ibid., p. 14.

¹⁰ Ibid., p. 11.

interessa ao historiador, tem um papel semelhante. Essas análises devem ser complementadas pelo estudo dos leitores de uma determinada obra ou grupo de obras. Instrumentalizadas dessa forma, as fontes tornam-se legíveis quanto a seu conteúdo e à transmissão deste em um determinado grupo social.

Em outro instigante texto em que discute especificamente uma história da leitura¹¹ Darnton apresenta algumas considerações sobre a própria leitura, considerando que "[...] a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas uma maneira de estabelecer significado, que deve variar de cultura para cultura."¹² E para ele, o modo de recuperarmos uma história da leitura poderia ser começado buscando o registro dos leitores. Mas, além disso, Darnton quer tentar estabelecer uma "história e também uma teoria da reação do leitor",¹³ apesar das dificuldades oferecidas pela escassa documentação. Sugere cinco possíveis abordagens à uma tal história. Primeiramente, a análise de "descrições contemporâneas da leitura na ficção, autobiografias, escritos polêmicos, cartas, pinturas e gravuras". A segunda diz respeito ao ensino da leitura, e "uma terceira abordagem poderia começar com os muitos relatos autobiográficos [...] e passar para fontes menos familiares". A quarta sugestão de Darnton refere-se à teoria literária, onde ele argumenta em favor de uma dupla estratégia, combinando a análise textual com a pesquisa empírica e comparando o "leitor implícito" dos textos com seus leitores reais. A última abordagem refere-se à bibliografia analítica, ao estudo dos livros como objetos físicos.¹⁴

Com relação a este último aspecto, Roger Chartier fala de uma triplice ligação que possibilitaria o restabelecimento da "verdadeira complexidade" da história

¹¹ DARNTON, Robert. "História da leitura". In: BURKE, Peter, Org., *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 199-236.

¹² *Ibid.*, p. 218.

¹³ *Ibid.*, p. 203-8.

¹⁴ *Ibid.*, p. 218-32.

da leitura: "o próprio texto, o objeto que comunica o texto e o ato que o apreende".¹⁵ Chartier também oferece algumas considerações sobre esse tipo de história. Ele, que como Darnton, ao debruçar-se sobre os leitores e livros do século XVIII¹⁶, afirma que a multiplicação do livro "modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações com o poder". E levanta algumas hipóteses que coincidem com as afirmações de R. Darnton. A primeira delas sustenta que:

[...] a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) [é] um processo historicamente determinado, cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares as comunidades. A segunda [hipótese] considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes).¹⁷

Para Chartier, portanto, a história da leitura passa por muitos dos mesmos problemas levantados por Darnton. O leitor implícito, os leitores reais, bem como a bibliografia analítica são partes integrantes da construção de uma tal história, tentando combinar aquilo que Darnton chama de os *quem, o que, onde e quando* da leitura, para os quais ele considera já haver algumas respostas, com os *porquê* e os *como*, que ainda nos escapam.¹⁸ Nesse tocante, a resposta apresentada por Chartier diz respeito a uma dupla estratégia para tentar responder aos *porquê* e *como* da leitura no passado. A primeira respondendo aquele primeiro grupo de perguntas através da reconstrução da "diversidade das leituras mais antigas, a partir de seus vestígios múltiplos e esparsos". A segunda, pela identificação das "estratégias através das quais autoridades e editores tentaram impor uma ortodoxia, ou uma leitura

¹⁵ CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 220.

¹⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s./d. _____. "As práticas da leitura". In: ARIÈS, Philippe e DUBY, George, Orgs., *História da vida privada; da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. vol. 3. p.113-162.

¹⁷ CHARTIER, Roger. "O mundo como representação". *Estudos avançados*, São Paulo, v.11, n. 05, p. 173-191. 1991. p. 178.

¹⁸ DARNTON, História da leitura... p. 217.

autorizada do texto"¹⁹ e pelo entendimento da apropriação feita pelos leitores reais que rompiam com essa tentativa de ortodoxia. Nas palavras de Chartier, "o essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos - sob formas impressas possivelmente diferentes - podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos".²⁰

Porém, se para Darnton, há um "método antropológico" - baseado em grande parte no trabalho de Clifford Geertz²¹ - permeando a busca por universos mentais encobertos pelo tempo, Roger Chartier criticou-o, questionando o pressuposto de que "as ordens simbólicas são organizadas num 'sistema' [pois] isso implicaria coerência e interdependência entre elas, o que por sua vez pressupõe a existência de um universo simbólico comum e unificado".²² Chartier está apontando para a pluralidade de práticas que podem ter envolvido a leitura no passado.

No presente trabalho, a busca por uma certa história da leitura desenvolveu-se contra o pressuposto, de uma cultura unificada. A leitura individual pressupõe a criação de particularidades quanto ao universo simbólico ao qual os leitores estão expostos. Cada leitor apreende de suas leituras determinados elementos que não são necessariamente os mesmos de seu vizinho de cadeira na biblioteca pública. E essas diferenças surgem quando, por sua vez, eles deixam os *seus* próprios escritos, em revistas periódicas, jornais e em novos livros que vão, eventualmente, somar-se àqueles que foram lidos por eles naquela mesma biblioteca.

Desse modo, se pudemos estabelecer um determinado *corpus* de obras que podem nos indicar como os freqüentadores da BPPR poderiam possivelmente adquirir informações a respeito da sexualidade e seus diversos aspectos,

¹⁹ CHARTIER, Textos... p. 215-226.

²⁰ CHARTIER, O mundo... P. 181.

²¹ Ver: DARNTON, *O grande massacre de gatos...*; GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: 1973 e HUNT, Lynn. Apresentação, In: _____. *Nova história cultural...*

²² HUNT, Apresentação... p. 16.

estabelecermos como e porque eles recorreram a essas obras é um trabalho mais delicado. Isso deve-se em grande parte à dificuldade de encontrar-se mais leitores que, como Raul Gomes, deixaram vestígios suficientes de seu pensamento e dos livros que leram durante sua vida.

Mas a própria existência e as consultas às obras de Mantegazza e Garnier, por exemplo, podem nos dar uma boa idéia de qual tipo de informação sobre a sexualidade os leitores buscavam. Nesse sentido, podemos nos perguntar por que esses leitores buscavam *A higiene do amor* com muito mais frequência do que *O amor na humanidade*, (com apenas duas consultas em todo o período) ambas do mesmo Mantegazza. Não cremos ser errôneo supor que os leitores, em sendo jovens estudantes, estivessem mais interessados em conhecer os mecanismos de sua própria sexualidade do que aqueles dos zulus ou dos indianos, posto que a identificação que tinham era essencialmente com a Europa e não com a África e a Ásia.

Assumindo, a partir do trabalho de P. Gay,²³ que a experiência - e a troca de experiências - fosse a melhor fonte de informações nesse tocante, esses leitores buscavam nos manuais médicos as explicações que a ciência podia oferecer sobre sua sexualidade a partir dessa mesma experiência. Os livros médicos serviam como manuais de educação sexual que explicavam, limitavam e regulamentavam os comportamentos e as obras de literatura proporcionavam parte da "experiência" que esses leitores poderiam adquirir, pois, ainda segundo P. Gay:

O Ato de ler ocupa todas as principais instituições da mente: provoca o id ao simular a satisfação dos instintos, lisonjeia o ego com belezas formais, aplaca o superego ao incluir o leitor numa comunidade moral invisível em que é feita justiça aos maus e aos inocentes ou (o que satisfaria a mais perseguidora das consciências) em que o sofrimento assola a todos como parte da condição humana. Os prazeres trazidos pela leitura advêm do fato de ser uma atividade

²³ GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud; a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

econômica, no sentido psicanalítico do termo: ela encerra, com um gasto de energia bem inferior ao que seria exigido pela ação na realidade, aventuras esplêndidas e prazeres proibidos, e tudo com pouquíssimo risco para o consumidor.²⁴

Leitores como Oscar Martins Gomes e Manoel Lacerda Pinto, que deixaram em sua própria obra representações do amor que buscavam não só uma felicidade romântica, mas essencialmente calcada no "verdadeiro" e "puro" amor, não nos legaram registros suficientes - dentro dos vários recortes feitos para essa pesquisa em particular - que pudessem permitir-nos afirmar que tais idéias vêm deste ou daquele autor a cujas obras eles tiveram acesso na BPPR.

O espectro de possibilidades é, nesse caso muito vasto, apesar das restrições impostas sobre o material empírico além das que ele já oferecia. Em um extremo, temos leitores que buscaram os livros - e as informações - que nos interessam, sem jamais deixar indícios de como e porque fizeram isso. Deusdedit Moura Brasil é um outro exemplo de leitor completo, porém, como já vimos, sua obra confunde mais do que explica os porques de sua leitura.

Se tomamos a leitura do Dr. Santiago da literatura médica sobre a inversão sexual buscando apresentar a seus colegas da Sociedade Médica do Paraná os possíveis desdobramentos do suicídio de Genoveva Zebroska, temos novamente algumas relações quanto a como essa literatura poderia ter sido lida. Sendo médico, o Dr. Santiago havia sido educado para ler os escritos de seus colegas de profissão de modo profissional, e não como o jovem que quer esclarecimentos sobre seu próprio organismo e funções sexuais. Contudo, mesmo condenando a homossexualidade como "semi-loucura", anormalidade e psicose, sua conclusão trai um humanismo calcado na valorização da vida, abrindo mão inclusive das possibilidades de cura (que, de resto, ele sequer menciona) de Genoveva. Não podemos afirmar

²⁴ *Ibid.*, vol. 2, p. 145.

veementemente que tal deve-se à sua leitura da obra de Mantegazza, mas somos forçados a admitir a semelhança da conclusão do Dr. Santiago com a definição que Mantegazza dá à homossexualidade:

A sodomia *psychica* não é um vício, mas uma paixão. Paixão culpada, revoltante, odiosa, tudo quanto quizerem, mas uma paixão. Diziam-me esses sodomitas em sua confissão que li com os olhos raios de lágrimas, que amavam aos seus amantes com verdadeiro ciúme [...] beijam-se, tocam-se com a mais irresistível paixão. [...] A sodomia [ou a inversão] é, pois, uma enfermidade que exige ser estudada com a *compaixão e a indulgência do médico e do psychologo* [...]²⁵

Essa compaixão e indulgência é exatamente o que observamos no Dr. Santiago em suas considerações sobre a homossexualidade de Genevêva e como seu suicídio poderia não ter acontecido.

Dessa forma, como o Dr. Santiago, Oscar Martins Gomes, Raul Gomes, I. Serro Azul, e todos os leitores citados até agora, os freqüentadores da BPPR tinham ao seu dispor um vasto *corpus* de obras que podiam "instruir" seus comportamentos sexuais. Os leitores aqui mencionados nominalmente são uma pequena parcela do total de leitores, e esses, por sua vez, uma parte da sociedade curitibana. Todas as outras pessoas cujos nomes foram registrados pelo laborioso bibliotecário no livro de registros de consultas entre 1911 e 1918, devido a suas caracterizações genericamente definidas - homens, estudantes do Lyceu Paranaense, da elite econômica e intelectual local - tornaram-se, em grande parte, pessoas influentes, "formadores de opinião", que agiram sobre aquela mesma sociedade durante as décadas seguintes, deixando seus próprios indícios de vida em sociedade. O leitor anônimo é como o bibliotecário ficcional: ambos são os personagens principais desta história da leitura.

²⁵ MANTEGAZZA, Paolo. *O amor na humanidade: ensaio de uma ethnologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d. p. 132-3. / Sem grifo no original/.

Raul Gomes proporcionou-nos a possibilidade de deduzir uma influência de suas leituras quanto a suas opiniões sobre a emancipação feminina e quanto ao divórcio, que mudam após um longo período de tempo. Pode ser mera coincidência que nesse ínterim ele tenha retirado da BPPR, por várias vezes, um livro de um autor que faz, no final do século XIX, uma apologia do divórcio e uma condenação da superioridade masculina, mas seria de todo errado vermos aí uma influência de sua leitura?

A BPPR oferecia uma grande quantidade de livros que devem ter contribuído na educação sexual e emotiva de seus jovens leitores - em sua maioria do sexo masculino - que lá foram, entre a poeira e as traças, aprender sobre quase tudo, inclusive sexualidade. Essa apreensão é o que se tentou recuperar nesse trabalho, na busca de reconstrução de alguns dos "mundo perdidos" da leitura no passado.

Se o primeiro passo para este trabalho foi recuperar o registro do que era lido, quando e quem o lia, o passo seguinte buscou o porquê e o como se lia. No caminho, passou-se pelos leitores implícitos e reais de diversas obras.

De tudo isso, ressalta a necessidade que essas pessoas do início do século sentiam em informar-se sobre a sexualidade, em buscar descrições de amores idealizados, descrições de relações ilícitas e de situações de extrema sensualidade. Também buscavam transmitir suas próprias elaborações literárias em sonetos e quadras, contos e crônicas.

Finalmente, resta-nos perguntar qual contribuição uma tal história da leitura pode dar à história da sexualidade e aquela que ambas podem fornecer à compreensão dos processos históricos formadores de nossa própria sociedade.

Reconstruirmos o universo de informações sobre a sexualidade disponíveis em um único local e procurado por uma parcela da sociedade, através da

reconstrução da própria produção dessas informações, não é de modo algum verificarmos os comportamentos reais dos leitores quanto à sexualidade. Para tanto seria necessário, como já foi dito, buscar as histórias de vida desses leitores em aspectos virtualmente impossíveis de serem verificados, à exceção de seus casamentos. Porém, ao vermos como aquelas informações eram processadas nos escritos dos leitores, tornou possível traçarmos uma parte do idioma geral da cultura através de expressões individuais de gosto, curiosidade ou assimilação quanto aos livros procurados pelos leitores da BPPR. Se este trabalho atingiu ao menos esse objetivo, cremos já ter contribuído para uma melhor compreensão da sexualidade no passado, e, em virtude disso, para uma melhor compreensão dos mecanismos que regem a multi-facetária sexualidade do final do século XX.

NOVAMENTE O BIBLIOTECÁRIO

Sexta-feira, 25 de outubro de 1918. Nosso bibliotecário volta à cena, saindo de casa pela manhã para encaminhar-se para a BPPR. Nesse ano, ele era definitivamente o senhor Reginaldo dos bilhetes que lhe mandava Sebastião Paraná, então diretor da BPPR. Mantê-lo como personagem fictícia, sem buscarmos mais detalhes sobre ele, será um melhor recurso de estilo.

Ao deixar sua casa a caminho do trabalho, deparar-se-ia com um cenário pouco diferente daquele visto por ele no dia 02 de maio de 1911. As mudanças na paisagem urbana não foram muitas. Mais ruas estavam calçadas em 1918 do que em 1911, mas a lama e a poeira persistiam. Alguns automóveis já circulavam, mudando o ritmo do próprio andar pela cidade e aumentando os novos sons, que iam somar-se aos engraxates que Nestor Victor considera como novidade em 1913.¹

Porém, ao contrário da agitação febril que existia em 1911, a cidade estava sombria, eletrizada pela possibilidade do final da longa guerra na Europa, na qual alguns paranaenses lutavam.² Quando, seguindo seu velho hábito de pelo menos sete anos, o bibliotecário se sentasse em um café para ler o jornal do dia, as manchetes da primeira página diriam respeito à guerra e seu possível desenlace. Entre *A Inglaterra exigirá a evacuação da Alsacia e Lorena para Concessão do armistício* e *O papa intercede para que a Bélgica não seja destruída pelos alemães*, o bibliotecário/leitor teria à sua disposição todos os últimos telegramas com notícias sobre o conflito.

¹ VICTOR, Nestor. *A terra do futuro; impressões do Paraná*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

² O *Diário da Tarde*, de 25 de outubro de 1918, dá a notícia de que Pedro Bevilacqua, nascido no Paraná, está lutando no front italiano e publica uma carta sua a sua mãe. *Diário da Tarde*, Curitiba, p.1, 25/out./1918,

Nesses dias, a iminente derrota dos alemães era apregoada através de notícias da tomada de *Bois de Foret* pelo exército americano e da provável libertação de Bruxelas. O império Austro-Húngaro dá sinais evidentes de esfacelamento, enquanto a "maldade" dos alemães em retirada, "se manifesta em toda a costa belga".³

A Primeira Grande Guerra foi surpreendente para os europeus, à exceção de uns poucos observadores civis. Por certo também o foi para a maioria dos curitibanos. O jogo de alianças que os países europeus vinham desenvolvendo desde o final do XIX - Tríplice Aliança e Entente Cordiale - reflete antigas rivalidades políticas e disputas econômicas. A paz armada, de certa forma, revela um certo cuidado contra um possível conflito generalizado no continente. Ao mesmo tempo, reflete uma clara preocupação das antigas e novas potências, quanto aos interesses de mercado, disputas de fronteira ou corridas colonialistas. Neste sentido, a guerra não era de todo improvável. Tendo ocorrido, a derrota dos Impérios centrais - alemão, austro-húngaro e turco - fez-se acompanhar de acusações sobre os responsáveis pelo conflito. Os jornais curitibanos de 1918 aderem à tentativa de atribuir à Alemanha toda a culpa pela guerra, da mesma forma que os aliados, poucos meses depois, quando impuseram o Tratado de Versalhes à uma Alemanha humilhada. Cabe ainda destacar que a partir da guerra de 1914-18 que a morte maciça passa a fazer parte do cotidiano das sociedades do século XX:

Antes de 1914, as únicas quantidades medidas em milhões, fora as da astronomia, eram praticamente as populações dos países e os dados da produção, do comércio e das finanças. A partir de 1914, nos acostumamos a ter números de vítimas de tais magnitudes: as guerras, mesmo localizadas [...] o número dos que são levados à imigração forçada ou ao exílio, e até o dos massacrados em genocídios [...] sem contar os que morrem por causa da fome e das epidemias.⁴

³ *Ibid.*

⁴ HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 454.

Nesse mês de outubro, a guerra está em seu final. No dia 23, o presidente Wilson, dos Estados Unidos, exigira a abdicação do imperador ou uma capitulação incondicional. Nos meses seguintes, a Alemanha entrará em convulsão e em guerra civil até as negociações de paz em Versalhes, em janeiro de 1919.⁵

Além da experiência traumática da "guerra de trincheiras" e da morte maciça, resultante inclusive do emprego de novas armas, novas epidemias assolavam a Europa e preocupavam o mundo ocidental. É o caso da gripe espanhola, assunto de grande interesse e preocupação no Brasil, pois a epidemia atingira a capital federal com grande impacto. Quanto aos paranaenses, temiam que ela chegasse a Curitiba. O estado de saúde das famílias e dos estudantes paranaenses no Rio de Janeiro é acompanhado cuidadosamente. "As famílias paranaenses continuam a melhorar, estando em convalescência todos os patricios que se achavam atacados desse mal". Mas alguns morrem, provocando pesar nos que aqui permaneceram.⁶

Mais que essa preocupação com os amigos no centro da epidemia carioca, havia a preocupação com a vinda da própria epidemia, que ainda não chegara até esse mês de outubro. Em uma crônica do *Diário da Tarde*, relata-se a visita do escrivão de óbitos, que não registrara nem uma única morte em Curitiba nos três dias anteriores. Porém, as autoridades sanitárias, seguindo recomendações das suas equivalentes cariocas e paulistas, preparam-se para a epidemia. A principal recomendação é que "se evite aglomeração, principalmente à noite, afim de impedir a propagação da [...] epidemia ora reinante em diversas localidades do paiz [...]."⁷ Nesse sentido, o prefeito decide, "como medida preventiva contra a invasão dessa epidemia, suspender o funcionamento dos cinemas e outras casas".⁸

⁵ RICHARD, Lionel. *A república de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 305-6.

⁶ *Diário da Tarde*, Curitiba, 25/out./1918.

⁷ *Ibid.*, p. 3, 25/Out. /1918.

⁸ *Ibid.*, p. 3

Nosso bibliotecário e toda a sociedade curitibana, ver-se-iam, por um bom tempo, privados de sua principal diversão, há quase duas décadas deliciando-os cotidianamente. Tal medida gera diferentes reações. A do colunista Gastão Faria, no dia seguinte, é de apoio à decisão, mas de crítica à abrangência, pois "fecham-se os cinemas, mas que também abertas não continuem as igrejas"⁹, decisão que havia sido efetivamente tomada pelo prefeito naquele mesmo dia 25. Ainda que a proibição dissesse respeito a todas as religiões, ela foi restrita ao feriado católico de finados, proibindo também as romarias aos cemitérios.¹⁰ Assim, subitamente, a cidade perde as principais ocasiões de convivência social, religiosas ou de entretenimento, que até a noite anterior haviam acompanhado os habitantes de Curitiba. Perde também as festas de casamento que ocorriam preferivelmente nos sábados, após as cerimônias religiosas.¹¹

Nosso personagem, a quem supomos um admirador da vida noturna e um *flâneur*, deve ter sentido a ordem do prefeito sobre o fechamento dos cinemas com pesar. Mas, enfim, as epidemias são passageiras, ainda que terríveis.

Na Biblioteca, ele teria um dia relativamente calmo. Talvez ele tivesse que repreender alguns jovens leitores ou leitoras, como fará no dia 14 de agosto de 1919, com as alunas do primeiro ano da Escola Normal, América Silva e Noemia Pedrosa, a quem ele advertiu "várias vezes para que [mantivessem-se] com decência no recinto da Biblioteca". As mulheres passam a frequentar a BPPR com uma assiduidade cada vez maior. Ainda que seus nomes comecem a surgir já em 1914, como é o caso de Etelvina Nigro, que consulta *O Guarani*, de Alencar, nos dias 07 e 23 de julho, é a partir de 1917 que elas surgem com mais frequência, mesmo dentro dos parâmetros

⁹ *Diário da Tarde*, Curitiba, 26/out./1918.

¹⁰ *A República*, Curitiba, 25/out./1918.

¹¹ CARDOSO, Jaime Antonio e NADALIN, Sérgio Odilon. "Os meses e dias de casamento no Paraná". *História: Questões e Debates*, Curitiba, v. 3, n. 05, p. 105-130. dez./1982. Ver também: PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. *Casos em Curitiba: nupcialidade e normatização populacional (1890 - 1921)*. Curitiba: 1989. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná.

estabelecidos pela pesquisa explicitados na introdução. Os nomes se sucedem. Em 1915, Anita Albach lê *O moço loiro* e *O culto do dever*, de Macedo; Maria da Luz Ferreira lê *O forasteiro*, do mesmo autor e Thereza Zanella consulta *O moço loiro*. Os nomes continuam a surgir tímidos em 1916 e 1917, para, em 1918, tornarem-se mais constantes: Maria de Albuquerque, Henriqueta Assumpção, Clotilde Azevedo, Maria Hercília de Azevedo, Lúcia Bastos, Alda Braga, Heloynia Camargo, Delpheia Carneiro, Valéria Cava, Clotilde de Quadros, etc... Elas lêem essencialmente as obras de Manoel de Macedo e José de Alencar, ainda que outros autores não tenham sido contemplados nessa parte da pesquisa.

Nesse dia 25, dentre as 13 pessoas que foram à BPPR, sete retiraram obras de consulta local como dicionários e enciclopédias e oito retiraram obras abrangidas pela pesquisa. Leopoldo Beltezab consulta *O Guarany*; Alcides Ferreira da Silva, *O Ermitão da Glória*; Edmundo Bardhal, *O moço loiro*; Alceu de Albuquerque, *A baronesa do amor*; Hernani Guarita Cartaxo, *A casa de pensão*; Achilles Muggiati, *O homem*; Manoel Linhares de Lacerda, *O Cortiço* e Raul Gomes, *A geração universal nos dous sexos*, do Dr. Garnier.

Podemos supor que o bibliotecário tenha atendido todos esses leitores com o mesmo empenho de sempre, provavelmente entregando a alguns deles obras que o diretor da biblioteca, Sebastião Paraná, solicitava em seus bilhetes :

Ao senhor Reginaldo.
Entregue ao portador deste o Dicionário Inglês por algumas horas.
S. Paraná. 17-4-18.

Sr. Reginaldo.
Mande-me todos os números da *Época*.
S. Paraná. 17-8-18.

Apesar das intervenções do diretor da Biblioteca, a situação geral da BPPR não mudara muito de 1911 para 1918. Escrito em 1920, um artigo apócrifo da

Gazeta do Povo, faz uma descrição da BPPR semelhante em muitos pontos, com o artigo de 1911 publicado em *O Paraná* citado no primeiro capítulo.¹²

De forma semelhante ao artigo de 1911, aquele de 1920 inicia falando sobre a importância dos livros e da leitura na educação e formação de um povo, dizendo que "a preocupação constante dos governos [deveria] ser o maior cuidado em promover meios de educação e cultura para o povo que superintende". O engrandecimento da pátria passa pelo "cultivo" e o aperfeiçoamento da cultura de seus habitantes. Dessa forma, "a grandeza da pátria [...] é consequência imediata e correlata do cultivo literário e intelectual de seus filhos [...].¹³ O autor lamenta ainda que Curitiba não disponha de uma biblioteca pública condigna.

[...] Aqui entre nós, em nossa terra, onde até a instrução superior é verdade, doloroso é confessar-se, ressentido a nossa cidade de uma Bibliotheca Pública, onde o nosso povo, ávido de saber, ansiosos de instruir-se, possa haurir conhecimentos em livros reputados e caros e que se não acham aos seu alcance.

Sobre a biblioteca existente na época, o autor comenta com ceticismo:

Dizem que temos uma Bibliotheca. Esta, porem, sem a organização que deveria ter, incompleta, desprezada pelo poderes públicos, sem verbas para o custeio de seu reduzido accervo Bibliographico, não satisfaz ás nossas necessidades, não preenche os fins para que fora instituída.

Alojada em lugar inadequado, jogada ao abandono, é frequentada quasi que exclusivamente por alunos inscriptos no estabelecimento em que funciona, sem o conforto e sem os requisitos indispensáveis a semelhante instituição.¹⁴

¹² "Bibliotheca Pública". *O Paraná*, Curitiba, a.VI, n. 47, p. 1, 24/abr./1911. "A nossa Bibliotheca" *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 1, 26/ago./ 1920.

¹³ "A nossa Bibliotheca" *Gazeta do Povo*, Curitiba, p. 1, 26/ago./ 1920.

¹⁴ *Ibid.*

De fato, a situação da Biblioteca se degradara entre 1911 e 1918. Contra os 990 títulos e 2.197 volumes constantes no catálogo de 1911, o catálogo de 1919 traz apenas 590 títulos com 769 volumes. As obras reunidas sobre a rubrica "literatura e arte", diminuíram de 343 título com 659 volumes para 122 e 276, respectivamente. História, que em 1911 contava com 128 títulos e 502 volumes, caiu para 56 títulos e 118 volumes. Isso ocorre com todas as subdivisões de assunto, à exceção de medicina, cujos títulos aumentaram de 57 em 1911 para 187 em 1919, passando de 97 para 245 volumes (ver Gráfico II).

Ao mesmo tempo que o acervo diminuía, a frequência à biblioteca variava, com um aumento absoluto entre 1911-18. Em 1911 apenas 424 consultas foram feitas, em 1912 esse número já é de 1160, caindo para 806 em 1913, 1480 em 1914, 765 em 1915, 1029 em 1916, 2085 em 1917 e 1580 em 1918 (ver Gráfico I). Justifica-se a exigência feita em 1911 e repetida em 1920 por uma biblioteca que pudesse satisfazer a população letrada curitibana pela própria demanda crescente por livros que se verifica na BPPR que, como já foi dito, era apenas uma das bibliotecas da cidade, e muito provavelmente não era a melhor. Esse demanda só será satisfeita no início da década de 1950, quando Bento Munhoz da Rocha, um governador que saiu do mesmo meio que os jornalistas e os leitores da BPPR, tomou a iniciativa de fazê-lo.

Assim, provavelmente nosso personagem via-se mais e mais vezes, constrangido a explicar a seus leitores que alguns dos títulos desejados não mais existiam no acervo da biblioteca, ainda que restassem livros suficientes para satisfazer boa parte dos estudantes que lá iam constantemente.

O nosso personagem, naquele dia 25 de outubro, fecharia a biblioteca, cada vez mais procurada, e sairia à rua onde veria as pessoas a caminhar. Entre elas estariam seus leitores, misturados com a multidão de imigrantes e pobres que perfazia

a maior parte da população e para quem os livros empoeirados da BPPR talvez não significasse nada além de uma misteriosa coleção de informações inacessíveis, seja por serem iletrados, seja por não conhecerem a língua na qual a maior parte das obras estava escrita.

À noite, o bibliotecário, irrequieto por não poder ir aos locais onde costumava encontrar as pessoas às sextas-feiras, sem o medo da epidemia ainda fora de Curitiba, poderia ter saído a passear pela cidade. Ficaria surpreso ao ver que, como ele, todas as pessoas também não se deixaram ficar em casa, afluindo, "em sua grande maioria, para os cafés, confeitarias e bares, enchendo-os totalmente, o que não se verifica nos outros dias." A medida tomada pelo prefeito não surtiu efeito pois, "o povo, não alarmado pela perspectiva da epidemia, dificilmente se deixará ficar em casa, preferindo ir respirar novos ares pelas praças públicas, cafés, restaurantes confeitarias e bars [...]"¹⁵

Esse cenário seria radicalmente mudado menos de um mês depois, quando a epidemia finalmente chega a Curitiba e as pessoas começam a morrer em grande número pelo "mal epidêmico corrente". Os jornais trazem cerca de meia dúzia de obituários por dia menos de um mês depois do alegre passeio dos curitibanos pelas praças da cidade. Agora o medo da epidemia esvaziara as ruas por completo, e as pessoas choravam seus mortos. Alguns dos nossos leitores morreram nesse mês, como Augusto Stresser, no dia 17 de novembro. Outros perderam suas esposas, irmãos e filhos.

Guerra e epidemia. 1918 marca o fim de nosso trabalho. A conjuntura da Primeira Grande Guerra marca também o fim do século XIX. A guerra "como uma tempestade, [...] rompeu com o abafamento da espera e limpou o ar. Significou o fim da superficialidade e da frivolidade da sociedade burguesa, do tedioso gradualismo da

¹⁵ FARIA, Gastão. "Do meu canto". *Diário da Tarde*, 26/10/1918, p.1.

melhoria do século XIX, da tranquilidade e da ordem pacífica que era a utopia liberal para o século XX [...]".¹⁶

O final deste trabalho coincide com o fim da semana de trabalho do bibliotecário e com amostras do que o século XX nos reservava. Nosso bibliotecário, como homem do século XIX, como *flâneur* acostumado a observar a multidão, como liberal que acreditava na neutralidade e onipotência da ciência, ainda que projetando as soluções para o futuro, não poderia sobreviver às mudanças ocorridas de forma tão deslumbrante na técnica que levaram, ao mesmo tempo, à melhoria da vida material e à destruição em massa da guerra. Ele como personagem de ficção que é e como centenas de pessoas reais, ricas e pobres, brasileiras e imigrantes, letradas e analfabetas, morre na epidemia de 1918, deixando vago seu cargo na Biblioteca Pública do Paraná.

¹⁶ HOBSBAWM, ... p. 450.

GRÁFICO I

Frequência à BPPR - 1911-18

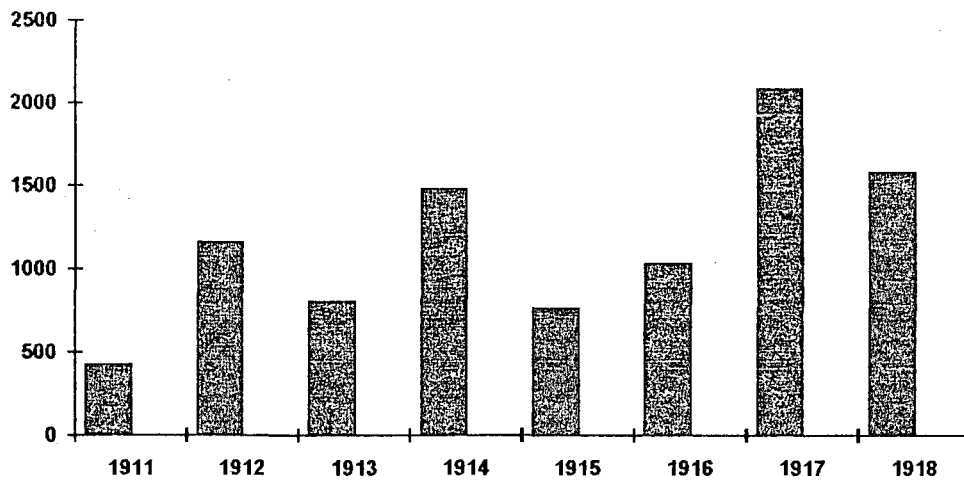
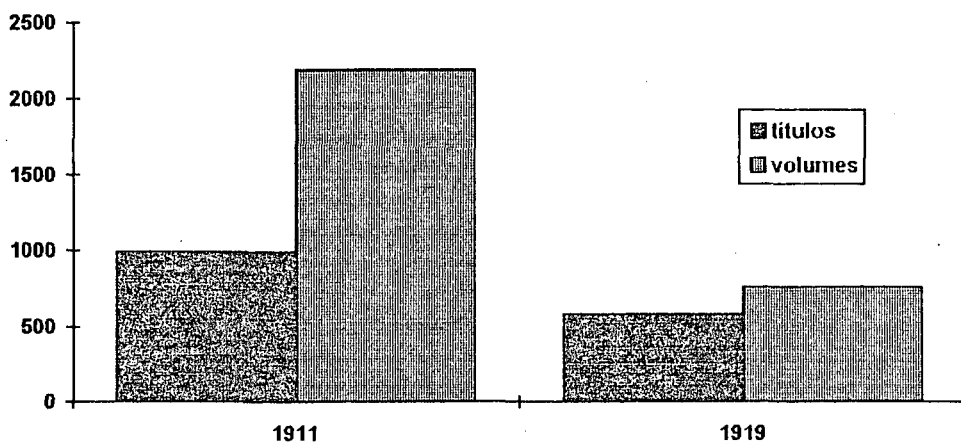


GRÁFICO II

Acervo da BPPR em volumes e títulos



FONTES

Livros:

- ALENCAR, José Martiniano de. *O ermitão da glória*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *O garatuja*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *Diva*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *O jesuíta*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.
- _____. *As minas de prata*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- AZEVEDO, Aluisio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., 1951.
- _____. *Demônios*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- _____. *Casa de pensão*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- _____. *O coruja*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- _____. *O homem*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- _____. *O mulato*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- CORREIA, Ildelfonso Pereira. *Lilazes*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- COUTINHO, Afranio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955.
- GARNIER, Pierre. *Impotencia physica e moral no homem e na mulher*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *La génération universelle; lois, secrets et mysteres chez l'homme et chez la femme*. Paris: Garnier, 1890.
- _____. *O casamento nos seus deveres, suas relações e seus efeitos conjugaes*. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.
- _____. *Onanismo so e a dous; sob todas as suas formas e conseqüências*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.
- _____. *A esterelidade humana e o hermafroditismo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.
- HIRSFELD, Magnus. *Die homosexualität des Mannes und des Weibes*. Berlin, 1914.
- GOMES, Raul. *Instrução pública no Paraná*. Curitiba: S./ed., 1914.
- _____. *Histórias rudes*. Curitiba: A República, 1915.
- _____. *Ação e civismo*. Curitiba: João Haupt, 1918;
- _____. *O milho no Paraná*. Curitiba: Globo, 1918.
- _____. *A trigocultura no Paraná*. Curitiba: s./ed., 1918.
- _____. *O desespero de Chan*; narrativa romântica. Curitiba: Graphica Paranaense, 1926
- LOYOLA, L.M. *Trabalhos Porenses*. Curitiba: Empresa Graphica Paranaense, 1922.

- MACEDO, Joaquim Manoel de. *Os dois amores*. São Paulo: Melhoramentos, s./d.
- _____. *A namoradeira*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *O rio do quarto*. São Paulo: Melhoramentos, s./d.
- _____. *A baronesa de amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *A luneta mágica*. São Paulo: Saraiva, 1961.
- _____. *O moço loiro*. São Paulo: Saraiva, 1971.
- MANTEGAZZA, Pablo. *Higiene del amor*. Barcelona: Casa Editorial Maucci, s./d. / 2. vol./
- _____. *Physiologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *O amor na humanidade; ensaio de uma ethnologia do amor*. Rio de Janeiro: Garnier, s./d.
- _____. *As três graças; amores platônicos*. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1913.
- _____. *Arte de escolher marido*. Lisboa: Clássica, 1935.
- MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854 a 1907*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1908.
- MOURA BRASIL, Aldamira e MOURA BRASIL, Deusdedit. *Maria Salomé; sonetos*. Curitiba: Moderna, 1925.
- POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- QUEIROZ, Eça de. *O crime do padre Amaro; scenas da vida devota*. Porto: Chardron, 1901.
- _____. *A cidade e as serras*. Porto: Chardron, 1903.
- _____. *As minas de Salomão*. Porto: Lello e Irmão, 1947. / *Obras completas*, vol XII/.
- _____. *Cartas da Inglaterra*. Porto: Lello & Irmão, 1949.
- _____. *Eça entre os seus (cartas intimas)*. Porto: Lello & Irmão, 1949.
- _____. *O primo Basílio*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- RABECÃO, Jeca (CORREIA, Ildelfonso Pereira). *Viva o tango!* Curitiba: Placido e Silva, 1927.
- RELATÓRIO apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 30 de outubro de 1886 pelo Presidente da Província Dr. Joaquim d'Almeida Faria Sobrinho. Curitiba: Typ. da Gazeta Paranaense, 1886.
- ROMERO, Sílvia. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- QUADROS, Lupion. *Reportagens retrospectivas*. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1942.
- Regimento da Bibliotheca Pública do Paraná, 1886.
- UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral de 1913*. Curitiba: 1913.
- VICTOR, Nestor. *A terra do futuro; impressões do Paraná*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1913.

Jornais e revistas

O OLHO DA RUA, Curitiba, 1907-1911.¹

O PARANÁ, Curitiba, 1911.

DIÁRIO DO COMMERCIO, Curitiba, 1911.

A REPÚBLICA, Curitiba, 1911, 1918.

O FUTURO, Curitiba, 1892.

A DIVULGAÇÃO, Curitiba, 1952-53.

CLUB CORITIBANO, Curitiba, 1890-1918.

O SAPO, Curitiba, 1898-1899.

FANAL, Curitiba, 1911-1913.

A ESCOLA, Curitiba, 1907-1909.

PARANÁ MÉDICO, Curitiba, 1914-16.

DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 1918.

GAZETA DO POVO, Curitiba, 1920.

¹ Os anos anotados referem-se àqueles levantados na pesquisa, e não ao início e fim da publicação, exceto no caso de *Fanal* e *O Olho da Rua*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amor e sexualidade no ocidente*. Porto Alegre: LP&M, 1992. / Número especial da revista *L'histoire*.
- ARIÈS, Phillippe. "O amor no casamento", In: _____ & BÉJIN, André, orgs. *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.153-62.
- _____, e DUBY, George, Orgs., *História da vida privada; da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. vol. 3
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado; o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENKENDORF, Carlos Augusto. "Embriaguez, desordem e controle social em Curitiba". *Boletim do Departamento de História, Curitiba*, a.1. n.01, p. 73-94, mar./1988 / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.
- BERBERI, Elizabete e RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A "urbs" viciosa; a crônica está além da notícia*. Curitiba, 1992. Monografia, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- BOLOGNE, Jean Claude. *História do pudor*. Rio de Janeiro: Elfos, 1986.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 35-68, set./1985-abr./1986.
- BROWN, Judith C. *Atos impuros; a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BURKE, Peter, org., *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CARDOSO, Alcina de Lara e ARAÚJO, Sílvia Pereira. *Primeiro de Maio; cem anos de solidariedade e luta - 1886-1986*. Curitiba: Beija-Flor, 1986.
- _____. *Jornalismo e militância operária*. Curitiba: Editora da UFPr, 1992.
- CARDOSO, Jaime Antonio e NADALIN, Sérgio Odilon. "Os meses e dias de casamento no Paraná". *História: Questões e Debates*, Curitiba, v. 3, n. 05, p. 105-130. dez./ 1982.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas; o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Eros travestido. um estudo do erotismo no realismo burguês brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, 1985.
- CHARTIER, Roger. *A História cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s./d.
- _____. "O mundo como representação". *Estudos avançados*, São Paulo, v.11, n. 05, p. 173-191, 1991.
- _____. "As práticas da leitura". In: ARIÈS, Phillippe e DUBY, George, Orgs., *História da vida privada; da Renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. vol. 3. p.113-162.
- _____. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn, org. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

- CORBIN, Alain. "A pequena bíblia dos jovens nubentes". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 201-11.
- CORDIOLLI, Marcos Antonio. O olhar de um ponto diverso; as gênesis de um idílio; a trajetória de Dario Vellozo (1890-1909). *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 5-26, mar./1988 / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos; e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *Boêmia literária e revolução; o submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. "História da leitura". In: BURKE, Peter, org., *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 199-236.
- _____. *Edição e sedição; o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DE BONI, Maria Ignês Mancini. *O espetáculo visto do alto; vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo.
- DECKER, Hannah. "Freud and Dora; constraints on medical progress". *Journal of Social History*, v.14, n.03, p. 445-64, spring/ 1981.
- DEGLER, Carl. "What ought to be and what was; women's sexuality in the nineteenth century". *American Historical Review*, v.79, n.05, p. 1467-1490. dec./1974.
- _____. *At Odds; women and the family in America from the Revolution to the present*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- DELUMEAU, Jean. *Le catholicisme entre Luther et Voltaire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.
- DENIPOTI, Cláudio. *A cidade e as roupas; moda e vestuário em imagens fotográficas*. Curitiba: 1990. Monografia, Departamento de História. Universidade Federal do Paraná.
- _____. "Sexualidade e historiografia; considerações sobre a sexualidade no século XIX". *História: Questões e Debates*, Curitiba, a. 12, n 22/23, p. 78-87, jun.-dez./1991.
- _____. "História e sexualidade na produção historiográfica brasileira da década de 1980". *Revista de ciências humanas*, Curitiba, a 2, n.02, p.133-51, 1993.
- DICIONÁRIO histórico-biográfico do Estado do Paraná*. Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991.
- ENGEL, Magali G. "O médico, a prostituta e os significados do corpo". In VAINFAS, Ronaldo, org. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 169-90. p.190.
- _____. *Meretrizes e doutores; o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro, 1845 a 1890*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FLANDRIN, Jean Louis. *Families in former times; kinship, household and sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- _____. *O sexo e o ocidente; evolução das atitudes e dos comportamentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade; vol. I, a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GANZ, Ana Maria e GANZ, Ângela Lúcia. "A 'questão do leite' em Curitiba; o saber preventivo e a resistência cotidiana". *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 27-46, mar./1988. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.

- GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud; a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud; a paixão torna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GEERTZ, Clifford. *The interpretation of cultures*. New York: 1973.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes; o cotidiano e as idéias de um molciro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: _____. *Mitos, emblemas e sinais; morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 143-80.
- GOLDENSON, Robert M. e ANDERSON, Kenneth N. *Dicionário de sexo*. São Paulo: Ática, 1989.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HULL, Isabel V. "The bourgeoisie and its discontents; reflections on 'nationalism and respectability'". *Journal of Contemporary History* v.17, n 02, p. 247-68, apr./1982. / Special Issue on sexuality in history/.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIMA, Lana Lage da Gama, org. *Mulheres, adúlteros e padres; história e moral na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero; a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MACFARLANE, Alan. *História do casamento e do amor; Inglaterra, 1300-1840*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *José de Alencar e sua época*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL. 1977.
- MEDINA, João. *Eça de Queiroz e seu tempo*. Lisboa: Horizonte, 1972.
- MEZZOMO, Diva da Conceição Ribas. *Médicos e educadores; a disciplinarização da família curitibana (1890-1930)*. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná.
- MOSSE, George L. "Nationalism and respectability; normal and abnormal sexuality in the nineteenth century". *Journal of contemporary history*, v. 17, n. 02, p. 221-246. apr./1982. /Sexuality in history/.
- PECHMAN, Sérgio e FRITSCH, Lilian. "A reforma urbana e seu avesso; algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 139-196, set./1985-abr./1986.
- PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. *Casar em Curitiba: nupcialidade e normatização populacional (1890 - 1921)*. Curitiba: 1989. Dissertação (Mestrado em história). Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Fazendeiros, industriais e não morigerados; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense. (1829-1889)*. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história; operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- POE, Edgar Allan. "The man of the crowd". In: *The complete tales and poems of Edgar Allan Poe*. New York: Modern Library, 1965.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar; a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os prazeres da noite; prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

- RICHARD, Lionel. *A república de Weimar (1919-1933)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHORSKE, Carl E. *Viena Fin-de-Siècle; política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- SEIDMAN, Steve. "A força do desejo e o perigo do prazer; a sexualidade vitoriana reconsiderada." *História: Questões e Debates*, Curitiba, a.12, n. 22/23, p. 45-77, jun.-dez./1991.
- SEVCENKO, Nicolau. "Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe". *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 69-83, set./1985-abr./1986.
- SHORTER, Edward. "Illegitimacy, sexual revolution and social change in modern Europe". *Journal of interdisciplinary history*, v. II, n. 02, P. 237-272, autumn, 1971.
- _____. *Naissance de la famille moderne*. Paris: Seuil, 1977
- SOARES, Luiz Carlos. "Da necessidade do bordel higienizado" In: VAINFAS, Ronaldo, org. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 143-68.
- STRAUBE, Ernani Costa. *O prédio do Ginásio; 1903-1990*. Curitiba: Secretária do Estado da Cultura, 1990.
- TOKARSKI, Célia Regina, BURKOWSKI, Marilíz e FEITOSA, Samara. "Contradições de uma sociedade: condutas desviantes e prostituição em Curitiba, de 1910 a 1916". *Boletim do Departamento de História*, Curitiba, a.1, n.01, p. 95-118, mar./1988. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba 1890-1920" - Série Monografias/.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias; mulheres de Curitiba na Primeira República*. São Paulo: 1992. Tese (Doutorado em história). Universidade de São Paulo.
- TYLOR, Peter. "Denied the power to choose the good; sexuality and mental defect in American medical practice". *Journal of Social History*, v. 10, n. 04, p. 472-89, summer/1977.
- VAINFAS, Ronaldo, org. *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *Tropico dos pecados; moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- ZELDIN, Theodore. "História pessoal e história das emoções". *História: Questões e Debates*, Curitiba, a.12, n.22/23, p. 30-44, jun.-dez./1991.